**LINA MARIA BRAGA MENDES**

# EXPERIÊNCIAS DE FRONTEIRA: OS MEIOS DIGITAIS EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Linguagem e Educação

Orientadora: Profª. Dra. Mary Julia Martins Dietzsch

**São Paulo**

**2009**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.36 Mendes, Lina Maria Braga
M538e Experiências de fronteira: os meios digitais em sala de aula / Lina Maria Braga Mendes; orientação Mary Julia Martins Dietzsch. -- São Paulo: s.n., 2009.
153 p. il. ; tabs. ; anexo

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Linguagem e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Tecnologia (Educação) 2. Hipermídia (Educação) 3. Blogs (Educação) 4. Gêneros literários 5. Novas tecnologias da comunicação 6. Inclusão digital 7. Tecnologia educacional I. Dietzsch, Mary Julia Martins, orient.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Lina Maria Braga Mendes

**EXPERIÊNCIAS DE FRONTEIRA: OS MEIOS DIGITAIS EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Linguagem e Educação

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. **MARY JULIA MARTINS DIETZSCH**

Instituição: **FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP** Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*A Mary Julia, mestra das cartilhas que nos ensinaram a escrever palavras, a engendrar frases, costurar textos e entoar canções que voam além dos rios do Jequitinhonha, para ecoar, aguadeiras, na lida das mulheres artesãs de Arassuaí.*

*Ao Colégio Ítaca, por permitir minhas ousadias, e a todos os amigos que fiz ali.*

## AGRADECIMENTOS

A Tiana e Humberto, por terem forrado de livros as paredes das casas em que vivemos.

A Yanaí, por suportar as minhas ausências e encher de flores os meus retornos.

A Júnia, pelo sal com que se suporta o tempo, pela música com que se toca a vida.

A Humberto Luís, por suportar os mandos e chantagens da irmã mais velha.

A Isbella, que enrolava meus negros cabelos com seu cafuné de avó e, agora, enrola os cabelos louros dos anjos do firmamento.

A meu padrinho Deraldo, por me ensinar tão cedo o significado da palavra saudade.

A minhas tias Alzira, Lia, Aparecida, e a Ermelinda, minha madrinha, por me adornarem a vida com cheiro de mato, piqueniques e pescarias.

A Priscille, hermanita, por estar na minha vida há mais tempo do que todos os meus amigos.

A Wônia, pelo café com canela, pelas incontáveis sessões de "papoterapia", pelo incentivo constante.

A Débora, por me apresentar à Faculdade de Educação, por me incentivar a ingressar no Mestrado, pela leitura atenta e crítica de meu projeto. Por Clarice.

A Edson, por segurar tantas vezes a minha mão.

A Mercedes, pela impagável presença nesses últimos tempos, pelos *Bloody Mary* telefônicos, pelo suporte, pela coesão, pela coerência.

A Angela, companheira de santo e de touradas.

A Wilma e Carlos, pelo carinho.

A Gerson e Eliane, pelos conselhos preciosos, no início deste Mestrado.

Ao Prazeres, por se tornar um velho amigo em tempo tão curto.

A Rossana, pelo *abstract* de última hora.

A Zezé, por ter inventado uma aula de Espanhol na 7ª série.

A Zuleika, pelo carinho de me incluir em seus projetos.

A Danni e Vitty, filhos postiços.

Aos amigos do grupo *Linguagem e Conhecimento,* pelos encontros, pelos cafés, pelo aprendizado. A Ana Maria e Stela, pelos conselhos e incentivo sempre tão presentes; a Luiz Carlos, pelo apoio e pelas respostas a quase todas as minhas perguntas burocráticas.

A Gustavo, pelas lições de hipermídia, pelo sorriso que ficará para sempre na minha memória.

Aos amigos que nunca mais vi e àqueles que pouco vi durante os últimos três anos, mas estiveram comigo todo esse tempo.

Às professoras Cida, Barbara e Maria Ângela, pelos depoimentos sobre seus trabalhos com meios digitais na escola.

Aos professores Adilson Citelli e Nelson Schapochnick, pelas valiosas críticas e sugestões, por ocasião do exame de qualificação.

Aos professores George França, Barbara Hoverter Facchini e Marina Muniz Rossa Nunes, suplentes da banca de defesa desta dissertação.

Às professoras Zuleika de Felice Murrie e Ana Maria Lima Teixeira, que compõem a banca de defesa desta dissertação.

A Mary Julia, por entender meus descaminhos.

*Pelo bater das asas que prenuncia a chuva, pelo passo firme no chão de terra molhada, pelo cheiro de planta quando a chuva vai,*

*obrigada.*

***Conta a lenda que dormia***
***Uma Princesa encantada***
***A quem só despertaria***
***Um Infante, que viria***
***De além do muro da estrada.***
***[...]***
***Mas cada um cumpre o Destino***
***Ela dormindo encantada,***
***Ele buscando-a sem tino***
***Pelo processo divino***
***Que faz existir a estrada.***
***[...]***
***E, inda tonto do que houvera,***
***À cabeça, em maresia,***
***Ergue a mão, e encontra hera,***
***E vê que ele mesmo era***
***A Princesa que dormia.***
(Eros e Psique - Fernando Pessoa)

***Daqui desse momento***
***Do meu olhar pra fora***
***O mundo é só miragem***
***A sombra do futuro***
***A sobra do passado***
***Assombram a paisagem***
***Quem vai virar o jogo***
***E transformar a perda***
***Em nossa recompensa***
***Quando eu olhar pro lado***
***Eu quero estar cercado***
***Só de quem me interessa***

***Às vezes é o instante***
***A tarde faz silêncio***
***O vento sopra a meu favor***
***Às vezes eu pressinto***
***E é como uma saudade***
***De um tempo que ainda não passou***
***Me traz o seu sossego***
***Atrasa o meu relógio***
***Acalma minha pressa***
***Me dá sua palavra***
***Sussurra em meu ouvido***
***Só o que me interessa***
***[...]***
(É o que me interessa - Lenine e Dudu Falcão)

***Por afrontamento do desejo***
***insisto na maldade de escrever***
***mas não sei se a deusa sobe à superfície***
***ou apenas me castiga com seus uivos.***
***Da amurada deste barco***
***quero tanto os seios da sereia.***
(Nada, Esta Espuma - Ana Cristina Cesar)

# RESUMO

MENDES, Lina Maria Braga. **Experiências de fronteira: os meios digitais em sala de aula.** 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O uso de novas tecnologias em sala de aula tornou-se foco da atenção de pesquisadores e instituições escolares. Além de a inclusão digital favorecer o acesso dos indivíduos à produção cultural, a presença dos meios digitais na escola tem se mostrado uma boa forma de encontro com um aluno que convive diariamente com computadores, celulares e uma infinidade de aparelhos eletrônicos. Ao adotarmos o uso de recursos digitais (como sites, blogs, e-mails, chats, podcasts e hipermídias) como modo de apresentação e divulgação de trabalhos e pesquisas escolares, apoio ao ensino, incentivo à discussão e ao debate, temos em mente que nosso aluno, nascido em meio às mudanças tecnológicas vivenciadas nos últimos 20 anos, demonstra afinidade com as linguagens que constituem o universo digital - o ciberespaço. Tendo em vista, pois, a importância da educação tecnológica para a promoção da inclusão digital, a crescente exigência de pais, alunos e intituições escolares para que a escola invista em tecnologia e no desenvolvimento das habilidades a ela relacionadas, nosso trabalho tem como objetivo avaliar e propor o uso, em Educação, de dois recursos digitais: hipermídias e blogs. Para tanto, apresenta pesquisa bibliográfica acerca de sua configuração e das relações entre Educação e Tecnologia. Além disso, discute quatro experiências realizadas com alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de uma escola privada do município de São Paulo, e apresenta o ponto de vista de alguns professores envolvidos. Dessa forma, pretendemos colaborar para que o professor interessado em fazer uso de tais recursos entenda um pouco melhor algumas possíveis contribuições da Tecnologia na área da Educação e sinta-se estimulado a usá-la em sua prática.



**Palavras-chave:** Tecnologia e educação; Hipermídia e educação; Blog e educação; Gêneros digitais; Novas tecnologias e ensino; Inclusão digital.

## ABSTRACT

MENDES, Lina Maria Braga. **Frontier Experience: digital media inside the classroom**. 2009. 153 f. Dissertation (Master's Degree) - School of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2009.

The use of new technology for classroom teaching has become focus of attention for many researchers and educational institutions. Beyond the fact that digital inclusion provides individuals with access to cultural production, the presence of digital media in the classroom has been a good pathway towards approaching the students, who deal with computers, cell phones and a multitude of electronic devices on a day-to-day basis. By adopting the use of digital resources (such as websites, blogs, email, chats, podcasts and hypermedia) as a means of presentation and dissemination of research work in class and as support to education, encouraging discussion and debate, we have in mind that our students, born in the midst of technological changes experienced in the past 20 years, show they are familiar with the languages which build the digital universe – the cyberspace. Therefore, considering the importance of technology education for the promotion of digital inclusion and the growing demand of parents, students and institutions towards schools investing more in technology and in development of skills related to it, our study aims to evaluate and propose the use of two digital resources in Education: hypermedia and blogs. For that purpose, it includes literature concerning their configuration and the relations between Education and Technology. In addition, it discusses experiences with students in both Elementary School and High School at a private school in the municipality of São Paulo, and it presents the views of some of the teachers involved. Thus, we intend to help teachers, who are interested in making use of these resources as teaching tools, to better understand some of the contributions Technology has made available for them in the field of Education and to feel encouraged to use them in their practices.



**Keywords:** Technology and education; Hypermedia and education; Blogs and education; Digital genres; New technologies and teaching; Digital inclusion.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1 - Disquete de 5 ¼ polegadas..... 31**

**Figura 2 - Disquete de 3 ½ polegadas ..... 31**

**Figura 3 - Zip-Drive ..... 31**

**Figura 4 - Pen-drive..... 31**

**Figura 5 - Página de abertura do blog do escritor José Saramago ..... 61**

**Figura 6 - Links - blog do jornalista Marcelo Tas ..... 62**

**Figura 7 - Post do blog do jornalista Marcelo Tas - 81 comentários ..... 63**

**Figura 8 - Links ..... 64**

**Figura 9 - Video extraído do site de videos *Youtube* ..... 67**

**Figura 10: Interface inicial da hipermídia. ..... 78**

**Figura 11: "Terra" ..... 78**

**Figura 12: "O enterro do cachorro" ..... 79**

**Figura 13: "A história do cavalo que defecava dinheiro" ..... 79**

**Figura 14: "As proezas de João Grilo" ..... 80**

**Figura 15: "Inferno" ..... 80**

**Figura 16: "Céu" ..... 81**

**Figura 17: Convite para o usuário escrever a sua versão da história ..... 81**

**Figura 18: Interface de apresentação da hipermídia ..... 83**

**Figura 19: Interface de entrada ..... 83**

**Figura 20: Plano da realidade ..... 84**

**Figura 21: Plano da alucinação ..... 84**

**Figura 22: Plano da memória ..... 85**

**Figura 23: Diário de Mme. Clessi ..... 85**

**Figura 24: Interface máquina de escrever ..... 86**

**Figura 25: Interface "Redação de jornal" ..... 86**

**Figura 26 - Post assinado pelo jornalista Marcelo Tas ..... 101**

**Figura 27 - Blog *Um divã na Cozinha* ..... 102**

**Figura 28 - Campo para comentários desativado (*Comments off*) ..... 102**

**Figura 29 - Postagem "Posso pesquisar na Internet?" ..... 107**

**Figura 30 - Comentários do post anterior ..... 108**

**Figura 31 - Postagem "Salif Keita e Cesárea Évora - Yamore" ..... 110**

**Figura 32 - Comentários da postagem "Salif Keita e Cesárea Évora - Yamore" ..... 111**

**Figura 33 - "As Aventuras de Ngunga" - resumo do aluno ..... 113**

**Figura 34 - Comentário do aluno Guilherme - 31/08/2008 ..... 115**

**Figura 35 - "Para pensar e escrever" - 21/09/2008 ..... 115**

**Figura 36 - Blog *Túnel do Tempo - Propaganda* ..... 119**

**Figura 37 - Blogs que tiveram as cores do *template* alteradas..... 120**

**Figura 38- Blogs que tiveram as cores do *template* alteradas ..... 120**

**Figura 39 - Imagem construída pela aluna ..... 127**

**Figura 40 - Blog construído pelas alunas Dora e Marina - 8º EF ..... 143**

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1: Alunos do EM que tomaram contato com cada obra em 2007 ..... 87**

**Quadro 2: Pesquisa de satisfação com o uso do blog - alunos do 7º ano ..... 117**

## LISTA DE SIGLAS

| | |
|---|---|
| **EAD** | **Educação a Distância** |
| **ECA-USP** | **Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo** |
| **EF** | **Ensino Fundamental** |
| **EM** | **Ensino Médio** |
| **FEUSP** | **Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo** |
| **HTML** | **Hyper Text Markup Language** |
| **MEC** | **Ministério de Educação e Cultura** |
| **OLPC** | **One Laptop Per Child** |
| **ONU** | **Organização das Nações Unidas** |
| **USP** | **Universidade de São Paulo** |

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO** ..... **19**

**PRIMEIRA PARTE - TEXTO E TECNOLOGIA: LABIRINTOS DA LINGUAGEM** ..... **27**

**CAPÍTULO 1 - TEXTO E TECNOLOGIA** ..... **29**

1.1 NOVO LEITOR, NOVA LEITURA ..... 36

**1.1.1 O aluno conectado** ..... **37**

**CAPÍTULO 2 - AS NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA** ..... **39**

2.1 O PROFESSOR CONECTADO ..... 40

2.2 OUTRAS LINGUAGENS NA ESCOLA ..... 42

2.3 HIPERMÍDIA, A LINGUAGEM DO CIBERESPAÇO ..... 47

**2.3.1 Hipertexto e texto - universos da leitura** ..... **49**

**2.3.2 Adaptações literárias para hipermídia** ..... **53**

2.4 BLOGS OU DIÁRIOS ELETRÔNICOS NA WEB ..... 59

**2.4.1 Os blogs na Educação** ..... **65**

**SEGUNDA PARTE - A TECNOLOGIA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE FRONTEIRA** ..... **71**

**CAPÍTULO 3 - USO DE ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS PARA HIPERMÍDIA EM SALA DE AULA** ..... **73**

3.1 A ESCOLA ..... 73

3.2 OS ALUNOS ..... 75

3.3 *AUTO DA COMPADECIDA* ..... 76

3.4 *VESTIDO DE NOIVA* ..... 82

3.5 A VISÃO DO ALUNO ..... 87

**3.5.1 Projeto - 2007** ..... **87**

**3.5.1.1 Relatos de alunos do EM sobre a navegação em *Auto da Compadecida* ..... 88**

**3.5.1.2 Relatos de alunos do EM sobre a navegação em *Vestido de Noiva* ..... 89**

**3.5.2 Projeto - 2008 ..... 89**

**3.5.2.1 Relatos de alunos do EF sobre a navegação em *Vestido de Noiva* ..... 90**

3.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO DESENVOLVIDO NO ENSINO MÉDIO ..... 93

3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO DESENVOLVIDO NO ENSINO FUNDAMENTAL ..... 94

3.8 INTERATIVIDADE E NÃO-LINEARIDADE: MAIORES PROBLEMAS .... 95

**CAPÍTULO 4 - USO DE BLOGS EM SALA DE AULA ..... 99**

4.1 A CRIAÇÃO DE UM BLOG NO BLOGGER.COM ..... 99

4.2 O USO DE BLOGS EM PROJETOS ESCOLARES ..... 104

4.3 ESTUDOS ÁFRICOS - UM BLOG DE DISCIPLINA ..... 106

4.4 PROJETO TÚNEL DO TEMPO - BLOG DE ALUNOS ..... 118

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO COM BLOGS ..... 133

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 137**

**REFERÊNCIAS ..... 147**

**ANEXO 1 ..... 153**

# INTRODUÇÃO

*A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana.* (Manuel Castells).

O uso de novas tecnologias e novas linguagens na escola tem sido alvo de inúmeros estudos e muito se tem pesquisado acerca da inserção de televisão, cinema, rádio, blogs[1], e-mails, *cartoons*[2], quadrinhos e outras mídias, gêneros[3] e linguagens na sala de aula. Há vários materiais publicados[4] para o professor preocupado em usar em suas aulas outros gêneros textuais, novas maneiras de abordagem de conteúdos e linguagens diversas, mas, apesar da relevância da linguagem digital, ainda há certa resistência quanto à sua utilização.

A formação do professor, de modo geral, não incluiu a leitura de imagens, sons ou das relações de sentido construídas a partir da junção de textos, imagens, vídeos, ruídos etc.; por essa razão, ainda que esteja bem preparado e conheça os "labirintos" da web[5] e suas linguagens, o professor que ousar navegar com seus alunos nesse mundo digital enfrentará questionamentos como:

- Ler o texto na tela é a mesma coisa que ler no papel?

---

[1] Este e outros termos relacionados ao meio digital serão definidos no decorrer deste trabalho.

[2] **Cartoon**, cartune ou cartum é "um desenho humorístico acompanhado ou não de legenda, de caráter extremamente crítico, retratando de uma forma bastante sintetizada algo que envolve o dia-a-dia de uma sociedade". Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartoon>.

[3] Segundo Marcuschi, "Se tomarmos o **gênero** como texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, 'relativamente estável' do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos e como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido". (MARCUSCHI, Luiz A. **Hipertexto e gêneros digitais.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.17).

[4] A coleção **Aprender e Ensinar com Textos**, publicada pela Editora Cortez e organizada pelos professores Ligia Chiappini e Adilson Citelli, entre outros, é um exemplo.

[5] Referência à rede mundial de computadores. O termo **web**, World Wild Web, ou simplesmente www, refere-se ao "nome pelo qual a rede mundial de computadores Internet se tornou conhecida, a partir de 1991, quando se popularizou devido à criação de uma interface gráfica que facilitou o acesso e estendeu seu alcance ao público em geral" (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=web&stype=k>. Acesso em: 22/10/2008).

- Como se dá a construção de sentido quando partimos de um texto expresso numa linguagem fragmentada, híbrida e não linear?
- A interatividade[6] favorece o entendimento do texto?
- O aluno será capaz de entender o enredo de uma história "lida" através de uma hipermídia, sem conhecer o texto escrito que a originou?
- O texto hipermidiático pode despertar a vontade de ler outros textos do autor (ou do mesmo gênero textual)?
- O texto literário adaptado para hipermídia perde sua autenticidade ou seu *status* de arte?
- Ao usar uma adaptação estou desprestigiando o texto original?
- Por que usar adaptações, quando posso usar o texto original?
- Se eu construir um blog para expor parte de minhas aulas, o aluno o acessará?
- É possível construir coletivamente um blog para apresentar um trabalho?
- Que benefícios advêm do trabalho com blogs em sala de aula?

O professor nem sempre encontrará as respostas a todas as suas dúvidas, ou às de seus alunos; nem sempre, tampouco, a resposta dos alunos ao uso das novas tecnologias será a esperada. Além de tudo isso, muitos problemas técnicos podem surgir, tais como: incapacidade do ambiente destinado à informática na escola, falta ou insuficiência de computadores, velocidade de conexão da rede, problemas na rede ou na conexão, micros antigos, desatualizados e sem memória ou processador suficientes para "rodar" *softwares*[7] pesados, desconhecimento das ferramentas usadas para construção de blogs, sites, podcasts[8] etc. Nesse sentido, entendemos que a relevância de nossa pesquisa também está no fato de apresentar algumas importantes características das tecnologias digitais, do ciberespaço e sua linguagem, como também em relatar processos e resultados de algumas abordagens focadas nos meios e recursos digitais para o professor disposto a conhecer essa linguagem e utilizá-la em sua prática.

---

[6] **Interatividade** é aqui entendida como formas de participação e atuação do usuário em meios digitais. (Ver Capítulo 2).

[7] ***Softwares*** são programas usados em computadores.

[8] **Podcast** é "um meio veloz de distribuir sons pela Internet, um neologismo que funde duas palavras: *iPod*, o tocador de arquivos digitais de áudio da Apple, e *broadcast*, que significa transmissão em inglês.O podcast tem vários programas, ou episódios, como se fosse um seriado. Os arquivos ficam hospedados em um endereço na Internet e, por *download*, chegam ao computador pessoal ou tocador". (FOSCHINI, Ana Clara; TADDEI, Roberto R. **Podcast. Coleção Conquiste a Rede**. Disponível em: <http://stream.agenciabrasil.gov.br/arquivos/conquiste_a_rede/conquiste_a_rede_podcast.pdf>. Acesso em: 13/12/2008.).

Este trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica acerca das relações entre Educação e Tecnologia, bem como do espaço em que essas relações se configuram, o ciberespaço, e sua linguagem, a hipermídia. Nesse caminho, abordamos algumas das modificações da relação leitor-texto - surgidas com o desenvolvimento tecnológico-digital - bem como possíveis conseqüências dessas mudanças de paradigmas.

Apresentamos, ainda, quatro projetos desenvolvidos durante esta pesquisa, através da parceria com uma escola privada do município de São Paulo, incluindo alguns relatos de professores e alunos neles envolvidos, colhidos durante os anos de 2007 e 2008.

No campo da hipermídia e do ciberespaço, apontamos discussões sobre sua configuração, seus usos e seu alcance, através da leitura de Pierre Levy, Arlindo Machado, André Parente, Lucia Santaella, Lucia Leão e Monica Moura, no Capítulo 1.

Para o entendimento das relações entre Educação, Comunicação e Tecnologia, buscamos apoio em autores como Adilson Citelli e Eliana Nagamini, como explicitado no Capítulo 2.

As atividades escolares desenvolvidas durante esta pesquisa utilizaram meios e recursos digitais como forma de apresentação de trabalhos, como material de estudo ou como meio de comunicação aluno/professor e visaram à introdução desses alunos e, até mesmo, de alguns desses professores no mundo digital. Algumas delas foram realizadas através de projetos – interdisciplinares ou não – e outras, como iniciativa específica de determinada disciplina. Listamos, a seguir, todas as atividades desenvolvidas durante o período desta pesquisa:

**Literatura e Hipermídia (2007)** – Projeto extra-curricular que envolveu alunos do 1º ao 3º anos do Ensino Médio (EM) e propôs a leitura das obras *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, adaptadas para o meio digital.

**Literatura e Hipermídia (2008)** – Atividade desenvolvida na disciplina de *Panoramas*[9], com os alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental (EF), cuja temática *Mundo Digital* abordou, entre outros temas, a construção de sentido através da leitura de

[9] Segundo o planejamento escolar, a disciplina *Panoramas* "busca oferecer ao aluno a possibilidade de desenvolver uma visão mais ampliada acerca de determinados temas, favorecendo maior entendimento de questões tratadas pela mídia, bem como sua abordagem por outras disciplinas. Tem como objetivos: a) desenvolver visão crítica acerca de temas tratados cotidianamente nos jornais, revistas e meios de comunicação em geral, bem como entender as linguagens através das quais esses meios são apresentados; b) ampliar o repertório do aluno no que diz respeito aos assuntos discutidos; c) fomentar o debate; d) desenvolver a capacidade crítico-argumentativa; e) favorecer o desenvolvimento da capacidade de escrita".

obras literárias em meios diversos do texto. Foi utilizada a adaptação[10] da obra *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, para o meio digital.

**Projeto Túnel do Tempo (2007)** – Projeto interdisciplinar que envolveu alunos do 6º ao 9º anos do EF, bem como seus professores, e propôs uma "viagem" no tempo, nesse caso, para o período entre as duas Grandes Guerras. Durante um mês, dez grupos (inter-séries) de alunos pesquisaram temas como Artes, Literatura, Esportes, Economia etc. e utilizaram blogs[11] para realizar a comunicação entre os componentes e divulgar o cumprimento das etapas de suas pesquisas.

**Projeto Túnel do Tempo (2008)** – Planejado da mesma forma que o do ano anterior, o projeto Túnel do Tempo 2008 teve como tema-base *Ética* e, como objetivo, pesquisar esse tema em diversas áreas de atuação do homem - Propaganda, Imprensa, Profissões, Educação, Ciências etc. Com um envolvimento maior dos professores, as etapas da pesquisa bem como seus resultados foram apresentados em blogs construídos e atualizados pelos alunos para cada uma das áreas pesquisadas.

**Espanhol (2006 e 2007)** – O trabalho, efetuado por grupos de alunos do 8º ano do EF para a disciplina de *Espanhol*, teve como tema uma "viagem" a um país de língua espanhola. Em 2006, em trios, os alunos "viajaram" (através de entrevistas, pesquisas em livros e Internet) para os países escolhidos e publicaram num blog (único para toda a classe) os relatos de seus "passeios" e as descobertas de suas trajetórias. Em 2007, cada grupo criou e publicou seu próprio blog, contando essa viagem.

**Espanhol (2008)** – Trabalho também efetuado por grupos de alunos do 8º ano do EF para a disciplina de *Espanhol*, cuja apresentação se deu através da construção de sites sobre a cultura de um determinado país de língua espanhola.

**Histórias de Cronópios e de Famas** – a partir da leitura do livro de mesmo nome, de Julio Cortázar, alunos do 8º ano do EF construíram, utilizando os mais diversos materiais, os personagens criados pelo escritor argentino Júlio Cortázar. Esse trabalho é realizado desde 2006 para a disciplina de Espanhol e, em 2008, simultaneamente a uma exposição de suas obras, os alunos elaboraram um site para a divulgação de todos os trabalhos realizados desde 2006.

---

[10] A adaptação da obra de Nelson Rodrigues para hipermídia foi feita por alunos do curso de Design Digital da Universidade Anhembi-Morumbi.

[11] **Blogs** "são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes, na forma de diários participativos". (MARCUSCHI, Luiz A. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.29.).

**Revista Eletrônica – Paraty (2007/2008)** – Voltado aos alunos do 2º ano do EM, o objetivo desse projeto interdisciplinar, criado em 2007, foi divulgar, numa revista digital, os conhecimentos adquiridos em viagem feita por eles às regiões de Bananal, em São Paulo, e Volta Redonda e Paraty, no Rio de Janeiro. Divididos em editorias como Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Saco do Mamanguá, Paraty etc., os alunos construíram sites que foram posteriormente agrupados num site maior, que simula uma revista eletrônica sobre a viagem. Já incorporada aos procedimentos curriculares do EM, a experiência foi repetida no ano de 2008.

**Ritmos Hispano-latinos (2007 e 2008)** - Trabalho efetuado por grupos de alunos do 8º ano do EF para a disciplina de Espanhol, cuja proposta foi conhecer, através de pesquisa de texto e áudio, ritmos latinos ou espanhóis. A apresentação dessas pesquisas ocorreu através da construção de uma entrevista de rádio com um "especialista" no gênero, que, posteriormente foi publicada num podcast.

**Blog de Estudos Áfricos**[12] – Parte integrante da disciplina *Estudos Áfricos*[13], voltada ao 7º ano do EF, o blog, criado em 2008, tem o objetivo de ser "um espaço fora da sala de aula para falar da cultura africana e afro-brasileira".

**Blog de Panoramas**[14] - Parte integrante da disciplina *Panoramas*, destinada aos alunos do 8º e 9º anos do EF, o blog, criado em 2008, tem o objetivo de ser "um espaço além da sala de aula para discussão e escrita".

Como resultado de nosso trabalho, nos Capítulos 3 e 4 serão apresentados quatro desses projetos, seu desenvolvimento e comentários: **Literatura e Hipermídia 2007, Literatura e Hipermídia 2008, Blog de Estudos Áfricos** e **Túnel do Tempo 2008**. A escolha destes, entre os quatorze projetos aqui mencionados, deve-se à sua relevância dentro de todo o processo de inserção do uso de recursos digitais na escola; à riqueza do material colhido entre os participantes, como apontamentos, observações e depoimentos, bem como - especificamente no que diz respeito às adaptações de literatura para hipermídia - a nosso interesse pessoal pela transposição de linguagens.

Nas Considerações Finais, retomaremos algumas das questões aqui propostas, esperando que as reflexões desta pesquisa sirvam de incentivo aos professores que, por

---

[12] Disponível em: <http://estudosafricos.blogspot.com/>.

[13] Segundo o Planejamento Escolar, a disciplina **Estudos Áfricos** propõe "um estudo das influências africanas na cultura brasileira e tem como objetivos conhecer e discutir a Literatura de países que falam a Língua Portuguesa na África."

[14] Disponível em:<http://panoramas-2008.blogspot.com/>.

insegurança, desconhecimento da linguagem das formas de abordagem dos meios digitais, ou por qualquer outra razão, ainda não levaram a tecnologia para dentro de suas salas de aula.

Alguns termos da língua inglesa relacionados aos meios digitais - usados com freqüência neste trabalho - não serão grafados com a marcação itálica indicativa de palavras estrangeiras, uma vez que se encontram dicionarizados. É o caso de termos como site, on-line, e-mail, web, Internet, link[15]. Outros, como blog, podcast, post, ainda que não tenham sido dicionarizados, também não serão grafados em itálico, pois são de uso comum em textos que se referem aos meios digitais. Como sugerido no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, adotaremos a inicial maiúscula para Internet. Os restantes serão grafados com inicial minúscula.

Algumas obras consultadas referem-se aos blogs como "gênero digital". Marcuschi, em *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital* (2005), afirma que os gêneros relacionados à Internet são, prioritariamente, fundamentados na escrita, causam impacto na vida social (motivo pelo qual as discussões que os envolvem são sempre polêmicas) e têm várias similaridades com gêneros existentes em outros ambientes. Entre os gêneros digitais analisados na obra, encontram-se o e-mail, os chats e os blogs. Em outros artigos, contudo, é mais comum que se refiram a eles como "ferramentas digitais" (KOMESU) ou "meios eletrônicos" entre outros.

As hipermídias, em contrapartida, ainda foram pouco pesquisadas e, de modo geral, são chamadas de "sites experimentais", "literatura na Internet", "adaptações literárias para Internet" etc. Marcuschi (ibid, p. 25) afirma que um site - chamado por ele de *homepage*, portal, sítio (vocábulo português para a palavra inglesa site) e página - não é um gênero textual, "já que não passa de um ambiente específico para localizar uma série de informações [...]". Um pouco mais adiante (p. 26), o autor refere-se aos hipertextos como "um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros, dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas".

Não podemos, entretanto, reduzir uma hipermídia a um site ou a um hipertexto. Apesar de estar on-line e, portanto, também ser uma espécie de site, veremos, no Capítulo 2, que a hipermídia é muito mais do que um suporte, ou um local em que é possível localizar informações, e que o hipertexto é uma de suas características.

Neste momento, contudo, nosso foco não é discutir a nomenclatura mais adequada, nem tampouco realizar um estudo detalhado acerca dos gêneros e tipologias

[15] Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa - versão on-line.

textuais e sua aplicação ao meio digital. Por essa razão, não adotamos o termo “gênero digital”. Do mesmo modo, entendemos que “ferramenta” também não é o mais adequado, uma vez que, em tecnologia, é comumente empregado para designar o próprio computador, ou os programas computacionais e suas características. Optamos, assim, pela utilização de termos como “recurso” ou “meio”, quando nos referirmos a blogs, e “recurso” ou “adaptação”, no que diz respeito às hipermídias. Entendemos que este tema é bastante polêmico e poderá suscitar artigos e discussões posteriores, mas, nesta pesquisa, nosso olhar recai sobre o uso desses recursos em sala de aula.

Apesar de acreditarmos na possibilidade de desenvolvimento de trabalhos como os aqui apresentados, tanto nas escolas públicas, quanto nas da rede privada, entendemos que razões técnicas (como a inexistência de um laboratório de informática no local, por exemplo) podem fazer com que sejam mais frequentemente dirigidos ao aluno da rede privada de ensino. Deve-se ressaltar, contudo, que é possível desenvolver projetos que usem linguagem e recursos digitais em qualquer escola e para qualquer disciplina. Basta, para isso, haver, além de equipamentos e acesso à web, professores envolvidos e dispostos a usar o computador e sua linguagem como mais um recurso disponível para o trabalho que desenvolvem diariamente.

# PRIMEIRA PARTE - TEXTO E TECNOLOGIA: LABIRINTOS DA LINGUAGEM

# CAPÍTULO 1 - TEXTO E TECNOLOGIA

O desenvolvimento da capacidade de escrita, aqui entendida como forma de "registro", marca o início da possibilidade de gravar, no tempo, a nossa história. A tradição oral, por depender de fatores como memória e veracidade do relato, além, é claro, da confiança depositada no orador, está mais sujeita a alterações, erros de interpretação e, até mesmo, a seu próprio desaparecimento; em contrapartida, ao ser transformada em "escrita", nossa história passa a estar, de alguma forma, "gravada" em algum lugar. Escrever, portanto, pressupõe a existência de um suporte, no qual um indivíduo inscreve algo a ser decifrado posteriormente – e a qualquer tempo – por outro, detentor do mesmo conjunto de símbolos utilizado pelo primeiro.

Dessa maneira, o homem sempre se preocupou com o suporte através do qual faria seu registro no tempo. Materiais como fibras vegetais, cera, couro, tecido, pedra, madeira, metais etc. foram largamente utilizados, até o surgimento do papel. E todos esses suportes têm em comum sua tangibilidade – o fato de poderem ser tocados concreta e fisicamente, e, consequentemente, armazenados, relidos, consultados e guardados através das gerações.

Segundo Fernandes (2003, p.48-49), até o século V a.C. os gregos utilizaram materiais perecíveis para o registro de sua escrita, entre eles, cerâmica e placas de cera. Posteriormente, o papiro, por ser mais duradouro, transformaria a produção cultural no Egito, sendo substituído, mais tarde, pelo pergaminho, mais maleável e resistente.

Então, a pergunta que nos fazemos nesse momento é: de que modo pensar em um registro que permaneça através dos tempos, numa época em que a comunicação se dá, cada vez mais, via um meio eletrônico e digital, intangível por natureza? Porque, apesar da possível desvantagem da imaterialidade inerente ao livro eletrônico, a expansão de sua utilização é cada vez mais expressiva. A esse respeito, Aníbal Bragança (2005, p.487) observa que as novas tecnologias têm a vantagem da reprodutibilidade e da possibilidade de conhecimento de um universo infinito, através do uso de links e conexões, aproximando-se, assim, de uma linguagem desprovida de limites espaciais e temporais. Em contrapartida, o texto desmaterializa-se, fato que tem levado editoras e pesquisadores a buscarem um substituto para o papel com as vantagens da Internet (leveza e instantaneidade) que, contudo, ofereça a estabilidade do livro impresso.

Não estamos questionando a capacidade de armazenamento de informações em suportes materiais, como CDs, DVDs, disquetes, *pen-drives* e HDs[1] internos ou externos, mas o acesso aos dados neles armazenados, passível de uma infinidade de meios de criptografia, além das frequentes perdas por problemas de *hardwares* (os equipamentos) ou incompatibilidades de versões de *softwares* (os programas), que podem ocorrer, ao tentarmos acessar documentos gravados em versões mais antigas do programa ou em programas que entraram em desuso. Além disso, a rapidez com que observamos a evolução da tecnologia de produção de equipamentos de informática torna, gradativamente, obsoletos os próprios discos de armazenamento da informação, como, por exemplo, os disquetes de 5´´1/4 (Figura 1); totalmente substituídos pelos de 3´´1/2 (Figura 2), não encontramos, nos equipamentos atuais, *drives* (ou "entradas") que possibilitem a leitura dos dados neles contidos. E, ainda que muito mais recentes, os disquetes de 100 e 200 Mb já se tornam obsoletos, uma vez que seus leitores, os *zip-drives* (Figura 3), também são extremamente difíceis de se encontrar nos novos computadores. Além deles, os disquetes de 3´´1/2 com os quais estamos tão acostumados, também já têm seus dias contados, pois, com a criação dos *pen-drives* (Figura 4), muito menores, mais portáteis e com capacidade de armazenamento inúmeras vezes superior[2], grande parte dos *desktops* (computadores de mesa) e a quase totalidade dos *laptops* (computadores portáteis também chamados *notebooks*) produzidos atualmente não possuem mais os *drives* apropriados a sua leitura.

---

[1] **HD**, sigla de Hard Disk, é o disco rígido do computador, dispositivo de armazenamento de dados em que é possível guardar não só arquivos como também todos os dados do sistema operacional, sem o qual não se pode utilizar a máquina.

[2] Há, atualmente, no mercado, versões **cada vez menores** de *pen-drives*, cuja capacidade de armazenamento chega a até 16 Gb, contra os 1,44 Mb de um disquete (1Gb equivale a 1000 Mb). Há, ainda, HDs externos não tão pequenos quanto os *pen-drives*, mas quase do tamanho de nossos conhecidos disquetes, cuja capacidade de armazenamento chega hoje a 500 Gb.

**Figura 1:** Disquete de 5 ¼ polegadas.[3]

**Figura 2:** Disquete de 3 ½ polegadas.[4]

**Figura 3:** *Zip-Drive*.[5]

**Figura 4:** *Pen-drive*.[6]

Nossa preocupação relaciona-se não apenas ao acesso às informações armazenadas nesses *drives* físicos, mas também àquelas armazenadas na web[7], em ambientes como blogs, sites[8] pessoais ou discos virtuais[9], uma vez que problemas no servidor, na rede,

---

[3] Fonte: <http://farm1.static.flickr.com/215/515487077_4ad53c8dcc_m.jpg>.

[4] Fonte: <http://idgnow.uol.com.br/idgimages/especiais_idg30anos/armazenamento/Disquetes.jpg>.

[5] Fonte: <http://www.iomega.com/media/products/global/static_pages/zip_250mb_usb_drive_media.jpg>.

[6] Fonte:<http://i.s8.com.br/images/software/cover/img3/1571903_1.jpg>.

[7] O termo **web** é o "nome pelo qual a rede mundial de computadores Internet se tornou conhecida a partir de 1991, quando se popularizou devido à criação de uma interface gráfica que facilitou o acesso e estendeu seu alcance ao público em geral". (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa).

[8] **Site** é um endereço eletrônico público, geralmente iniciado por **http://www**, seguido de informações do domínio (nome da empresa, nome fantasia, nome do proprietário etc.).

na conexão ou a perda de uma senha de acesso, por exemplo, podem torná-los totalmente inacessíveis, temporária ou definitivamente.

Segundo recente reportagem da Revista Super Interessante[10], essa é uma forte tendência, pois, num futuro muito próximo, os dados deixarão de ser arquivados no computador - ou em outros equipamentos tangíveis - e passarão a ser guardados diretamente na rede[11], naquilo que hoje é conhecido como "computação nas nuvens". Desse modo, quando um usuário precisar acessar seus textos, fotos, vídeos, músicas ou qualquer outro arquivo de dados, "bastará entrar na Internet, que tudo estará lá, numa gigantesca "nuvem" (BRIGATTO, 2008).

Na verdade, como afirma Jobim (2005, p.481), ao contrário do que se proclama, não há garantias de preservação da informação em meio digital, pois, ainda que o meio digital apresente inúmeras vantagens em relação ao papel, ainda não foi desenvolvida uma forma segura de garantir sua existência, ou em outras palavras, "transformado em arquivo eletrônico, o livro também pode se perder, e de forma muito mais rápida do que em papel".

Imaginemos, por exemplo, que correspondentes importantes como Clarice Lispector e Fernando Sabino, Mario de Andrade e Manuel Bandeira, Guimarães Rosa e seu tradutor italiano, Bizarri, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, no lugar de cartas, trocassem mensagens eletrônicas através de e-mails[12]. Sua correspondência – hoje transformada em livros e amplamente divulgada – poderia jamais ter chegado a nosso conhecimento e – a menos que os correspondentes tivessem o hábito de imprimir esses e-mails – muito de sua própria história, assim como da história de sua escrita, poderia ter se perdido no tempo, uma vez que senhas de acesso não entram nas partilhas de bens ou nos inventários de seus descendentes.

---

[9] **Disco virtual** é um espaço disponibilizado na web por um provedor cuja função é armazenar os arquivos pessoais de um usuário na Internet, para que ele possa acessá-los de qualquer micro conectado à web. Geralmente, exige um *login* (nome) e uma senha de acesso.

[10] BRIGATTO, Gustavo. **Acorde, Bill Gates: tudo vai ser on-line**. In: Revista Super Interessante, edição especial "Tecnologias". Ed. Abril, nº 257-A, 2008, p.38-39.

[11] O termo **rede**, entendido como "sistema organizacional capaz de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e/ou temáticas comuns" é uma analogia à Internet, rede mundial de computadores. Fonte: <http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_oqredes.cfm>.

[12] **E-mail**, ou correio eletrônico, "é um serviço disponível na Internet que possibilita o envio e o recebimento de mensagens ('mails')". Fonte: < http://www.cultura.ufpa.br/dicas/net1/mailtipo.htm>.

Do mesmo modo, os rascunhos dos escritores[13] - espaços de liberdade criativa, amplamente estudados pela crítica literária, que deixam explícita a relação da escrita com a imaginação e com a pesquisa - vêm sendo gradativamente eliminados pela facilidade e rapidez com que se corrigem - e reescrevem-se - textos no computador.

Por outro lado, muitos autores apontam inúmeras vantagens do registro em meio digital, tais como facilidade de atualização, rapidez de acesso e interatividade, entre outros. Para Furtado (2002), entre as vantagens da edição eletrônica, encontram-se a capacidade de armazenamento de dados, a velocidade com que se produzem e disseminam-se informações, a facilidade de atualização e correção dos dados publicados, as potencialidades interativas e colaborativas presentes na rede. Para o autor, portanto, as vantagens dos produtos gerados por meios digitais são visíveis e referem-se "à disponibilidade do conteúdo [...], à transparência e interactividade do conteúdo [...], e ao formato do conteúdo (hipertexto e multimédia)".

De qualquer maneira, deve-se considerar o fato de a natureza do suporte eletrônico ser pouco segura no que tange ao registro histórico do escrito, uma vez que um simples clicar de teclas pode destruir um e-mail, a evolução da tecnologia pode dificultar o acesso a um texto, ou a ausência de uma senha de acesso levar a se perder toda a correspondência entre duas pessoas.

A questão da dificuldade de leitura também é outro importante fator a ser considerado: apesar do aumento da oferta de textos e livros em suportes eletrônicos, muitas pessoas ainda apresentam dificuldade de ler na tela.

Maria Zilda Cunha (1998), na 15ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 1998, já se referia às diferenças entre a leitura de textos impressos e em computador: "[...] ler sobre uma tela não é ler um códex; a representação dos textos modifica totalmente sua condição, pois substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico".

---

[13] Para a Profª. Eneida Maria de Souza, da Universidade Federal de MG, "A **página de rascunho**, metaforicamente considerada o jardim íntimo do escritor, revela o que o texto definitivo não consegue transmitir: a imaginação sem limites, os recuos da escrita, os borrões, o espaço no qual a face escondida da criação deixa transparecer o fulgor e a paixão da obra em processo. Página branca, marcada de signos negros, torna-se a imagem do espelho que refletiria as relações pessoais do escritor com o texto, onde se supõe ser tudo permitido. Pela liberdade de rasurar, de escrever entre as linhas, de acrescentar aos originais margens desordenadas e rebeldes, esse laboratório experimental desempenha papel importante na história da literatura moderna. O entusiasmo pelo processo da escrita e o interesse pela gênese dos textos ultrapassam a curiosidade do crítico em penetrar nos bastidores da criação e atingem dimensões próprias ao exercício literário". SOUZA, Eneida Maria. *Os Bastidores da Criação*. Disponível em: <http://www.ufmg.br/aem/inicial/publicacoes/artigos/souza_bastidores.htm>. Acesso: 12/12/2008.

Sonia Barreto (2005, p.517) aponta para a questão da importância da "significação", ao afirmar que o sentido não está no suporte, mas no texto lido e que o meio, ou "instrumento", através do qual o texto nos é apresentado é apenas o modo como apreendemos esse sentido. Para a autora, o que torna um texto permanente é "sua capacidade de gerar significados. Um texto não é o que aparece, mas o que significa". O livro, o livro eletrônico ou o hipertexto seriam, assim, "mais um modo de assegurar a guarda dos sentidos que demos ao mundo".

As mudanças ocorridas nos suportes do texto através dos tempos inegavelmente influenciaram as características e a postura de seus leitores. E a escrita eletrônica (BELLEI, 2005, p.499), por sua vez, altera até mesmo o significado de ato de leitura, uma vez que representa uma forma de textualidade capaz de possibilitar conexões entre inúmeros textos (chamados pelo autor de "blocos de significados") interligados através de bancos de dados.

Nesse contexto, em uma tentativa de classificar os tipos de leitores e suas transformações, Lúcia Santaella (2004, p.19-20) os distribui em três categorias: *contemplativo*, também chamado *meditativo*; *movente* ou *fragmentado*; e *imerso* ou *virtual*.

O primeiro, do tipo **contemplativo**, é o leitor da era pré-industrial, do livro impresso e da imagem expositiva, fixa, nascido no Renascimento, cuja sobrevivência alcançou meados do século XIX.

O leitor **movente** relaciona-se ao movimento do mundo, à dinamicidade e ao hibridismo característicos da Revolução Industrial. Nasce com o surgimento dos jornais, da fotografia e do cinema e mantém-se até a "Revolução Eletrônica", marcada pela era televisiva.

Finalmente, o leitor **virtual,** que surge dos "espaços incorpóreos da virtualidade", tendo como suporte a multimídia e, como linguagem, a hipermídia.

Santaella (2004, p.19-20) observa que, apesar do surgimento de cada um desses tipos de leitor ter-se dado numa determinada sequência histórico-temporal, um novo leitor não exclui os anteriores. Temos, assim, uma coexistência e uma reciprocidade de leitores, demonstrando que as conquistas culturais do homem são cumulativas, "embora cada tipo continue, de fato, sendo irredutível ao outro, exigindo, aliás, habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas".

É importante observarmos, contudo, que o hábito de leitura, embora tenha sido ampliado e modificado no decorrer dos séculos, sempre desempenhou um importante papel na sociedade, sob o ponto de vista das relações sociais e de classe. O domínio da palavra impressa, até o século XVII, como observa Darnton (1990, p.62-63), atendia ao objetivo de

transmissão da palavra sagrada e, para tanto, não importava aprender a escrever ou a ler em seu próprio idioma, uma vez que as escrituras e os rituais religiosos eram escritos em latim:

> [...] as letras eram entendidas como um estímulo visual para acionar a lembrança de um texto que já havia sido decorado [...] em latim. [...] [as crianças] passavam diretamente do alfabeto para sílabas simples, e a seguir para o Pater *Noster*, Ave Maria, *Credo* e *Benedicte*. [...] Nesse ponto muitas deixavam a escola. Tinham adquirido um domínio da palavra impressa suficiente para preencher as funções que delas esperava a Igreja – isto é, participar em seus rituais.

No século seguinte, ainda segundo o autor, o público leitor já conseguia ficar nos bancos escolares tempo suficiente para aprender a ler em seu próprio idioma, mas o ensino da leitura ainda estava desvinculado do ensino da escrita. Essa associação só ocorreu no século XX, quando ambas as capacidades passaram a ser desenvolvidas concomitantemente.

A realidade descrita por Darnton, entretanto, está muito distante da brasileira, na qual a leitura, ainda no início de século XX, era privilégio de poucos. As pesquisas sobre a prática de leitura no Brasil apontam, em realidade, para números catastróficos. Segundo Schapochnik (2005), no século XIX, a população brasileira constituía-se, em sua maior parte, de analfabetos; excluídos, portanto, da leitura e, consequentemente, do prazer proporcionado pelo texto. O autor cita Machado de Assis, ao ressaltar a indignação de personalidades da cultura letrada da época, frente aos dados do recenseamento de 1872: "A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses, uns 9% não lêem letra de mão, 70% jazem em profunda ignorância" (ASSIS apud SCHAPOCHNIK, 2005, p.229).

Se pensarmos numa estatística pautada pelo sexo desses leitores, a situação fica, então, ainda pior. Embora no século XIX tenha-se observado um fenômeno de alfabetização em massa em todo o Ocidente, e as diferenças percentuais entre homens e mulheres alfabetizados tenham chegado perto do "zero" (LYONS, 1999), no Brasil, somente nos anos 30 do século seguinte esses índices alteraram-se:

> A reversão do hiato de gênero na educação é uma conquista feminina recente na história do Brasil. Durante o período colonial as mulheres brasileiras foram simplesmente excluídas da parca educação formal existente no país. Durante o Império, a legislação estendeu o direito ao ensino primário às mulheres, mas, na prática, elas continuaram excluídas. A situação pouco melhorou com a República, em 1889, e os avanços mais significativos da educação feminina aconteceram após a Revolução de 1930, quando as mulheres mais jovens ultrapassaram os níveis de alfabetização dos homens e iniciaram uma marcha ascendente rumo aos graus mais elevados de instrução. (BELTRÃO, 2004).

A partir da década de 1930, observamos uma preocupação mais intensa com a questão do analfabetismo no Brasil. O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" [14], de 1932, propõe uma defesa da escola pública obrigatória, laica e gratuita, embasada nos princípios pedagógicos de Dewey, Kilpatrick e outros educadores "escolanovistas". A Constituição de 1934, finalmente, instituiu a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário no país (GUIRALDELLI, 2002).

No início do século XXI, ao se pensar na questão da leitura, não se pode deixar de considerar, ainda, as mudanças pelas quais passou o texto, uma vez que lemos, cada vez mais, em meios diversos do papel. Segundo Furtado (2002), estamos, atualmente, num "campo de turbulência", com obras para leitura na tela do computador (écran), dispositivos portáteis e virtuais de leitura em meios digitais, experiências de edição eletrônica, publicações em formatos e linguagens não convencionais, desenvolvimento de *softwares* focados na leitura digital.

Como, então, nosso aluno, nascido a partir da década final do século XX, apreendeu os primeiros fragmentos da leitura? Qual o primeiro meio através do qual teve contato com o texto? O livro infantil, a revista em quadrinhos, o *outdoor*, o *game*, o computador? Todos esses e outros ainda?

## 1.1 NOVO LEITOR, NOVA LEITURA

Ao pensarmos nos novos gêneros digitais, observamos a figura de um leitor que participa diretamente do processo de construção, não apenas do sentido do texto, como também do próprio texto. Uma vez que a escolha dos caminhos – ou "trilhas" – a percorrer através das inúmeras possibilidades de "cliques" pode transformar e reconstruir o sentido de um determinado texto, a dinâmica da relação leitor-autor está totalmente transformada.

A mudança de paradigma do texto linear para o texto em rede não poderia deixar de produzir um novo tipo de leitor e um novo tipo de autor e, ainda, de reformular significativamente o relacionamento entre eles (BELLEI, 2005, p. 501).

---

[14] **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova** (1932) foi escrito por intelectuais ligados a diversas tendências políticas em defesa da escola pública obrigatória, laica, gratuita, a partir de princípios pedagógicos de educadores como Dewey, Kilpatrick e outros. Influenciado pelo momento de crescimento industrial e de expansão urbana da década de 1930, tinha a intenção de preparar o país para essa nova realidade, e a educação seria a força motriz dessas mudanças. O movimento da **Escola Nova** teve como representantes, no Brasil, educadores do porte de Anísio Teixeira e Lourenço Filho. (GUIRALDELLI, 2002, adaptado).

O leitor de hoje, acostumado à leitura de textos híbridos, em meio digital ou fora dele, vive sob o "império" da retina e nos arriscamos a afirmar que a informação transmitida de modo imagético poderá ser assimilada de maneira muito mais imediata. Desse modo, o educador tem diante de si uma geração que, muito provavelmente, antes mesmo de folhear a primeira história impressa, sentou-se em frente à TV, ao computador, deparou-se com o apelo visual dos *outdoors* e outros aparatos publicitários em que reina a imagem, teve contato com os mais diversos tipos de jogos em interfaces como videogames, minigames, celulares etc.

Essa coexistência de linguagens aponta para a necessidade do desenvolvimento de competências que garantam o entendimento de textos híbridos e, para isso, seria importante rever a forma como apresentamos aos alunos os objetos de leitura, pensando no desenvolvimento também das habilidades necessárias à compreensão desses textos híbridos com os quais nos deparamos, a todo momento, compostos por outras formas de linguagem que não a escrita, como sons, imagens, vídeos etc., ou aqueles que apresentem uma mescla dessas linguagens.

### 1.1.1 O aluno conectado

Ensinar para um aluno nascido no mundo "cibernético", de buscas curtas, prontas e imediatas, de cliques e botões de acesso rápido a qualquer lugar ou conteúdo, de relações, entretenimentos e prazeres virtuais, de domínio visual e respostas instantâneas, implica considerar a importância da imagem em sua linguagem e, consequentemente, na aquisição de conhecimento - uma vez que esse aluno se insere numa concepção de mundo fortemente influenciada pelo apelo imagético.

Segundo Oliveira (2005, p. 499), atualmente pode-se observar um predomínio da cultura tecnológica surgida "a partir da relação com a TV e do manejo das redes de informática". Para a autora, essa nova cultura seria o agente de transformação da forma como os jovens experimentam suas identidades e passam a pertencer a um dado território. O homem pós-moderno estaria, assim, cada vez menos vinculado ao domínio da máquina e cada vez mais focado na informação e na comunicação, apreendendo, então, o mundo, não mais como território real, mas como imagem, em sua virtualidade.

Para o aluno adolescente, naturalmente "mutante, cujas transformações físicas aceleradas correspondem a mudanças igualmente rápidas no plano psicológico e intelectual"

(CAMPOS; SOUZA, 2005, p.147-152), esse ambiente relacionado à tecnologia torna-se muito mais familiar e agradável. A televisão, o videogame, os mangás[15] animados, as animações em *stop-motion*[16] e 3D[17], a imagem digitalizada e imediata da fotografia e do vídeo através de câmeras digitais e telefones celulares fazem parte de seu universo desde o nascimento e, sendo assim, sua apreensão e compreensão do mundo em que vive encontram-se muito relacionadas às imagens e à multimídia.

Esse fenômeno, chamado por muitos autores de convergência de mídias, implicaria, do mesmo modo, numa convergência de linguagens que, devido à sua constituição, "misturam imagens estáticas e em movimento, textos e sequências sonoras, palavras e gráficos formando um sistema integrado [...] chamado hipertexto ou hipermídia" (OLIVEIRA, 2005, p.501). A cultura juvenil, então, sofreria influência dessas novas linguagens.

De acordo com Maria Zilda Cunha (1998), a própria noção de escrita redimensiona-se quando pensada sob a perspectiva de uma sociedade calcada no audiovisual. Para a autora, nossa sociedade transformou-se de "predominantemente verbal e calcada na palavra", em audiovisual e sensória. As tecnologias atuais (bem como os novos meios de produção de imagens através da computação gráfica) alteraram e redimensionaram a noção humana de escrita, tornando muito clara, portanto, a identificação do homem com textos imagéticos ou híbridos.

Por todas essas razões, acreditamos - como veremos no Capítulo 2 - ser necessária uma ampla reflexão acerca de nossas práticas escolares, para que, a partir dessas discussões, professores e escolas possam buscar caminhos para a incorporação de projetos que envolvam o uso das tecnologias em ambientes escolares.

---

[15] **Mangás**, originalmente, são histórias em quadrinhos japonesas. Atualmente, há inúmeros desenhos animados que recriam o universo dos mangás.

[16] ***Stop motion*** é uma forma de se construir desenhos animados que utiliza modelos feitos com massa de modelar (massinha). Eles são movimentados, fotografados e montados em uma película cinematográfica, dando a impressão de movimento.

[17] "A **animação computacional 3D** é [...] o sucessor digital da animação por *stop motion*; a figura animada é modelada no monitor e "vestida" com um esqueleto virtual. Então os membros, olhos, bocas, roupas etc., da figura 3D são movimentadas pelo animador". (Disponível em: <http://www.animacao3d.com/tag/animacao-digital>. Acesso: 13/12/2008).

# CAPÍTULO 2 - AS NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA

Muito se tem falado a respeito da utilização das novas tecnologias digitais em Educação. Se, até agora, o uso de obras cinematográficas, por meio da inserção de vídeos e DVDs em sala de aula, era tido como algo diferenciado, hoje a discussão circula também em torno da utilização da Internet e de tecnologias que proporcionam um grau de interferência do aluno no objeto.

A questão, que perpassa certo domínio da técnica e de conhecimentos básicos acerca das possibilidades de uso de um computador, vai além da interação homem-máquina e questiona até mesmo a necessidade da presença do professor em atividades de aprendizagem.

Os chamados **cursos de educação a distância (EAD)** proliferam na rede, e escolas, do ensino básico ao superior, cada vez mais optam por inserir em suas grades curriculares matérias e disciplinas que podem ser cursadas a distância. Cursos de idiomas, supletivos, graduação, pós-graduação (*lato-sensu e MBA's*) estão disponíveis integralmente a qualquer um que deseje estudar sem sair de casa. Em sua maioria, oferecem atendimento on-line, com "professores especializados", para esclarecimentos de dúvidas. Sem entrar no mérito da qualidade de muitos desses cursos, a ausência de uma relação presencial entre professor e aluno no processo educacional já é, em si mesma, questionável, uma vez que, etimologicamente[1] educar é "criar (uma criança); nutrir; amamentar, cuidar, instruir, ensinar" e, portanto, relacionar-se.

Por outro lado, muitos profissionais do ensino escolarizado, apesar do alarde geral acerca da importância das novas tecnologias, recusam-se a utilizar e, em alguns casos, até mesmo a conhecer essas tecnologias, mantendo-se à margem da cibercultura[2], ainda que defendendo a chamada **inclusão digital** de seus alunos.

---

[1] Conforme o Dicionário **Houaiss** da Língua Portuguesa, *"lat. edùco, as, ávi, átum, are"*.

[2] O termo **cibercultura**, segundo Pierre Lévy (1999, p.17), especifica "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço", traduzido como o meio de comunicação surgido a partir da "interconexão mundial de computadores".
Lev Manovich (2003, p. 26), contrapondo **cibercultura** às novas mídias, afirma que aquela é o "estudo dos vários fenômenos sociais associados à Internet e outras novas formas de comunicação em rede. [...] A cibercultura não lida diretamente com novos objetos culturais capacitados pelas tecnologias de comunicação em rede. O estudo desses objetos é o domínio das novas mídias. Além disso, as novas mídias ocupam-se de objetos e paradigmas culturais capacitados por todas as formas de computação, não apenas pela rede. Resumindo: a cibercultura concentra-se no social e na rede; as novas mídias concentram-se no cultural e na computação".

De todas as direções, surgem novas formas de pensar o ensino que prometem atingir diretamente o aluno do 3º milênio. A escola, por sua vez, corre contra o tempo e se equipa com salas de informática, lousas e mesas digitais e outros modernos maquinários que promovem o acesso a esse "fantástico mundo". Cursos de reciclagem e atualização[3] são oferecidos aos professores, que aprendem a utilizar *softwares* como *Word e Power Point* e passam a enxergar o computador como mais uma ferramenta de trabalho, atribuindo-lhe uma função semelhante à do giz, do retroprojetor ou do antigo mimeógrafo. A máquina e seus *softwares* transformam-se, assim, numa extensão do papel para o qual a aula pode ser transposta. Por outro lado, inúmeros profissionais, por não ousarem, ou desconhecerem as possibilidades de trabalho com o computador e suas linguagens, simplesmente deixam de utilizar esse importante meio de comunicação com seu aluno.

Diante dessa situação, é importante que os profissionais de ensino repensem sua postura frente ao avanço tecnológico e às exigências impostas pelas linguagens que podem permitir ao aluno contemporâneo absorver o mundo, para que possam apoderar-se do computador e entendê-lo, não apenas como um instrumento, mas também como parte integrante da construção do conhecimento.

## 2.1 O PROFESSOR CONECTADO

A atividade profissional ligada ao ensino vem sendo, desde a segunda metade do século XX, gradativamente desvalorizada[4]. À figura do professor bem remunerado, próspero e

---

[3] Como exemplos, podemos citar os **cursos de informática para professores** da Rede Municipal de Santos-SP, Barueri-SP, Itanhaém-SP e da Rede Estadual de Ensino-SP entre vários outros, respectivamente disponíveis em:
<http://santos.jornalbaixadasantista.com.br/conteudo/curso_informatica_rede_municipal_2007%20%20.asp>
<http://www.edutec.srv.br/?secao=4649&categoria=16134&id_noticia=50263>
<http://www.itanhaem.sp.gov.br/banco_dados/novembro08/12.11.08_prof_participam_aulas_informatica.doc.>
<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL792495-5604,00-PROFESSORES+DE+SP+VAO+RECEBER+CURSOS+DE+INFORMATICA.html>

[4] Frequentemente a mídia apresenta artigos e reportagens cujo foco é a desvalorização do professor. Como exemplos, citamos:
**Trágica desvalorização do professor** (Editorial, Jornal O Estado de S.Paulo, 25/02/2004).
**O fascínio de um mundo novo** (Especial Dia do Professor, Folha Dirigida. Disponível em: <http://www.folhadirigida.com.br/professor2001/cadernos/mundo_novo/95.html>. Acesso: 12/12/2008).
**Estresse do Professor** (Portal Universia, 29/05/2006. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_fhfa.html>. Acesso: 12/12/2008).
**Por que os professores não se revoltam**? (FELINTO, Marilene. Revista Caros Amigos. Ano XII, Número 140, Novembro 2008).

realizado profissionalmente, capaz de gerar admiração e mudança de atitude nos alunos – estampada em grandes personagens cinematográficos como os de Sidney Poitier, Robin Williams e Julia Roberts em *Ao mestre com carinho* (1967), *Sociedade dos poetas mortos* (1989) e *O sorriso de Mona Lisa* (2003), respectivamente – contrapõe-se a de um sujeito descontente, desvalorizado, mal remunerado e, muitas vezes, despreparado.

As mudanças estruturais pelas quais os ensinos fundamental e médio passaram, principalmente na rede pública, a abundância de cursos superiores, muitos de qualidade duvidosa, geraram no mercado de trabalho grande oferta de profissionais com formação deficitária. Esse mercado, ao mesmo tempo em que "achata" os salários, gera um alto grau de competitividade, o que exige preparo e atualização cada vez maiores por parte do profissional, inclusive no que tange às novas tecnologias digitais. Contudo, a preocupação em não conseguir aprender, as diferenças entre as linguagens, as dificuldades com o manejo do equipamento, o preconceito, a descrença na necessidade de se adequar, além de certa acomodação, e até mesmo o fato de muitos professores sequer terem, eles próprios, acesso à máquina em si, por falta de condições financeiras, levam muitos professores a "deixarem tudo como está". A dificuldade em identificar-se com a tecnologia acaba nos levando, assim, a preferir o conforto do giz e do retroprojetor à exploração do computador e suas linguagens, e questionar: afinal, para que mudar?; o que eu ganho com isso?; o que esse conhecimento pode acrescer à minha prática? No dizer de Maria Thereza Fraga Rocco, (2005, p. 78-79),

> Novos inventos sempre provocaram reações de receio e desconfiança entre os homens. O desconhecido intimida, amedronta, e a tendência mais geral é de atribuir a ele culpas e poderes que na verdade não tem.[...] O medo diante dos novos inventos revela duas faces. Uma primeira indaga sobre as consequências negativas que o novo produto pode trazer à realidade imediata. Uma segunda teme pelo desaparecimento dos utensílios e valores mais antigos, diante de uma eventual substituição do conhecido pela novidade recém-criada.

Conhecer tais linguagens é trabalhoso, uma vez que implica o desejo de querer conhecer ou ter alguma noção de como funcionam programas como *Word*, *Excell*, *Flash* e *Power Point*; aprender a navegar na Internet; conhecer recursos como sites, blogs, fotologs, videoblogs[5], MSN[6], Skype[7], Orkut[8], e, sobretudo, estar de alguma maneira "conectado" às

---

**Entrevista com Carlos Ramiro de Castro, diretor da APEOESP**. (Folha Online, 24/06/2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/educacao/te2406200506.shtml.> Acesso: 12/12/2008.)

[5] **Blogs** (ou diários) publicados na Internet, com **ênfase em fotos** (fotologs ou fotoblogs) e **vídeos** (videologs ou videoblogs).

novas possibilidades de uso desses meios que surgem diariamente. Em contrapartida, o professor "conectado" poderá, entre outras coisas, buscar conteúdos desenvolvidos especialmente para as mídias digitais (como *games*, objetos de aprendizagem e hipermídias) e aprender novos usos para eles em suas aulas; utilizar o computador para fazer pesquisas; conhecer e indicar sites confiáveis para seus alunos; ensiná-los a buscar respostas na rede para que as pesquisas feitas através da Internet não se tornem simples cópias de textos provenientes das buscas do Google[9]; desenvolver conteúdos ou exercícios e publicá-los na Internet, possibilitando, assim, que seu aluno acesse esses conteúdos de sua própria casa; abrir novas portas e janelas em sua sala de aula e acessar, através delas, um espaço do qual seu aluno já tomou posse há muito tempo.

## 2.2 OUTRAS LINGUAGENS NA ESCOLA

Muitos autores e pesquisadores defendem o uso de outras linguagens e tecnologias em sala de aula. Ligia Chiappini, na introdução ao livro *Outras Linguagens na Escola* (CITELLI; CHIAPPINI, 2004, p.14) atenta para a necessidade de suprir o "proverbial analfabetismo nas linguagens não verbais ou não apenas verbais e não necessariamente escritas" utilizadas pelos meios de comunicação de massa, de modo a capacitar-nos (professores e alunos) a melhor compreendê-las para que, leitores mais críticos desses meios, possamos evitar seu "autoritarismo".

Citelli (2004, p.23-24) refere-se ao "desconforto" da escola em utilizar "linguagens e recursos tecnológicos relativamente novos entre nós, [...] pouco conhecidos em seus sistemas e processos". Referindo-se à televisão, o autor aponta a ausência de "um domínio conceitual [...] que corresponda plenamente ao peso que ela possui como fenômeno social", o que, de certo modo, a relegaria a um "meio técnico que cumpre determinadas

---

[6] **MSN**, ou *Microsoft Service Network*, é um serviço de e-mail e comunicação on-line através do qual duas ou mais pessoas, além de receber e enviar e-mails, podem também receber e enviar mensagens, conversando em tempo real.

[7] **SKYPE** é um programa cujo objetivo é a comunicação gratuita pela Internet, através de conexões de Voz Sobre IP (VoIP), isto é, transmissão de voz em forma de dados via protocolo de identificação na Internet (IP).

[8] **ORKUT** é uma rede de relacionamentos filiada ao Google. O objetivo é fazer com que seus membros possam criar novas amizades e manter relacionamentos on-line.

[9] **GOOGLE** é um serviço de buscas em sites da Internet.

funções simbólicas e ideológicas", desprovendo o espectador da capacidade de apreensão do sentido construído por essa linguagem e favorecendo a pasteurização e o encantamento puro e simples frente às imagens.

É inegável, entretanto, a penetração da TV junto à população. Tanto os alunos, quanto a grande maioria dos professores já nasceu sob seu "domínio". Pesquisa realizada há mais de dez anos[10], entre 1996 e 1997, cujo foco era pensar as relações entre Comunicação e Educação, já registrava que cerca de 70% dos alunos das escolas públicas (dentro do *corpus* do projeto) possuíam mais de um aparelho de TV em sua residência e menos de 4% dos entrevistados não possuíam nenhum. Certamente esse quadro está completamente diferente nos dias atuais e o percentual de estudantes sem acesso à TV deve ser muito pequeno, mas, apesar disso, não vemos a escola preparar seu aluno para uma leitura menos passiva e, portanto, mais crítica, frente ao conteúdo de programas televisivos e outras linguagens não verbais.

Nos dias atuais, a televisão é um fenômeno social de alcance gigantesco, presente em mais de 90% de todos os lares brasileiros[11]. Os programas televisivos, assim, permeiam a vida de nossos alunos desde o momento em que são assistidos, até a sala de aula, no dia seguinte, passando, nesse meio tempo, pela mesa do jantar e pelas conversas entre os familiares (OROZCO GOMEZ apud CITELLI, 2004). Encontram-se, desse modo, presentes na sala de aula, independentemente da vontade do professor, da adoção de seu uso e da própria existência física de um aparelho na escola.

> Quer se trate, ou não, de escolas equipadas com televisores, antenas e videocassetes, ou DVDs, convém reconhecer que a TV está fortemente presente na esmagadora maioria das salas de aula, integrando todos os processos de ensino-aprendizagem que diariamente aí se busca desenvolver. As mensagens da TV comercial alimentam as emoções e o imaginário do alunado, em todas as faixas etárias. O cardápio preferido constitui-se de novelas e seriados, *reality shows*, programas de auditório e desenhos. Por vezes, inclui filmes (tanto os chamados educativos quanto os ficcionais). Servida e consumida em casa e na escola – pois nutre e conforma, de modo marcante, a sensibilidade e a inteligência de crianças e jovens –, a presença permanente e atuante dessa alimentação imaterial talvez constitua, hoje, um dos componentes mais desafiantes das situações com que o professor depara nas salas de aula (MAGALDI, 2005, p.12, grifo nosso).

---

[10] Os dados dessa pesquisa estão publicados em: CITELLI, Adilson. **Os Sentidos em Movimento. Comunicação, linguagem e escola.** Tese de livre-docência. São Paulo, Escola de Comunicação e Arte-USP, 1998, e seu "aproveitamento por parte de alguns autores" pode ser encontrado em Citelli (2004).

[11] Segundo informações da empresa TELECO – informações em Telecomunicação, pesquisa realizada em 2005 aponta um total de 91,4% dos domicílios brasileiros como possuidores de aparelhos de televisão. Disponível em: <www.teleco.com>. Acesso em: 02/10/2006.

A televisão não pode mais, portanto, ser entendida apenas como um "meio"; ela é, também, uma "linguagem", constituída de signos distintos, e a forma através da qual o sentido se constrói nessa linguagem, em decorrência de sua complexidade[12] e da fusão sígnica que a constitui, precisa ser avaliada por aqueles que se propõem a trabalhar com ela. Incorporar a televisão à sala de aula não significa, apenas, utilizá-la como veículo através do qual o professor "passa um filme", ocupando os alunos durante o tempo de aula. A esse respeito, Citelli (2004, p.24) afirma:

> [...] Ao que parece, não há um domínio conceitual da televisão que corresponda plenamente ao peso que ela possui como fenômeno social. Assim, o trabalho com a televisão em sala de aula tende, no máximo, a tratá-la como meio técnico que cumpre determinadas funções simbólicas e ideológicas.

Embora não defenda a substituição da leitura do texto literário por adaptações para cinema e TV, Eliana Nagamini (2004b, p.15) discute essa troca, uma vez que o aluno tende a substituir os textos literários pelas adaptações. Nesse sentido, os desafios enfrentados pela escola são muitos e vão desde a tarefa de formar o aluno para a leitura dos textos verbais, até a escolha de estratégias de ensino capazes de fomentar o interesse desse aluno por essa leitura, que poderá concorrer com as outras linguagens, em especial a visual.

A autora (2006) propõe alternativas para o uso da televisão em sala de aula, através de diálogos entre as linguagens literária e televisiva. A escola, assim, usaria a televisão a seu favor, mas, para tanto, faz-se necessário "compreender também os mecanismos de criação e produção que envolvem as linguagens e as videotecnologias e saber como podem contribuir para o estudo do texto literário." (NAGAMINI, 2004b, p.16).

Além da televisão, na última década o computador - com a Internet - veio, gradativamente, conquistando seu espaço nas residências e escolas[13] de nosso país. Castells (2003, p.8) aponta para a explosão do uso da Internet como sistema de comunicação e forma de organização:

---

[12] Para Citelli (2004, p.24), "entende-se por linguagem complexa o encontro, num mesmo campo de representação, de signos de natureza distinta. Na televisão, os sentidos acabam sendo produzidos graças à fusão dos planos imagéticos, verbais, proxêmicos, pictóricos etc."

[13] Sobre "**O uso de computadores em sala de aula**", ver dissertação de mestrado de Maria Júlia Rangel de Bonis, sob orientação da Profa. Dra. Nídia Nacib Bontuschka. (FEUSP, 2003).

> No início de 2001, eles eram mais de 400 milhões, no mundo todo; previsões confiáveis apontam que haverá cerca de 1 bilhão de usuários em 2005, e é possível que estejamos nos aproximando da marca dos 2 bilhões, por volta de 2010, mesmo levando em conta uma desaceleração da difusão da Internet, quando ela penetrar no mundo da pobreza e do atraso tecnológico.[14]

No Brasil, entre outras razões, a abertura ao mercado externo, o incentivo à produção nacional, o aumento do consumo de tecnologia por parte da população, além de um **desenvolvimento tecnológico**[15] em ritmo cada vez mais acelerado no mundo todo, baratearam não só o custo de equipamentos como computadores, impressoras, *scanners*[16], *webcams*[17], bem como de câmeras digitais, filmadoras, iPods, MP3, MP4[18], celulares, consoles de *games* (como Nintendo, Playstation, X-Box etc.), TVs de plasma e LCD[19], *home theaters*[20], entre outros, trazendo a tecnologia para dentro – ou para muito perto – da casa do cidadão comum. Pesquisa da ONU do ano de 2007 aponta o Brasil como o sexto maior usuário mundial de Internet, com 39 milhões de usuários, de um total de 1,2 bilhão de pessoas com acesso à Internet no mundo todo[21].

---

[14] Recente pesquisa da Forrester nos EUA (disponível em <www.forrester.com>), contudo, aponta que **apenas no ano de 2015** chegaremos à marca dos 2 bilhões de computadores no mundo, projetada por Castells para 2010.

[15] Os **aparelhos celulares**, por exemplo, a cada dia acumulam mais funções, antes específicas de rádios, televisores ou computadores. Países como Alemanha e EUA vêm desenvolvendo celulares com um projetor embutido, que eliminarão o caro aparato computador-*datashow* de uma vez. Ao apontar o celular para uma parede branca, um telão será acionado e bastará acessar o arquivo de filme ou dados desejado para exibi-lo. A novidade deverá estar à disposição em apenas cinco anos. (In: Revista Super Interessante, edição especial "Tecnologias". Ed. Abril, nº 257-A, 2008). Outros aparelhos já disponíveis no mercado englobam funções como GPS (*Global Positioning System* - Sistema de Posicionamento Global), câmera fotográfica, acesso à internet etc.

[16] **Scanner** é um equipamento capaz de digitalizar imagens, fotos e textos impressos para o computador, em um processo inverso ao da impressora. Fonte: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Scanner>.

[17] **Webcam** é uma "câmera de vídeo de baixo custo que capta imagens, transferindo-as de modo quase instantâneo para o computador, podendo ser utilizada em uma grande gama de aplicações tais como videoconferência, editores de vídeo, editores de imagem, monitoramento de ambientes, entre outros." Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Webcam>.

[18] **MP3** e **MP4** são tocadores portáteis de áudio digital. **iPod** é o MP3 fabricado pela Apple.

[19] Para ler mais sobre as diferenças entre os vários **tipos de aparelhos de televisão** surgidos com o avanço das tecnologias, sugerimos: BOTTINO, Karina. **Plasma ou LCD: especialista explica a diferença das TVs**. Disponível em: < http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2006/12/18/287096851.asp>.

[20] **Home Theater** é o nome que se dá ao *hobby* de montar pequenas salas de cinema em casa, usando sofisticados aparelhos eletrônicos de áudio e vídeo. Adaptado de: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Home_theater>.

[21] Dados publicados no jornal "O Estado de S.Paulo" em 03/01/2007.

A preocupação com a inclusão digital, ao mesmo tempo, deu origem a programas privados e também governamentais nos âmbitos federal, estadual e municipal[22]. Escolas vêm sendo equipadas; professores, capacitados e a participação de nosso país em programas internacionais, como o OLPC (*One Laptop Per Child*), estudada [23].

Com tudo isso, os setores sociais – entre eles, a Educação – tomam contato cada vez maior com a tecnologia informacional. Refletir sobre Educação e Tecnologia na atualidade implica, assim, rever conceitos, métodos, formas de abordagem e, até mesmo, de constituição das disciplinas e da estrutura do ensino tradicional.

É inegável que as transformações tecnológicas ocorridas nos últimos vinte anos e, mais especificamente, as advindas com a popularização do computador e da Internet, atingiram a Educação[24]. Hoje, o professor dispõe de recursos midiáticos que se encontram muito além do retroprojetor. Mais do que o computador e os inúmeros *softwares* para produção e montagem das aulas que, com o tempo, a informática introduziu no dia-a-dia do ensino, o surgimento da linguagem digital (ou hipermidiática) trouxe consigo a possibilidade de criação de conteúdos digitais de excelente qualidade para fins educativos.

No entanto, em meio a tantas novas fontes de informação e conteúdo, o professor necessita questionar-se quanto à forma pela qual se apropria disso tudo. Como manter uma postura ativa frente à tecnologia? Ainda é possível ignorá-la, ou dar-lhe pouca atenção no ambiente escolar? Como utilizá-la positivamente em sala de aula, em relação aos processos de ensino e aprendizagem? Como avaliar a qualidade e a eficácia dos materiais disponíveis na rede?

Entendemos que todas essas questões devem estar presentes no planejamento das aulas e no dia-a-dia do professor que pretende fazer uso de novas tecnologias em sala de aula. Entendemos, ainda, que a tecnologia pode ser transformada em aliado do processo educacional, se usada crítica e criteriosamente, se percebida em sua totalidade, se proporcionar a reflexão e o desenvolvimento da criticidade do aluno.

---

[22] Para conhecer alguns desses programas, acessar o portal da **Inclusão Digital do Governo Federal** em: http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/outros-programas.

[23] A **OLPC** (*One Laptop Per Child*) é uma organização sem fins lucrativos, dirigida pelo pesquisador americano Nicholas Negroponte, cujo objetivo, segundo o site da organização, é "fornecer às crianças de todo o mundo novas oportunidades de explorar, experimentar e se expressar". A descrição, os objetivos, a abrangência e outras informações sobre o projeto podem ser obtidas em: <http://www.laptop.org/index.pt_BR.html>.

[24] Sobre as relações entre Internet e escola, ver a dissertação de mestrado de João Paulo Attie, "**A rede mundial de computadores e a escola**", sob orientação do Prof. Dr. Manoel Oriosvaldo de Moura. (FEUSP, 2001).

## 2.3 HIPERMÍDIA, A LINGUAGEM DO CIBERESPAÇO

> *No labirinto, o prazer de se perder só pode ser intensificado quando apoiado na expectativa persistente de que a promessa de um alvo a ser atingido será eventualmente cumprida.* (Lucia Santaella).

Hipermídia é, antes de tudo, uma linguagem. Composta de dados, textos, sons e imagens de todos os tipos integradas num ambiente digital (FELDMAN apud SANTAELLA, 2007) permite que, a partir de um clique ou outro tipo de interação, tenhamos acesso a sites de bancos, literatura, culinária, educação, música, jogos, e inúmeros outros que compõem o ciberespaço, nome dado a esse "ambiente digital" que, na última década, tem sido alvo de incontáveis discussões.

Formado pelas palavras *cyber* (realidade-virtual, cibernética), e espaço, o vocábulo *ciberespaço*, literalmente, poderia ser definido como o espaço formado pela realidade virtual. A versão on-line do *Dicionário Aurélio* apresenta a seguinte definição para ele: "Dimensão ou domínio virtual da realidade, constituído por entidades e ações puramente informacionais; meio, conceitualmente análogo a um espaço físico, em que seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem".

Para Santaella (2004, p.40-41), trata-se do "universo paralelo, que tem sua matriz na Internet, que abriga megalópoles, ou bancos de dados comerciais, e uma infinidade de portais e sites de todas as espécies". Ainda segundo a autora, há várias maneiras de entrar nesse espaço: "pelas animações sensíveis de imagens no monitor do vídeo controlado pelo *mouse*, passando pela tecnologia da realidade virtual, que visa recriar o sensório humano tão plenamente quanto possível, até os eletrodos neurais diretos". Desse modo, considerando a existência de alguém (aqui chamado de usuário) em comunicação nesse (e com esse) espaço, temos a seguinte definição de ciberespaço:

> Em seu sentido mais amplo, ele se refere a um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma relação simbiótica que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa. Trata-se, portanto, de um espaço informacional, no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de usuários. [...] Todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a esse o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. (SANTAELLA, 2004, p. 45).

A comunicação entre homem e ciberespaço dá-se, entre outras formas, através da linguagem que o configura, a hipermídia. Santaella (2007, p.318) a define como a junção do hipertexto à multimídia e, desse modo, "hipermídia se refere ao tratamento digital de todas as informações (som, imagem, texto, programas informáticos) com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas".

Segundo Mônica Moura (2003), hipermídia é uma linguagem complexa e híbrida, que possui cinco características fundamentais: **hibridismo, interatividade, não-linearidade, navegabilidade e hipertextualidade**. Para a autora,

- **Hipertextualidade**[25] é a principal característica da hipermídia, pois a estrutura de sustentação de seu conteúdo é o hipertexto, forma fragmentada e descentralizada de distribuição das informações num dado ambiente virtual, que tem por objetivo propiciar uma leitura não sequencial do conteúdo.

Lúcia Santaella (2004, p.50) ratifica esse sentido de não-linearidade, ao afirmar:

> Em vez de um fluxo linear de texto como é próprio da linguagem verbal impressa, no livro particularmente, o hipertexto quebra essa linearidade em unidades ou módulos de informação, consistindo de partes ou fragmentos de textos. Nós e nexos associativos são os tijolos básicos de sua construção. Os nós são as unidades básicas de informação em um hipertexto.

Antonio Carlos Xavier (2005, p.173) considera a hipertextualidade como um desafio à linearidade do texto escrito. Para o autor, a presença do hipertexto altera a ordem hierárquica das partes do texto imposta pelo livro. Os caminhos são sugeridos e podem ser violados, pois uma das características norteadoras dos textos encontrados no ciberespaço é a multiplicação das opções de caminhos (trilhas) a serem percorridos pelo usuário e, consequentemente, o aumento de suas perspectivas.

- **Navegabilidade** é uma característica que se refere à mobilidade do usuário no espaço e diz respeito às possibilidades de caminho e movimentação que ele pode seguir. Para Moura (p.207), uma boa navegabilidade, além de disponibilizar vários caminhos, apresenta variações na forma de navegação, numa referência à visão romanceada do navegador que desbrava outros mares, na aventura de conhecer o mundo e tornar-se um "ser pertencente ao todo e tendo o domínio do mundo".

- **Não-linearidade** é uma característica que envolve a mobilidade do usuário num espaço sinalizado de forma adequada, que não o priva, contudo, da escolha dos caminhos

[25] Ver item 2.3.1 **Hipertexto e texto – universos da leitura**.

que irá percorrer. Pode ser usada nos projetos hipermidiáticos com o objetivo de causar a impressão - para o usuário - de que o conteúdo do site não foi totalmente explorado, havendo mais informações a serem descobertas.

- **Hibridismo** é o termo que define a miscigenação das linguagens (visuais, verbais, sonoras e outras) aplicadas à hipermídia e representa a diversidade do ambiente. Uma tela (ou interface) híbrida de um site, por exemplo, pode integrar – visual e associativamente – imagens em vídeo, ilustrações, fotografias, animação e som, de maneira a originar um novo contexto visual e semântico.
- **Interatividade,** para a autora (2003, p.256), "refere-se ao caráter aberto dos sistemas que o usuário pode acessar, estabelecer relações e interferir nos documentos, registrando suas opiniões e até transformando as informações, dando vida ao processo de construção do conhecimento". Um projeto para web possui diferentes graus de interatividade, desde o simples "clique" até uma interferência permanente em seu conteúdo.

É importante observar que a interatividade demanda participação ativa do leitor (BRAGA, 2005, p.150) na construção do sentido do texto. Ao navegar, o usuário efetua escolhas diferentes que, por não obedecerem a uma sequência pré-determinada, podem construir sentidos distintos para o mesmo texto, não sendo possível, para o autor do hipertexto, prever a multiplicidade de sentidos possíveis construídos durante a leitura.

### 2.3.1 Hipertexto e texto – universos da leitura

Os textos disponibilizados em meio eletrônico são, geralmente, apresentados em tamanho reduzido, de forma mais rápida e fragmentada, de modo a facilitar seu entendimento. O desconforto que ainda caracteriza a leitura na tela do computador, em virtude da irradiação de feixes luminosos pelo monitor, faz com que os leitores acabem por imprimir os textos mais longos, recuperando, assim, a portabilidade característica dos textos impressos em papel (JOBIM, 2005, p.477).

Textos escritos para suportes tão distintos, como o papel e o écran, certamente precisam ser criados de maneiras distintas e sua leitura, consequentemente, não se dá da mesma forma, o que nos leva a crer que necessitem de estratégias de leitura e escrita diferentes (SAN PAYO, s.d.).

E o que é, afinal, hipertexto? Segundo Pierre Lévy (1997), o termo foi criado por Theodore Nelson, autor de Xanadu[26], para definir o que seriam a leitura e a escrita não-lineares num sistema de informática. Nelson criou a metáfora de um conjunto de nós, conectados entre si, de modo não-linear, para expressar a idéia de hipertexto. Para o autor,

> [...] hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter a rede inteira (NELSON apud LÉVY, 1997, p.33).

Lévy define hipertexto como algo "fluido", passível de ser reconfigurado e acrescenta à metáfora dos *nós* de Nelson o termo links, cuja função seria a de interligar blocos de texto digital, de maneira que possam ser explorados na tela do computador:

> Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons, etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto. (LÉVY, 1999, p.27).

O autor amplia o conceito de hipertexto, ao incluir em sua definição o termo *hiperdocumento*. Para Lévy, a palavra *texto*, entendida em seu sentido mais amplo – que inclui, além da escrita, outros signos passíveis de serem decifrados, como imagens e sons – permite englobar o conceito de hiperdocumento ao de hipertexto. Para isso, utiliza-se da noção de *enciclopédia*, espécie de hiperdocumento cuja leitura prescinde da linearidade característica dos romances convencionais, por exemplo. Considerando que o hipertexto é um *texto em rede* e que o leitor de enciclopédia *navega*[27] por suas páginas em busca dos temas que realmente o interessam, da maneira que melhor lhe convém, temos presente, num texto como uma enciclopédia, a noção de hipertexto, ainda que não se encontre em meio digital. **Dicionários, índices, notas de rodapé, citações e bibliografias** também são exemplos, para Lévy, de hipertextos fora do ambiente digital.

---

[26] **Xanadu** é um sistema de armazenamento de informações, que se pretende uma espécie de "biblioteca universal".

[27] O termo **navegar,** uma analogia à navegação marítima, é utilizado para designar o acesso e o trânsito de um usuário entre as interfaces (páginas) de um site da web.

Noélia Fernandes (2003, p.55) refere-se à Bíblia Sagrada como uma espécie de *ensaio do hipertexto*. Seu formato, uma coleção de *livros*, aponta para uma seleção de textos, escolhidos dentre muitos, escritos durante aproximadamente mil anos e em diversas línguas. Segundo a pesquisadora, textos ditos canônicos não são lineares ou homogêneos. Os evangelhos sobre a vida de Jesus Cristo são um exemplo dessa concepção, por fornecerem versões diferentes para o mesmo fato. Desse modo, cada texto pode indicar inúmeros caminhos a serem seguidos, levando o leitor a outros textos, "como se se ensaiasse, já aqui, o hipertexto".

A diferença entre os hipertextos inseridos em um suporte digital e os não-digitais está, conforme afirma Lévy, na velocidade de acesso à informação, ou seja, o hipertexto digital apresenta ao *navegador* um leque de possibilidades de leitura, cuja ordem de escolha lhe é facultada.

> [...] o hipertexto digital seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e 'intuitiva'. [...] não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, [...] desdobra-se à vontade frente ao leitor (LÉVY, 1999, p.56).

As tendências à criação de hipertextos e à *hipertextualização* (ou *virtualização*) dos textos encontrados em meios impressos, observadas atualmente, demonstram, para o autor, uma mescla de papéis, antes claramente definidos e desempenhados em separado pelo leitor e pelo autor do texto. As diferentes possibilidades de leitura proporcionadas pelo hipertexto criam, a partir das escolhas do leitor, textos diferenciados, espécies de derivações de um texto *matriz* criado pelo autor. O leitor, desse modo, ao combinar os *nós* a seu modo, cria o texto que lê, tornando-se, também e, de certo modo, autor (ou coautor) do texto.

A metáfora do labirinto é outra forma de tentarmos entender o hipertexto. Arlindo Machado fornece-nos algumas indicações para a compreensão dessa metáfora. Segundo ele, a exploração do hipertexto relaciona-se – como na exploração do labirinto – à entrega ao fascínio causado pelo percurso. Trata-se de uma exploração desprovida de mapas, uma vez que "o labirinto não permite prever a geometria dos lugares". É preciso, ainda, que o *viajante* exercite uma "inteligência astuciosa" para se livrar das armadilhas existentes em suas "circunvoluções".

> Pensar é também percorrer um labirinto (de idéias, de memórias, de criações da imaginação etc.), é investigar exaustivamente e descobrir alternativas, é ainda explorar as várias possibilidades e examinar o problema de todos os seus ângulos (MACHADO apud Santaella, 2007, p.315).

Em verdade, a palavra *virtual* tem sido fortemente empregada para designar o ambiente digital, ou o *ciberespaço*. Assim, a crescente "virtualização" da leitura através da oferta, cada vez maior, de textos para computador, leva-nos a pensar que estamos frente a frente com uma espécie de "presença" que, apesar de não real e não tangível, habita, de maneira imanente, nosso universo real e tangível. Desse modo, o espaço da leitura afasta-se da corporeidade do livro, para se aproximar do incorpóreo da rede, sem, no entanto, tornar-se desterritorializado.

A promessa de coautoria, que acompanha a noção de hipertexto, parece representar uma espécie de liberdade conquistada pelo leitor, ante as imposições autorais de percurso e de sentido do livro impresso, linear, convencional. A não-linearidade, a intertextualidade em profusão e a liberdade de opção contrapõem-se a uma estrutura linear, fixa, aparentemente imutável, estruturada previamente por um autor demiurgo. Mas será isso mesmo?

Ainda há muito a ser observado acerca das vantagens e desvantagens do hipertexto, em relação ao texto impresso. Não é o momento de fazermos afirmações categóricas como as do poeta Apollinaire, no início do século XX, ao preconizar a morte do livro, encantado com as aparentes vantagens do então revolucionário gramofone (GULLAR, 2006). Tampouco podemos simplesmente ignorar o avanço das tecnologias no sentido de disponibilizar formas, em meio digital, cada vez mais próximas de alcançar a portabilidade do livro impresso (tais como, por exemplo, o aparelho **Kindle**, leitor de livros eletrônico lançado pela Amazon, em novembro de 2007[28]) sem manter, contudo, a estrutura linear do livro convencional, o que lhes acrescenta a possibilidade de expansão do conteúdo, com a utilização de outras linguagens.

Não há como negar, portanto, que o espaço da leitura foi ampliado, ao adentrar o universo virtual e incorpóreo do ciberespaço. Para Barreto (2005, p.518), o ciberespaço pode ser qualificado como um "não-lugar", um agrupamento de dados que flutuam num espaço intangível. A corporeidade do texto impresso, por sua vez, é tangível, mas o espaço em que nos entregamos à interpretação da leitura precisa ser questionado, já que quando nos

[28] "A genialidade do **Kindle**, vendido a US$ 399, é a inclusão de um telefone celular dentro do dispositivo, que é do tamanho de um livro convencional, entretanto mais fino. Através de um modem, o Kindle pode remotamente baixar livros, revistas, jornais e blogs - por uma taxa - em qualquer lugar que haja cobertura da Sprint Nextel. Não é necessário pagar uma assinatura para a empresa telefônica, a Amazon cuida disso." (SVENSSON, Peter. Revista de Tecnologia do Portal Terra. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI2094362-EI4799,00.html>. Acesso em: 27/11/2007).

"enredamos nas malhas de uma narrativa", adentramos a virtualidade do espaço em que se configura a informática. Assim, "ao dar ouvidos a um discurso, ao ler um livro, ao navegar na rede, estamos nos constituindo, constituindo os signos do pensamento, seja numa tessitura de palavras, imagens ou sons. Adaptamo-nos às tecnologias sabendo que exigem competência".

Temos o privilégio de viver um *momento de fronteira* em que verificamos a transformação do paradigma da leitura exclusivamente em suportes concretos como o papel, para um espaço de coexistência do livro tradicional com o hipertexto. Este pode ser, portanto, um bom momento para repensar algumas práticas de leitura e, com isso, buscar melhor preparo do leitor contemporâneo para essa diversidade de formatos e possibilidades textuais que lhe são oferecidas.

### 2.3.2 Adaptações literárias para hipermídia

> *O segredo da mutação da obra de arte talvez seja que ela, hoje, começa a nos fazer conquistar o imaginário que está ao alcance de cada um.* (Gérard Lebrun).

Assim como a televisão e o cinema buscaram, em inúmeros momentos, inspiração em obras literárias[29] para a produção de filmes, novelas, seriados, minisséries etc., a hipermídia também já se aventurou pelo caminho das adaptações.

Transpor um texto literário para qualquer outro meio que não seja o livro impõe algumas alterações estruturais importantes. Suprimir ou acrescentar falas e até mesmo trechos inteiros da obra original, repensar, somar e subtrair personagens, dar voz e imagem a cada personagem inicialmente criado de acordo com o universo imaginário de cada leitura, bem como manter ou não um narrador "em *off*", criar e tangibilizar o espaço e situar a ação num dado tempo são recursos à disposição dos adaptadores. A televisão e o cinema introduzem aspectos e recursos próprios (movimentos de câmera, trilha sonora, cortes, edição etc.) que, se por um lado, ampliam as potencialidades da capacidade imaginativa do adaptador e impõem

[29] Para ficarmos apenas com **ótimos exemplos**, lembremo-nos de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, dirigido no cinema por Nelson Pereira dos Santos (1963*), Grande sertão: veredas,* de Guimarães Rosa, transformado em minissérie para a televisão por Walter Avancini (1985), ou a recente adaptação de Fernando Meirelles (2008) para a obra de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira.*

objetividade ou subjetividade às imagens[30], por outro podem interferir na obra original e, consequentemente, em sua leitura.

Em entrevista à Revista Língua Portuguesa (LYRA, 2008), Fernando Meirelles, diretor da aclamada adaptação para o cinema da obra de Saramago *Ensaio sobre a Cegueira*, afirma que "Cinema e Literatura são linguagens muito diferentes, cada uma com suas características próprias". No que diz respeito às dificuldades de transposição do texto, segundo o diretor, "as idéias abstratas e pensamentos são mais complicados de ser traduzidos em imagens. As passagens onde há mais história e ação são as mais tranquilas para virar filme".

As visões de alguns estudiosos e roteiristas sobre o processo de adaptação corroboram a opinião do diretor (RIBEIRO, 2008, p. 24-25):

> É necessário agir como um ladrão, tomar a obra para si. Pensar 'agora é meu!' e trabalhar em cima do que considerar importante. (Bráulio Mantovani, *Cidade de Deus*, 2002).
>
> Planos, luz, cores e sons tornam-se artifícios de roteiro, quando manipulados em adaptações para 'direcionar o olhar do adaptador'. É aí que entra a diferença. Enquanto nos romances o narrador é o que conta a própria história (1ª pessoa) ou a do outro (3ª pessoa), no filme esse ponto de vista é cumprido pelo olhar dado pelo diretor, que 'exerce o papel' de condutor do olhar do espectador. É ele quem faz as escolhas que nos levam a este ou àquele caminho. (Gabriela Almeida, professora de Cinema).
>
> É preciso trabalhar a essência da obra, o que é importante. Se o livro é *Romeu e Julieta*, concentre-se na história de amor, na trama principal. Livre-se do apego aos detalhes. [...] O problema da 'voz em off' é que sempre se cisma em ler o livro no vídeo, ou seja, você conta as cenas que está mostrando. Poucas vezes vi dar certo. Você acaba trabalhando uma narrativa como se fosse a outra. (Di Moretti, *Cabra Cega*, 2004, *Nossa Vida não cabe num Opala*, 2008).

Com a hipermídia não é diferente, mas é preciso lembrar que cada linguagem possui características próprias que, de alguma maneira, podem ajudar a construir o sentido na leitura de um texto adaptado.

Mais do que diferenças de linguagem, a adaptação implica uma reinterpretação do original, que pode significar o corte de cenas e personagens, a introdução de outros tantos, alterações no tempo e no espaço, mudança da perspectiva narrativa, desenvolvimento de tramas paralelas. Dizemos, então, que a obra adaptada para outra linguagem, ainda que o

---

[30] Para Nagamini (2004a, p.56), "o **posicionamento da câmera** determina a subjetividade ou a objetividade da narrativa através dos movimentos de aproximação, de distanciamento ou de tangenciamento que estabelecem as relações entre o telespectador e o aparelho de TV. É essa movimentação que dá expressividade às imagens."

adaptador tenha tentado fazer uma adaptação "fiel" ao original, deixa de sê-lo, transformando-se numa outra obra, uma *releitura*.

> É preciso considerar que a adaptação está sujeita a aspectos específicos do novo veículo, determinando a reescritura do texto. As diferenças de técnicas de (re)construção inviabilizam algumas cenas e sequências – às vezes, acrescentam outras – porque o próprio formato escolhido para ser produzido impõe o tempo de duração e o modo de construção do texto visual. (NAGAMINI, 2004b, p.19).
>
> Adaptar um texto significa reinterpretar e redimensionar aspectos da narrativa a fim de adequá-la à linguagem do outro veículo. (id., ibid., p.36).

Uma questão que vem à tona neste momento diz respeito à perda de autenticidade dessa obra adaptada, em virtude das transformações sofridas durante o processo de transposição por que passou o original. As críticas ao filme *Lavoura Arcaica* [31], de Luiz Fernando Carvalho, baseado na obra de mesmo nome, de Raduan Nassar, entretanto, nunca minimizaram seu caráter artístico; do mesmo modo, a extensa lista de premiações[32] do aclamado *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral, baseado no livro homônimo de Clarice Lispector, apenas corroboraram os elogios da crítica.

Mas e as adaptações que têm o computador como suporte? Como avaliar - ou criticar - tais transposições?

Walter Benjamin (1982), na década de 1930, contrapôs aos conceitos de uma teoria clássica da estética os processos de reprodução técnica da obra de arte. Segundo o autor, a beleza era associada a três elementos: a aura (marcada pelo distanciamento entre a obra e o espectador), o valor de culto e a autenticidade (unicidade da obra). Na época de sua reprodutibilidade técnica, a beleza estaria relacionada aos processos de reprodução da obra de arte e não mais à "experiência religiosa" que a definia. Assim, em contraposição ao distanciamento da aura, a técnica proporcionaria maior aproximação obra-espectador; em

---

[31] "[...] classifico "**Lavoura Arcaica**" como um exercício de sensibilidade, uma quase obra-prima de um notável cineasta em seu primeiro longa e com um elenco majestoso. Um filme único na história do cinema brasileiro". EWALD FILHO, Rubens. In: UOL CINEMA. Disponível em: <http://cinema.uol.com.br/dvd/2005/10/12/lavoura_arcaica.jhtm>. Acesso em: 10/12/2006.

[32] Melhor Filme Júri Oficial e Popular, Melhor Direção, Melhor Roteiro (a diretora e Alfredo Oróz), Melhor Fotografia (Edgar Moura), Melhor Cenografia (Clóvis Bueno), Melhor Montagem (Idê Lacreta), Melhor Trilha Sonora (Marcus Vinícius), Melhor Ator (José Dumont), Melhor Atriz (Marcélia Cartaxo), Prêmio da Crítica e Prêmio OCIC (Organização Católica Internacional para o Cinema e o Audiovisual), Troféu Jangada - XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro/DF, 1985; Melhor Filme, Menção Honrosa da CICAE (Confederação Internacional de Cineclubes), Urso de Prata Melhor Atriz (Marcélia Cartaxo) e Prêmio OCIC (Organização Católica Internacional para o Cinema e o Audiovisual) - 36º Festival de Berlim/Alemanha, 1986; Prêmio de Melhor Realização - 8º Festival de Filmes de Mulheres, Paris, 1986; Melhor Direção, Melhor Atriz (Marcela Cartaxo), Melhor Montagem (Idê Lacreta) - Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

lugar de seu valor como objeto de culto, surgiria o valor de representação; e, em contraposição à autenticidade da obra, a preocupação estaria na fidedignidade da reprodução. A arte seria, desse modo, dissociada da impressão causada pela "experiência da arte", passando a estar diretamente relacionada à "realidade da arte".

Contrapondo o cinema (associado à reprodução) ao teatro clássico (vinculado à representação), Benjamin aponta as diferenças entre as posturas de seus atores: "no teatro, é o ator em pessoa que, em definitivo, apresenta diante do público sua própria atuação artística: já a atuação do ator cinematográfico exige a mediação de todo um mecanismo" (1982, p.222). Assim, a atuação do artista no cinema e sua relação com o público estariam mediadas e submetidas à técnica, através de procedimentos de edição, montagem etc. Do mesmo modo, a falta de simultaneidade entre a atuação do ator e a apresentação do filme ao público, uma vez que ela não se realiza ao vivo, como no teatro, impede a adaptação da representação às reações do público, transformando-o numa espécie de "*expert,* cujo julgamento não é alterado por nenhum contato pessoal com o intérprete" (1982, p.223), impedindo, assim, que se atribua à obra o valor de culto.

Se pensássemos nas adaptações feitas para TV ou cinema, ainda poderíamos, à revelia do que afirmou Benjamin, buscar certo caráter contemplativo, relacionado não só à obra adaptada, mas também ao elenco, à direção, cenografia, montagem etc. Através do cinema e da TV, o espectador assiste a uma obra pronta, com introdução, desenvolvimento e final determinados pelo autor (nesse caso, o diretor ou o roteirista), numa sequência narrativa previamente definida. A peça de hipermídia, em contrapartida, possui uma característica muito particular, a interatividade, que, talvez, a impeça de ser considerada uma obra de arte, na concepção contemplativa do que entendemos como tal, uma vez que, através dela, o usuário participa da construção da obra e de seu sentido, colaborando, assim, como uma espécie de coautor do texto hipermidiático. Além da destruição da aura, uma vez que não há distanciamento entre obra e público, a autenticidade, no que diz respeito à unicidade da obra, também cai por terra, pois cada um dos usuários percorrerá caminhos diferentes e, além disso, um mesmo usuário pode percorrer um novo caminho a cada acesso, criando, em ambos os casos, uma nova obra a cada conexão.

Segundo Landow (1997), "na narrativa hipertextual, os leitores constroem seus próprios caminhos, suas próprias seqüências temporais, podendo realizar saltos segundo suas necessidades informativas". Mas por que isso ocorre?

A estrutura de uma hipermídia constrói-se através de nós e links. Os nós, chamados pelo autor de *lexias*, são "unidades de informação que contêm vários tipos de

dados: texto, imagens gráficas, fotos, sons, sequências animadas, código de informação, programas aplicativos etc.". Os links, um dos mais importantes conceitos no ciberespaço, têm, entre outras funções, a de levar o usuário de um nó a outro, modificando seu significado ao combinar as variáveis e permitindo, assim, que esse usuário (ou navegador) forme uma *trilha* ou rota de navegação, responsável pela construção do sentido (LANDOW apud BRAGA, 2003, p. 127-128).

Em uma obra hipermidiática, desse modo, "é o navegador que constrói o significado, ou seja, que realiza a montagem final, segundo as variáveis concebidas pelo designer[33]" (BRAGA, 2003, p. 131). Como no cinema, a construção do sentido num texto hipermidiático está relacionada à montagem que, entretanto, não chega pronta ao espectador, mas vai sendo realizada por ele, através das possibilidades de caminho imaginadas pelo autor/designer.

Lucia Santaella (2003, p. 250), refletindo sobre arte tecnológica, traça os caminhos percorridos pelo conceito de arte desde sua concepção, forjada no Renascimento, até as propostas artísticas dos dias de hoje. Segundo ela,

> Técnicas para se produzir arte sempre houve. A técnica se define como um saber fazer, referindo-se a habilidades, a uma bateria de procedimentos que se criam, se aprendem, se desenvolvem. As técnicas artísticas que dominaram até a Revolução Industrial eram técnicas artesanais [...] dependiam, por isso, de habilidade manual de um indivíduo para plasmar [...] o visível e o imaginário visual em uma forma bi ou tri dimensional.

Com o surgimento da câmera fotográfica, a autora (2003, p. 250-252) afirma que saímos da era do artesanato e ingressamos no tempo das artes tecnológicas, definidas como aquelas em que o artista produz sua obra através da mediação de "dispositivos maquínicos [...] que materializam um conhecimento científico", enquanto nas artes artesanais, os dispositivos materiais seriam uma espécie de prolongamento do gesto humano, tais como lápis e pincéis. A câmera fotográfica, assim, propiciou ao artista sair do "espaço mitificado" de seu ateliê e penetrar na crua realidade da vida mundana.

Santaella traça, a partir dessa constatação, extenso e detalhado histórico da arte tecnológica no mundo todo. Das primeiras intervenções de um computador, em 1963, através das imagens computacionais de Michaell Noll[34], passando pela influência de Waldemar

---

[33] Nesse contexto, **designer** é a pessoa encarregada de desenvolver aspectos gráficos e estruturais da página web.

[34] **Michaell Noll** foi um artista que utilizou regras matemáticas em seus trabalhos, que compunham um tipo de arte chamado permutacional, baseada nas teorias do físico e filósofo francês Abraham Moles.

Cordeiro[35], no final dos anos 1960 e na década seguinte, por seus trabalhos de arte computacional, pelas videoinstalações e ambientações multimídia nos anos 1970, até o primeiro ambiente interativo, *Lorna*[36] (1979), a arte caminhou no sentido do uso cada vez maior de recursos tecnológicos. Com a popularização da web, na década de 1990, explodem os projetos que envolviam a transmissão de informações por multimeios (fone, telex, fax etc.), cujas repercussões foram de ordem profunda:

> Dos anos 90 para cá, estamos assistindo a uma nova revolução que, provavelmente, trará conseqüências antropológicas e socioculturais muito mais profundas do que foram as da Revolução Industrial e eletrônica, talvez ainda mais profundas do que foram as da revolução neolítica. Trata-se da revolução digital e da explosão das telecomunicações, trazendo consigo a cibercultura e as comunidades virtuais. (SANTAELLA, 2003, p.272).

A ciberarte, ou arte interativa, seria, assim, o resultado da complexidade de linguagens e técnicas advindas dessa nova revolução, que se "hibridizam" em ambientes de colaboração desenvolvidos por artistas digitais, nos quais a interação e participação do usuário "complementam a arte". Para Rush (apud SANTAELLA, 2003, p. 274), a interação de artistas e máquinas cria, subsequentemente, uma outra interação com participantes. Estes, por sua vez, manipulam a arte em suas máquinas, a partir de "rotinas pré-programadas que podem variar de acordo com os comandos ou simples movimentos dos participantes".

Santaella (2003, p.277) tenta, por fim, propor uma sistematização das tendências da ciberarte hoje. Dentre formas propostas, destacamos uma em que poderiam estar enquadradas as adaptações para hipermídia:

> Na tradição das artes computacionais dos anos 1980, a ciberarte inclui a imagem, sua modelação em 3D e a animação, assim como a música computadorizada [...] o texto ampliado nos fluxos interativos e alineares do hipertexto; **a imagem, o som e o texto ampliados na navegação reticular da hipermídia em suporte CD-ROM ou em sites para serem visitados e interagidos**, tudo isso já em plena atividade, enquanto se espera a ampliação da TV digital em TV interativa, unindo indelevelmente o computador com a televisão. (grifo nosso).

---

[35] **Waldemar Cordeiro** foi um "artista de amplos interesses, dedicado não somente à prática artística como também à teoria e à crítica de arte, que atuou na cidade de São Paulo entre o final da década de 1940 e início de 1970. Por sua origem, formação e convicções ideológicas, Cordeiro materializa a figura do artista culto, politizado, essencialmente urbano, de verve cosmopolita e que pensa a arte inserida no âmago de uma sociedade industrial", explica Helouise Costa, curadora da exposição Waldemar e a Fotografia (2002).

[36] Desenvolvido em 1979, **Lorna** foi o primeiro ambiente interativo, cuja "tecnologia de videodisco interativo permitiu, sem o auxílio do computador, que seleções de sequências pictóricas fossem vistas tão rapidamente que o efeito de navegação foi criado em tempo real." (SANTAELLA, 2003, p.266-267, adaptado).

Partindo, pois, das afirmações de Santaella, consideramos as hipermídias - adaptações de literatura para meios digitais - aqui utilizadas como possuidoras de caráter artístico, valendo-nos, assim, do mesmo olhar com que enxergamos as adaptações literárias desenvolvidas para outros meios e linguagens, como o cinema ou a televisão.

## 2.4 BLOGS OU DIÁRIOS ELETRÔNICOS NA WEB

Blogs[37] são "diários eletrônicos", uma forma individual ou coletiva de se expressar na web e veicular fatos, idéias, pensamentos, reflexões etc. Criados nos mesmos moldes dos diários de papel (em geral secretos), nos quais um autor narra, em primeira pessoa, fatos de sua vida, os blogs, ao contrário, geralmente são públicos e, por estarem inseridos na rede, qualquer pessoa que, por ventura, digitar o endereço eletrônico em que está hospedado, poderá lê-lo.

O site do MEC (Ministério da Educação e Cultura), em sua página destinada a *Recursos da Internet para Educação*, apresenta a seguinte definição para blogs:

> [...] são páginas pessoais, em formato de diários, atualizadas a qualquer momento, trazendo links para outros blogs do dia-a-dia ou temas específicos, como cinema, arte, música, educação e gira em torno de comentários sobre atualidades trazendo mais cor, expressão, identificação e individualidade à Internet. [...] Muitos são pessoais, intimistas, veiculam idéias ou sentimentos do autor, alguns são voltados para diversão e outros para o trabalho, mas também tem aqueles que misturam tudo. Mas, em geral, enfocam um tópico ou área de interesse para quem os escreve.

Tecnicamente falando, os blogs "são páginas na Internet (web) que utilizam os protocolos de transmissão de dados e contam com um servidor para armazenar as informações que apresentam e que precisam ser atualizados com frequência" (FERREIRA, s.d). Um dos mais conhecidos desses servidores é o **Blogger** (<http://www.blogger.com>), cuja extensão atribuída aos blogs nele criados, *blogspot*, é, atualmente, bastante popular.

Obviamente, o público adolescente apoderou-se rapidamente desse mecanismo de escrita de diários on-line e passou a narrar suas dores e seus amores, geralmente através de um pseudônimo, a um público que quase não se pode mensurar, dado o grande alcance da rede.

---

[37] Abreviação de **Weblog**, junção dos termos *web* (rede) e *log* (diário de bordo). O verbo inglês *to log* tem, assim, o sentido de registrar algo num diário de bordo. (BALTAZAR; AGUADED, s.d).

Inicialmente, porém, não havia ferramentas de edição simplificadas, acessíveis a públicos que desconhecessem totalmente as linguagens de programação usadas para edição. Era necessário, assim, algum conhecimento dos códigos da "linguagem HTML"[38] para poder fazer alterações simples como mudar a fonte ou a cor dos textos publicados (chamados de "postagens", ou, simplesmente, posts), o que, de certo modo, restringia-os àqueles que apresentavam mais habilidade com o computador. Com os avanços tecnológicos digitais surgidos, sobretudo, após a disseminação da Web 2.0[39], facilitou-se de tal forma a criação e edição dos blogs, que eles ganharam inúmeros outros usos, deixando de ser, simplesmente, o diário eletrônico dos públicos adolescentes. Assim, pelo desenvolvimento de mecanismos de edição de blogs muito mais rápidos e simples do que os de outros tipos de sites[40] (que preveem gastos com um indivíduo responsável por sua atualização, por exemplo), aqueles ampliaram consideravelmente seu espaço de atuação, substituindo ou dando suporte aos sites oficiais de algumas empresas (<http://cronopioseditora.blogspot.com>; <http://artefuzue.blogspot.com>; <http://www.mercadonacional.blogspot.com>), transformando-se em veículos jornalísticos (como o da editora da Revista Exame Cris Correa - <http://portalexame.abril.com.br/blogs/cristianecorrea/listar1.shtml>; do jornalista Fabio Zanini - <http://penaafrica.folha.blog.uol.com.br>; do jornalista Marcelo Tas - <http://marcelotas.blog.uol.com.br>), literários (como o da escritora Ivana Arruda Leite - <http://doidivana.wordpress.com>; ou o recente *Caderno*, do escritor José Saramago - <http://caderno.josesaramago.org>), educativos - ligados ou não a escolas (como o de Matemática - <http://matexpress.wordpress.com>; ou o de Ciências: <http://super.abril.com.br/blogs/cienciamaluca>; e Física: <http://fisica9ef.blogspot.com>), de divulgação de eventos (<http://www.premierbrasileventos.com.br/blog>), de culinária

---

[38] **HTML** (*Hyper Text Markup Language* - Linguagem de Marcação de Hipertexto) é uma linguagem utilizada para criar arquivos que podem ser visualizados na web. Através dela, é possível criar documentos para serem lidos em qualquer computador e transmitidos pela Internet.

[39] O termo **Web 2.0** é utilizado para definir a segunda geração da web, cujo diferencial é a troca de informações e a colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais, tornando o ambiente on-line mais dinâmico e os usuários mais colaborativos no que diz respeito à organização de conteúdo. Como exemplo, pode-se citar a enciclopédia Wikipedia, cujas informações são postadas e editadas pelos próprios internautas. (**Entenda o que é Web 2.0.** In: Folha On-line, 10/06/2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20173.shtml>. Acesso em: 15/10/2008.)

.

[40] "**O que distingue o blog de um site convencional** é a facilidade com que se podem fazer registros para a sua atualização, o que o torna muito mais dinâmico e mais simples do que os sites, pois sua manutenção é apoiada pela organização automática das mensagens pelo sistema, que permite a inserção de novos textos sem a dificuldade de atualização de um site tradicional. No blog, os registros aparecem em ordem cronológica inversa e exigem apenas conhecimentos elementares de informática por parte do usuário." (BARRO, M.R.; FERREIRA, J.Q.; QUEIROZ, S.L. Blogs: Aplicação na educação em Química. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc30/03-EQM-5108.pdf>. Acesso em 10/11/2008).

(como o da chef de cozinha Regina Bui: <http://www.umdivanacozinha.blogspot.com>; ou o do jornalista e gastrônomo Josimar Melo: <http://josimarmelo.blog.uol.com.br>), de cursos (gratuitos: <http://www.blogcurso.com.br>; de violão: <http://cursosartmaia.blog.terra.com.br>), entre inúmeros outros usos encontrados numa rápida busca na web.

Komesu (2005) atribui seu surgimento à utilização do *software* Blogger, em 1999, criado por Evan Willians. Segundo afirmação de Willians, a função inicial do produto era fornecer alternativa mais popular à publicação - antes exclusiva dos sites - de textos na web, o que se confirmaria três anos depois, com a inscrição de uma média de dois mil novos usuários por dia. Essa popularidade seria atribuída a dois fatores principais: 1) contrariamente aos sites, não demanda o trabalho de um especialista em informática; 2) tanto o programa necessário para a construção de um blog quanto a hospedagem são gratuitos. (KOMESU, 2005, p. 111-112). Além disso, possibilita manutenção rápida e simples e propicia participação dos leitores (que podem deixar comentários ao texto publicado). Surge, assim, a necessidade de se buscarem visitantes, o que pode levar o usuário à criação de uma página visualmente atrativa e à necessidade de garantir certa frequência na publicação dos textos.

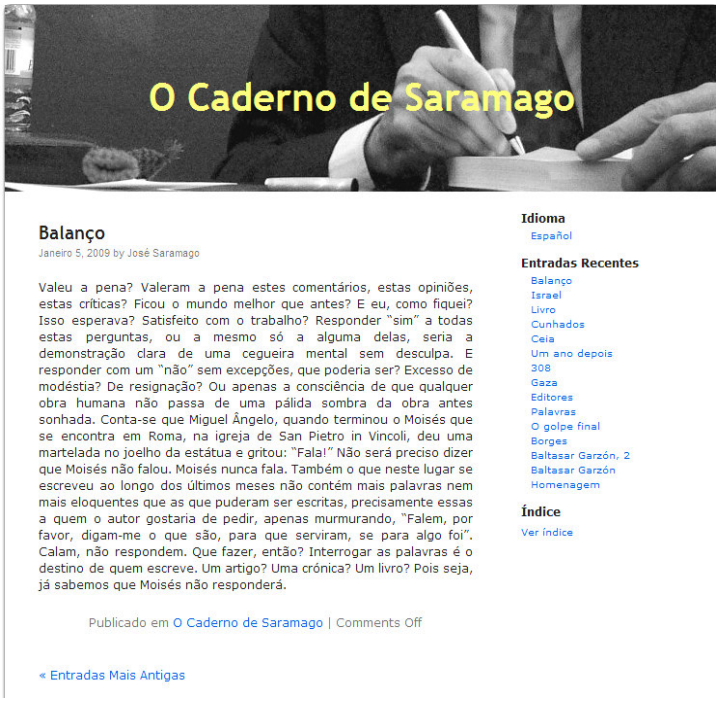



**Figura 5:** Página de abertura do blog do escritor José Saramago.

Uma das características do blog é a possibilidade de conter links (geralmente expressos através de uma ou mais palavras sublinhadas) para outras páginas da web

relacionadas ao assunto ali tratado, criando, assim, uma rede de temas interligados (BALTAZAR; AGUADED, s.d). Desse modo, um blog jornalístico que aborde, por exemplo, a crise econômica mundial, pode trazer links tanto para as páginas de jornais ou revistas que tratem do assunto, através da apresentação de comentários de especialistas, quanto para o blog de um escritor que aborde o tema de forma literária (com uma crônica, por exemplo), ou de um cartunista que o parodie com uma charge, ampliando, assim, as possibilidades de leitura e (por que não?) os modos de ver do leitor que por ali navega.

**Figura 6:** Links - blog do jornalista Marcelo Tas. Ao clicar com o *mouse* em cada uma das palavras sublinhadas (destacadas em vermelho), o usuário é levado à outra página da web.

A rapidez com que se pode publicar qualquer texto nos blogs é um dos fatores que confere a eles uma versatilidade muito grande. Assim, enquanto um fato pode levar um dia inteiro para chegar a um jornal impresso, ou o tempo de edição de um noticiário para chegar à TV, os blogs podem propiciar a difusão imediata de qualquer tipo de informação na web, fato corroborado pelo grande número de blogs jornalísticos observado atualmente (MARINHO, 2007).

A grande popularidade dos blogs, além da versatilidade e das facilidades de criação e manutenção, pode estar também relacionada à existência (opcional) dos campos para comentários, áreas abertas para edição em que os leitores podem registrar suas opiniões. De modo geral, a grande maioria dos posts possui um campo no qual o leitor pode expressar-se acerca do tema postado, tornando-se, assim, uma espécie de coautor do texto e ampliando as

possibilidades de discussão, já que um próximo leitor pode, além de opinar sobre um dado post, opinar sobre comentários anteriores. No blog do jornalista Marcelo Tas, por exemplo, há posts com mais de cinquenta comentários.

01/01/2009

**Feliz zero nove!**

Beijo de elefantes na África

***Que o ano tenha muitos desses...***

PS: recebi do meu big friend Marcello Dantas e retransmito a vocês. Besos e feliz zero nove a todos!

PS2: meu primeiro sonho do ano foi com João Gilberto. Caminhávamos no meio de uma multidão a caminho de um auditório onde ele ia dar uma palestra. Ele falava sem parar comigo sem se preocupar se eu ouvia ou não, falava com si mesmo... Reclamava da vida, da internet... mas tudo com muita doçura e paciência com a malucada que o seguia pelas calçadas esburacadas. Espero que seja um bom prenúncio de zeronove: sonhar com dificuldades, desconfortos acompanhados da doçura e elegância de João, cordeiro de Nanã...

Escrito por **Marcelo Tas** às **10h12**
[ 81 comentários ] [ regras ] [ envie esta mensagem ] [ link ]

**Figura 7:** Post do blog do jornalista Marcelo Tas que apresenta 81 comentários.

Outros blogs, como o da arquiteta e escritora Lucia Carvalho, permitem que seus leitores, ao postarem um comentário, divulguem os endereços de seus próprios blogs, o que lhes possibilita a divulgação de suas páginas, o acesso de novos visitantes a elas e, consequentemente, maior divulgação de seus textos.

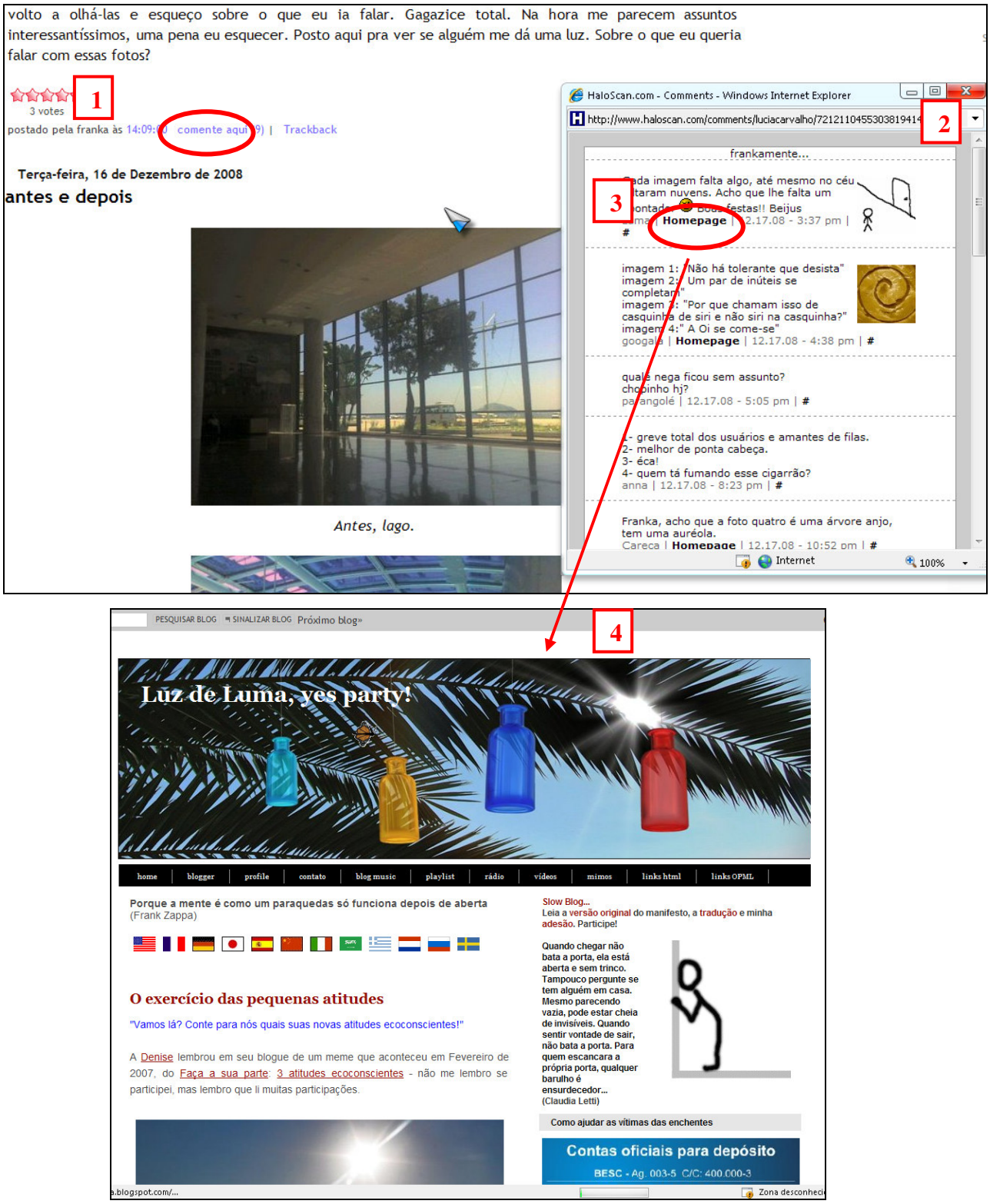



**Figura 8:** Links - Ao clicar no link "comente aqui" no blog *Frankamente* (1), abre-se uma nova janela para comentários (2). Clicando-se no link "Homepage" (3) o usuário será direcionado ao blog *Luz de Luma* pertencente ao autor do comentário (4).

Segundo artigo publicado na revista Telos[41], um dos pontos mais importantes a serem considerados quando se propõe um trabalho com blogs é a capacidade de interatividade proporcionada, entre outros fatores, pelo uso dos comentários, pois eles permitem que o blog "passe de um monólogo a um diálogo", uma vez que, através deles, o autor do post pode receber o *feedback* (resposta, retorno) de seus leitores e replicar a eles.

### 2.4.1 Os blogs na Educação

Em virtude de sua capacidade de instigar a participação dos mais diversos tipos de público, pela velocidade de disseminação da informação, pela facilidade de construção e atualização, bem como pela rapidez com que podem ser encontrados e difundidos no mundo todo através da web, consideramos os blogs como um espaço colaborativo capaz de fomentar a divulgação e a construção do conhecimento, o debate e instigar a produção de texto. Por que, então, não trazê-los para a escola?

Segundo Richardson (2006), há inúmeras razões para se incentivar o uso de blogs na sala de aula[42], entre elas o fato de o blog ultrapassar as fronteiras escolares, ampliando as possibilidades de divulgação dos trabalhos dos alunos, fato que incentivaria atitude mais ativa até mesmo daqueles que costumam manter postura menos participante durante as aulas. Outro fator importante, ao se pensar em seu uso escolar, é a possibilidade de uma criação coletiva, que envolva um ou mais grupos de alunos e que pode incluir o professor de uma dada disciplina, ou vários professores, favorecendo, assim, a interdisciplinaridade.

Marinho (2007), por sua vez, afirma que um blog pode ser usado, na escola, como estratégia para incentivar e desenvolver o pensamento crítico e analítico, a criatividade, a intuição, a associação e, consequentemente, o pensamento analógico, além de combinar uma reflexão pessoal ("solitária") com uma ampla interação social, desenvolvendo a capacidade de atuação do aluno tanto individualmente quanto em grupo (colaborativamente). Essa "escrita colaborativa" ocorreria tanto no momento em que um leitor insere um comentário num dado

---

[41] **Uso dos blogs na perspectiva construtivista**. In: Revista Telos, nº65, out-dez 2005, p. 86-93. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/Educadores/artigos/pdf/blogs_educacao_pdfrv.pdf>. Acesso: 02/11/2008.

[42] Richardson considera os **blogs**, juntamente com os **wikis** (sistemas enciclopédicos como a wikipedia, por exemplo) e **podcasts** (rádios on-line) uma das importantes ferramentas web para a sala de aula ("Blogs, wikis, podcasts and other powerfull web tools for classroom", Corwin, 2006).

post, quanto durante a leitura desse post e de seus comentários por qualquer outro usuário da web.

Ainda segundo o autor (2007, p.3), com relação às competências relacionadas à escrita, "os blogs possibilitam o efetivo exercício de todas as etapas que a caracterizam, como o rascunho, a edição, a organização, a pré-escrita, a leitura da prova, a publicação e a revisão", podendo haver, a qualquer momento do processo, a participação, o apoio, o controle ou mesmo a interferência do professor.

Para Suzana Gutierrez, pesquisadora da UFRS[43], os blogs permitem o exercício do pensamento crítico através da escrita, abrindo novas possibilidades de reflexão acerca dos papéis desempenhados por alunos e professores no processo educativo, além de favorecerem a inter e a transdisciplinaridade, uma vez que guardam os registros de todas as etapas dos trabalhos. Além disso, possibilitam, ainda, a participação das famílias e da comunidade, sendo uma alternativa para a criação e desenvolvimento de projetos mais amplos[44].

Sônia Bertocchi, educadora[45], afirma que os blogs podem atuar na "reinvenção" do trabalho pedagógico, por envolverem fortemente os alunos (que se tornam "escritores, leitores e pensadores") e atuarem como espaço para anotações e discussões acerca das aulas, favorecendo, assim, a criação de redes sociais e de saberes[46].

A professora Marli Dagnese Fiorentin, ligada ao Núcleo de Tecnologia Educacional (Bento Gonçalves - RS), considera o blog educativo como uma ferramenta que favorece a interação com outras pessoas, externas ao âmbito escolar, além de propiciar maior aproximação entre os alunos e professores envolvidos nos projetos desenvolvidos. Para ela, o blog contextualiza a aprendizagem através da interação que promove entre a escola e o mundo[47].

---

[43] Suzana mantém o blog **Vamos Blogar?**, em que trata de ensino colaborativo. Acesso em: <http://vamosblogarbr.blogspot.com>.

[44] **Blogs como ferramenta pedagógica**. In: Revista Eletrônica de Educação a Distância, SEED/MEC. Disponível em: <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos>. Acesso em: 01/11/2008.

[45] O blog **Lousa Digital**, mantido pela educadora Sônia Bertocchi, tem uma média de 200 visitantes por mês, interessados na incorporação de novas tecnologias à Educação. Disponível em: <http://lousadigital.blogspot.com>.

[46] **Blogs como ferramenta pedagógica**. In: Revista Eletrônica de Educação a Distância, SEED/MEC. Disponível em: <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos>. Acesso em: 01/11/2008.

[47] FIORENTIN, Marli D. **Blogs, interatividade a serviço da educação.** In: Revista Eletrônica de Educação a Distância, SEED/MEC. Disponível em: <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos>. Acesso em: 01/11/2008.

Outro fator positivo do uso de blogs em sala de aula é o fato de proporcionarem o registro e a documentação dos conhecimentos adquiridos nos mais diversos projetos, inclusive interdisciplinares, de uma forma com a qual os alunos já têm bastante intimidade. Além disso, os blogs oferecem a possibilidade de enriquecimento dos seus relatos, com a inserção de imagens, ilustrações, sons ou links relacionados ao tema do projeto. (GENTILE, 2004)[48].

**Figura 9:** Vídeo extraído do site de vídeos *Youtube* e inserido no blog *Estudos Áfricos*.

Matéria publicada na Revista Eletrônica de Educação a Distância aponta sete motivos pelos quais os professores devem criar um blog (VON STAA, 2006):

> **1 - É divertido** [...]. Rapidamente o professor vira autor e, ainda por cima, tem o privilégio de ver a reação de seus leitores. [...];
> **2 - Aproxima professor e alunos** [...]. Além de trocar idéias com a turma [...] o professor faz isso em um meio conhecido por eles, pois muitos costumam se comunicar por meio de seus blogs. [...];
> **3 - Permite refletir sobre suas colocações.** O aspecto mais saudável do blog [...] é que os posts sempre podem ser comentados [...] e o professor 'blogueiro' certamente começa a refletir mais sobre suas próprias opiniões [...];

[48] GENTILE, Paloma. **Blog: diário (de aprendizagem) na rede.** In: Revista Nova Escola, edição 173, junho 2004. Disponível em: <http://revistanovaescola.abril.com.br/edicoes/0173/aberto/mt_76586.shtml>. Acesso: 03/11/2008.

> **4 - Liga o professor ao mundo** [...]. Isso ocorre concretamente nos blogs por meio dos links (que significam 'elos' em inglês) que ele é convidado a inserir em seu espaço [...];
> **5 - Amplia a aula** [...]. Aquilo que não foi debatido nos 45 minutos que ele tinha reservados para si na escola pode ser explorado com maior profundidade em outro tempo e espaço [...];
> **6 - Permite trocar experiências com colegas** [...] é possível que os colegas professores entrem nos blogs uns dos outros [proporcionando uma] troca de experiências e de reflexões [que] certamente será muito rica [...];
> **7 - Torna o trabalho visível** [...]. O professor que possui um blog tem mais possibilidade de ser visto, comentado e conhecido por suas reflexões [...]. (VON STAA, 2006).

No que diz respeito às possibilidades de interação, segundo a autora, os blogs, em decorrência da existência dos campos para comentários, oferecem mais possibilidades interativas do que os sites comuns ou os fóruns[49], já que a discussão, nos blogs, é visualmente melhor organizada e, também por essa razão, centra-se mais nos temas propostos pelo autor.

Em matéria publicada na Revista Época[50], Paloma Cotes (2007) aponta alguns benefícios que podem ser agregados pelos blogs ao dia-a-dia de alunos e professores:

> **Aproximar professores e alunos**. Os estudantes tendem a se identificar com o professor blogueiro. [...];
> **Permitir o acompanhamento.** Com os blogs, os pais podem monitorar as atividades escolares dos filhos e também ter acesso ao que o professor está ensinando. [...];
> **Ensinar linguagem digital.** Ao montar blogs, alunos e professores passam por um processo de alfabetização digital, aprendem a fazer *downloads* e outros recursos para navegar com facilidade.

Além dessas vantagens, a autora cita alguns fatores também apontados por Von Staa, como o fato de o uso dos blogs **permitir maior reflexão sobre o conteúdo tratado nas aulas, manter o professor atualizado, possibilitar a existência de atividades fora do horário de aula, trazer experiências de fora da escola e divulgar os trabalhos de alunos e professores**.

Em artigo sobre o uso de blogs na educação[51], a professora Margariga Elisa Ehrhardt Ferreira levanta inúmeras formas através das quais os blogs podem contribuir para a

---

[49] **Fórum de discussão** é uma ferramenta que promove debates acerca de uma determinada questão, através de mensagens ordenadas por data ou assunto. Os participantes do grupo podem, a qualquer momento, acessar todas as mensagens enviadas, tendo, assim, uma visão completa da discussão.

[50] COTES, Paloma. **Quer aprender? Crie um blog.** In: Revista Época, edição 456, 12/02/2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG76347-6014-456,00.html>. Acesso em 10/10/2008.

prática pedagógica. Segundo ela, eles podem, entre outras coisas, **apresentar as etapas dos projetos desenvolvidos; propiciar a criação de jornais on-line; divulgar as atividades escolares; servir de elemento de apoio a uma disciplina ou projeto; ajudar a organização de encontros educacionais; divulgar a produção e os estudos realizados pelos alunos; favorecer o desenvolvimento das competências tecnológicas de alunos e professores; ampliar as possibilidades de leitura através do uso de sons e imagens; oportunizar a discussão de valores éticos observados a partir dos comentários postados; promover esclarecimentos de alunos, professores e outros indivíduos da comunidade escolar; incentivar a produção de textos, animações etc.**

Além de todas essas possibilidades de contribuição à prática pedagógica oferecidas pelos blogs, a professora afirma que eles "aproximam as pessoas, as idéias, permitem reflexões [...] ampliam a aula e a visão de mundo". Mais ainda, apresentam-se como um "recurso extremamente prazeroso a quem o elabora e desenvolve", o que serve de estímulo a alunos, professores e outras pessoas que participam do projeto.

Burgardt, em artigo[52] publicado no Portal Universia, no qual entrevista diversos professores adeptos do uso de blogs em suas práticas escolares, afirma que são "o dinamismo e a possibilidade de ampliar a difusão de idéias que fazem do blog um aliado para quem procura e, também, produz conhecimento". Desse modo, o uso de blogs na Educação poderia ajudar a garantir uma maior participação e integração dos alunos. A esse respeito, uma de suas entrevistadas, a professora de Geografia Juliana Terra, afirma, referindo-se aos resultados de um trabalho com o 9º ano do Ensino Fundamental, que os alunos interessaram-se pela atividade pela possibilidade de uso dos recursos tecnológicos, além do fato de poderem tornar públicos esses trabalhos, bem como visitar e comentar os trabalhos dos colegas.

Além disso, segundo Burgardt, os blogs podem ajudar no arquivo de documentos, facilitando a correção de trabalhos pelos professores, afirmação corroborada pela professora Juliana: "Não preciso mais voltar para casa com pilhas de trabalho para corrigir. Basta que eu acesse os endereços postados pelos alunos para conferir e avaliar a produção [...]."

---

[51] FERREIRA, Margarida E. E. **A utilização do Blog na Educação.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/2017/1/a-utilizaccedilatildeo-do-blog-na-educaccedilatildeo/pagina1.html>. Acesso em: 13/10/2008.

[52] BURGARDT, Lilian. **Razões para criar um blog e usá-lo como aliado em sala de aula.** Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=14193>.

A professora Ana Maria Teixeira[53] salienta a contribuição dos blogs na inclusão digital de professores e alunos, uma vez que oportunizam "a exposição de produções ou de pessoas que não dispunham de tempo e recursos financeiros para criar um site". Para Teixeira, a socialização das experiências escolares através dos blogs favorece o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à leitura (de textos e imagens) e à escrita, uma vez que, para publicar um post, o aluno precisa desenvolver seus conhecimentos linguísticos. A professora ressalta, ainda, o fato de os comentários inseridos pelos leitores iniciarem uma ruptura no papel desempenhado pelo professor, que passaria de hierarquizador (pois detém o conhecimento) para mediador e compartilhador, um dos motivos pelos quais tal uso ainda seria distante da prática de alguns professores, menos dispostos a discutir seus registros e atividades propostas em salas de aula.

O uso dos blogs em Educação, como vimos, já é uma prática de professores de várias áreas e tem demonstrado bons resultados em muitas das atividades propostas.

Nos próximos capítulos, apresentaremos quatro projetos em que utilizamos a tecnologia digital na escola através de atividades que envolveram hipermídias e blogs.

---

[53] TEIXEIRA, Ana Maria. **Utilizando o blog no contexto educativo**. Disponível em: <www.moodle.ufba.br/file.php/8/moddata/forum/31/143/semoc-artigo-blog.pdf ->. Acesso em 10/10/2008.

# SEGUNDA PARTE - A TECNOLOGIA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE FRONTEIRA

# CAPÍTULO 3 - USO DE ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS PARA HIPERMÍDIA EM SALA DE AULA

Buscando entender um pouco melhor a linguagem que caracteriza o ciberespaço, desenvolvemos e aplicamos, numa escola privada de São Paulo, um projeto[1] que envolveu o uso de duas adaptações literárias para hipermídia: *Auto da Compadecida,* de Ariano Suassuna, e *Vestido de Noiva,* de Nelson Rodrigues.

Essas adaptações não foram as primeiras transformações estruturais sofridas pelas duas obras originais. A peça de Nelson Rodrigues, além das inúmeras montagens em teatro nos últimos 60 anos, foi adaptada para a TV, em 1979, por Domingos de Oliveira, com direção de Paulo José, para o projeto *Aplauso* [2], da Rede Globo, tendo Suzana Vieira, Tônia Carrero e Dina Sfat nos papéis principais. Outra adaptação - desta vez para o cinema, com Marília Pêra no papel de Mme. Clessi, e Simone Spoladore e Letícia Sabatella como as irmãs Alaíde e Lúcia - foi feita por Jofre Rodrigues, e já participou de diversos festivais internacionais de cinema em Paris, Miami e Nova York. *Auto da Compadecida*, do mesmo modo, já foi adaptado para a TV por Guel Arraes, em 1998, e depois para o cinema, em 2000, pelo mesmo diretor, com Matheus Nachtergaele e Selton Mello nos papéis de João Grilo e Chicó, respectivamente, levando aos cinemas mais de dois milhões de espectadores.

Vejamos algumas características que envolveram nosso trabalho.

## 3.1 A ESCOLA[3]

A escola em que os projetos foram desenvolvidos atua no Ensino Fundamental (EF1 e EF2[4]) e Médio; não há Educação Infantil. Conta com cerca de 300 alunos e situa-se

---

[1] O **projeto** foi desenvolvido no primeiro semestre de 2007 com a participação de vinte alunos de Ensino Médio e no primeiro semestre de 2008, com 62 alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

[2] **Projeto Aplauso:** programação produzida e exibida pela Rede Globo às segundas-feiras, em 1979, que consistia na adaptação de peças teatrais para o formato de teleteatro, com 50 minutos de duração. Saiu do ar, em virtude de problemas com direitos autorais.

[3] Informações extraídas do **site** da escola.

em terreno arborizado[5], de aproximadamente 5.000 $m^2$, na zona oeste do município de São Paulo. Com quase 20 anos de existência, tem o objetivo de "tornar-se espaço para a formação de cidadãos com autonomia para buscar conhecimentos, capazes de refletir sobre a realidade e de nela atuar". Desse modo, pretende oferecer uma educação capaz de estimular seu aluno a atuar na construção do saber e da cidadania crítica e atuante, estimulando em sua vida a atenção ao estudo, à leitura e à escrita, ferramentas que considera fundamentais ao atingimento de sua proposta.

Ao adotar a interdisciplinaridade e a transversalidade de temas como práticas[6], a escola proporciona aos alunos a participação em atividades que lhes permitem "perceber as relações entre as várias áreas de conhecimento" e explorar a aula, o debate, a leitura, o estudo, a pesquisa, a viagem, o teatro, a experimentação, como formas distintas de atingimento do saber. Do mesmo modo, faz parte de sua proposta a interação entre professores para que, "conscientes das ações desenvolvidas por cada turma nas diferentes aulas", possam organizar suas práticas de modo a estimular a associação dos novos conteúdos apresentados a outros já conhecidos.

Em todas as disciplinas, a participação do aluno é considerada fundamental e o currículo é montado a partir dessa premissa. As viagens anuais de estudo do meio, por exemplo, ocorrem desde o 6º ano do EF até o final do EM e, nessas ocasiões, o aluno exercita a habilidade de "explorar e ampliar suas próprias percepções e potencialidades intelectuais e comunicativas em ambiente externo ao do colégio".

No Ensino Médio, os alunos exercitam maior autonomia, por exemplo, através da escolha de áreas de atuação, em cursos complementares nas áreas de "Ciências Humanas e suas Tecnologias", "Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias" e "Linguagens, Códigos e suas Tecnologias", ministrados por especialistas convidados. No último ano do EM, podem, também, participar da orientação vocacional, que visa a estimular o auto-

---

[4] **A escola atua** apenas no Ensino Fundamental (que, atualmente, divide-se em EF1 - do 1º ao 5º ano - e EF2 - do 6º ao 9º ano) e no Ensino Médio.

[5] "As edificações são térreas e todas as salas de aula **abrem-se para o verde**: para o resedá, o flamboyant, as primaveras, os hibiscos e algumas outras plantas que são típicas da flora paulistana, como o jacarandá-mimoso, o ipê-amarelo e a sibipiruna, além de espécies mais incomuns, como como a espatódea (tulipa-da-áfrica). Pardais, sabiás, beija-flores e até pica-paus aproveitam da sombra, das flores e das frutas.
Muitas frutas. Amoras, pitangas, jabuticabas, acerolas, goiabas, laranjas, romãs, figos, morangos silvestres, jambos-amarelos. Um pequeno e sortido pomar oferece aos alunos a chance de saborear frutos colhidos por eles mesmos e experiências como chupar cana – para muitos, pela primeira vez –, acompanhar a floração do café e, depois, levar pra casa os frutos, ou preparar e saborear uma salada com legumes e verduras plantadas, cultivadas e colhidas na escola".

[6] O **Projeto Túnel do Tempo**, foco de um de nossos estudos acerca do trabalho com blogs, é um exemplo de atividade interdisciplinar com temas transversais.

conhecimento e a auto-percepção, em um momento de definições para o futuro pessoal e profissional. E, se são "preparados" para o exame vestibular e escolha de carreira, a fim de ingressarem em nova etapa de escolaridade, também recebem base sólida para além desse exame apenas, através de propostas variadas, como, por exemplo, a de elaboração de monografia, no 2º EM, dentro de todas as especificações formais que se exigem na universidade. Ou, ainda, para exercitarem a reflexão, a crítica e a voz, em situações concretas e cotidianas, há os momentos de F.O.C.A.R. (sigla inventada pelos alunos do EM, significando: Falar, Ouvir, Considerar, Argumentar e Reivindicar), em que coordenação e alunos sentam-se para discutir quaisquer questões do contexto escolar: a cantina, um determinado curso, estranhamentos nas relações interpessoais da turma, propostas, reivindicações... O F.O.C.A.R. não tem data marcada e pode ser solicitado tanto pela turma, como por um só aluno ou pela coordenação. Em suma, os alunos são, de diferentes maneiras, estimulados a buscarem sua independência consciente, também com vistas a esse próximo estágio de escolaridade (universidade) em que estarão menos assitidos.

Quanto à estrutura física, a escola conta com 9 salas de aula; uma sala de informática com dez computadores em rede; biblioteca com cerca de 10.000 títulos em português, inglês, espanhol e francês, uma razoável hemeroteca, com publicações semanais, mensais etc., além da assinatura de 3 jornais paulistas, sala de audiovisual; sala de idiomas; laboratório de ciências; duas quadras poliesportivas (sendo uma coberta e outra descoberta); palco; parquinho com brinquedos como balanço de pneus, casinha na árvore etc.; refeitório. Conta com um corpo docente de 40 professores, além de 11 funcionários. Atualmente, passa por uma reforma física e estrutural, para otimização do espaço, ampliação da biblioteca, redimensionamento das salas de aula e melhorias quanto à informatização da instituição, com otimização do uso de recursos tecnológicos durante as aulas, incluindo aquisição de equipamentos e treinamento dos professores.

## 3.2 OS ALUNOS

O público da escola é composto de alunos pertencentes às classes média e média alta, moradores, de modo geral, da mesma região em que se situa a escola. Em sua maioria, têm contato com diversos meios de comunicação (como jornais, revistas, TV aberta e a cabo etc.), possuem acesso à Internet com banda larga nas residências e frequentam cinemas,

teatros, museus e livrarias. Demonstram bom repertório de leitura, atividade estimulada pela escola desde as séries iniciais, além de apresentarem domínio de conhecimentos gerais, adquirido, também, em leituras, viagens, passeios e programas educacionais.

Não há falta de comprometimento com o material escolar. Os pedidos de compra de materiais, livros didáticos ou Literatura (tanto no início do ano, quanto quando são feitas solicitações complementares durante as aulas) são sempre atendidos pelos pais. Há grande presença destes às reuniões com os professores e aos eventos que ocorrem na escola, demonstrando, assim, participação ativa no processo educativo de seus filhos. O contato com a escola pode ser feito diretamente com os coordenadores – pessoalmente, com agendamento, ou por e-mail -, através da participação em reuniões com os professores ou pelo agendamento de encontros específicos com determinado professor.

O uso do uniforme não é obrigatório em nenhum momento da vida escolar do aluno, a não ser em saídas ou passeios do EF1, mas há uniforme e as crianças gostam muito de usar, principalmente nas séries bem iniciais. Já no EF2 e EM, há camisetas disponíveis, mas é raro o uso. Não se percebe, contudo, uma preocupação dos alunos com o uso de roupas de grifes famosas ou de sapatos e acessórios caros. Esse não parece ser, portanto, um motivo para a demonstração ou estabelecimento de uma rígida estratificação social entre eles.

Nossos projetos foram desenvolvidos com alunos do 8º ano do EF até o 3º ano do EM, com idades que variaram, em diferentes momentos, entre 13 e 17 anos.

Passemos, então, à descrição de cada um deles.

## 3.3 AUTO DA COMPADECIDA

O texto teatral em forma de auto, escrito em 1955 por Ariano Suassuna, foi adaptado para hipermídia por uma dupla de alunas do curso de pós-graduação em Design de Hipermídia *(lato sensu)*, de 2006, da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. A hipermídia bem como a monografia estão disponíveis na web, em: <www.designdehipermidia.com.br/autodacompadecida>.

O foco das autoras foi apontar a intertextualidade do texto de Suassuna com quatro outros textos, extraídos de folhetos de literatura de cordel, que, segundo elas, teriam servido como fonte para o autor pernambucano escrever o auto. São eles: *O enterro do cachorro, A história do cavalo que defecava dinheiro, O castigo da Soberba e As proezas de João Grilo*.

O processo de adaptação (chamado por elas da "transcriação") é descrito da seguinte forma:

> A transcriação do auto de Suassuna no ambiente hipermidiático é realizada [...] considerando a desconstrução da obra, apresentando como conteúdo [...] suas matrizes intertextuais caracterizadas pelos cordéis As Proezas de João Grilo, O Enterro do Cachorro, O Castigo da Soberba e A História do Cavalo que Defecava Dinheiro. [...] A partir da identificação da estrutura hipertextual da obra, conclui-se que as narrativas originais utilizadas pelo autor na composição da peça podem ser apresentadas simultaneamente em um projeto interativo, possibilitando uma leitura não-linear. Como abordagem para a construção da peça digital, é realizada a desconstrução dos cordéis fonte do Auto da Compadecida que são apresentados no website como blocos de informações textuais, visuais e sonoras. É utilizado o conceito de livre-arbítrio na interação e navegação entre as áreas do website e também vários conceitos da igreja Católica como os sete pecados capitais, a fé na salvação, o Céu e o Inferno, seguindo a temática religiosa da obra de Suassuna[7].

A hipermídia *Auto da Compadecida* apresenta, portanto, uma estrutura fundamentada nos textos de cordel que, através da interação do usuário, dialogam com o texto de Suassuna, invertendo, assim, a origens dos intertextos (inicialmente era o texto de Suassuna que intertextualizava com os cordéis).

As imagens abaixo foram retiradas da web e ilustram o trabalho de criação realizado a partir dos textos de cordel.

[7] Disponível em: <http://www.designdehipermidia.com.br/**autodacompadecida**/downloads/monografia.pdf>.

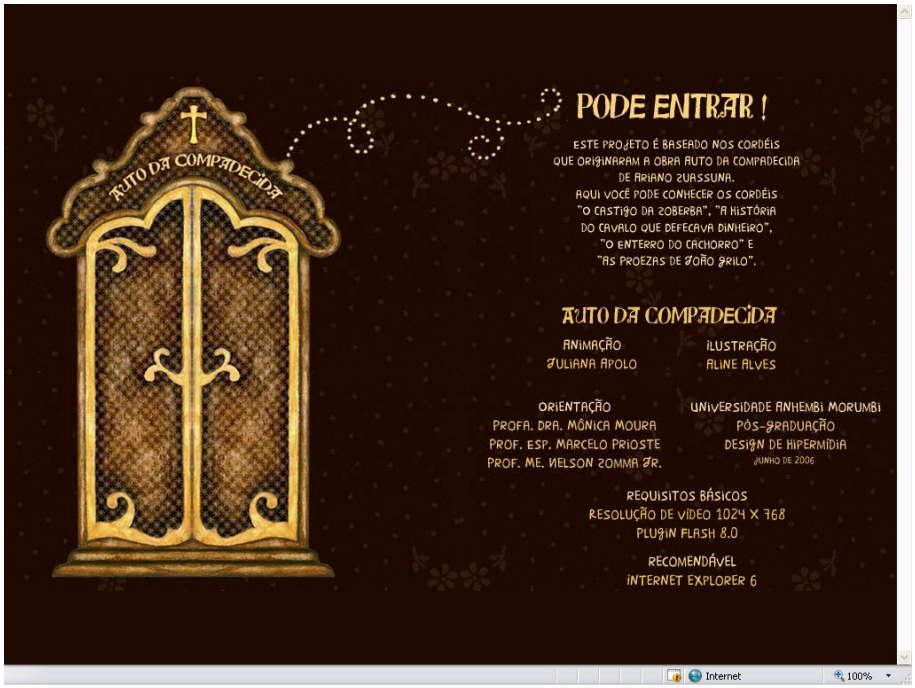



**Figura 10:** Interface inicial da hipermídia.

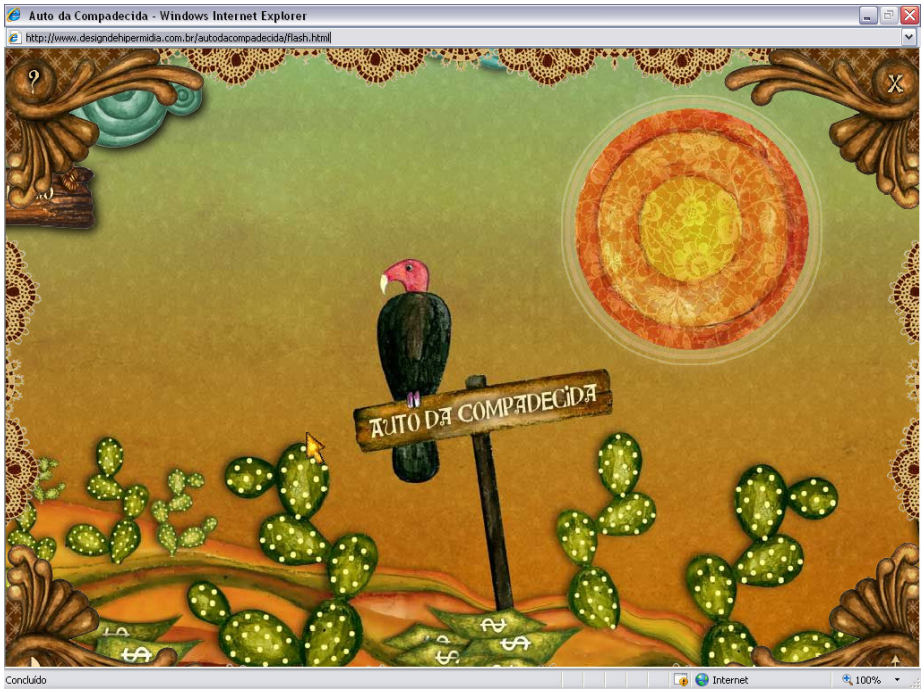



**Figura 11:** "Terra". Neste ambiente, o usuário percorre as histórias dos cordéis com os quais, segundo as autoras, o texto original intertextualiza. Há forte presença de elementos que caracterizam o cenário nordestino: a caatinga, a seca, o sol ardente, a vegetação. Observa-se o uso de rendas para compor a moldura dos cenários. A música de fundo também remete ao ambiente do nordeste brasileiro.

**Figura 12:** "O enterro do cachorro". Nota-se a forte presença de notas de dinheiro compondo o cenário.

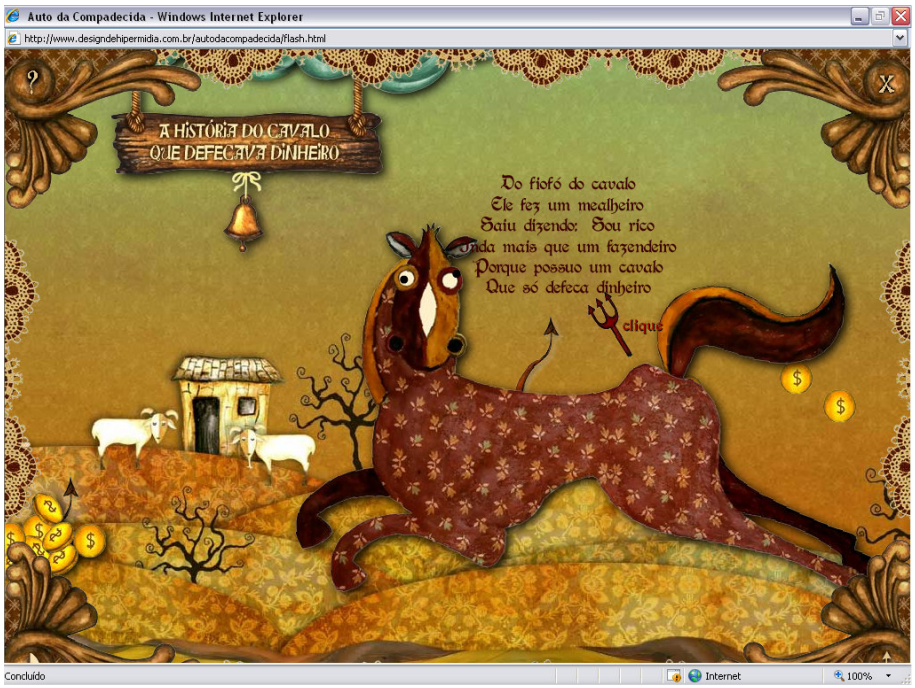



**Figura 13:** "A história do cavalo que defecava dinheiro". Ao arrastar o *mouse* sobre o cavalo, uma maior quantidade de moedas é defecada por ele.

**Figura 14:** "As proezas de João Grilo". Ao passar o *mouse* sobre as imagens vão surgindo pequenos textos que contam a história. Clicando no sino, a música é substituída por outra.

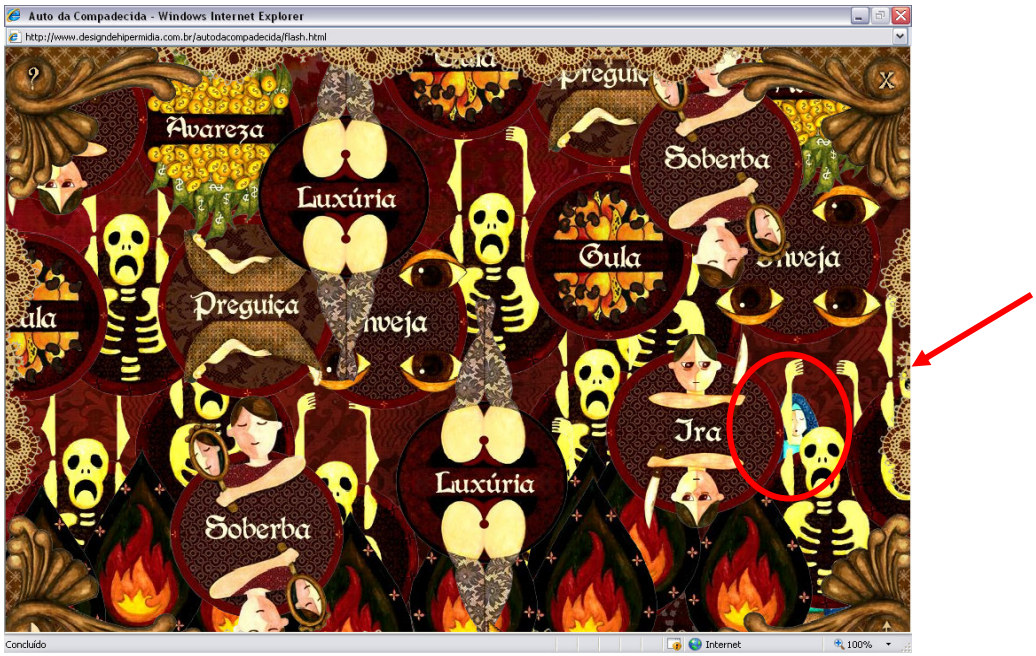



**Figura 15:** "Inferno". O usuário cai no inferno após "cometer" todos aqueles pecados. Ele precisará encontrar a "Compadecida" (marcada, aqui, em vermelho) clicando e arrastando os pecados capitais. Só então consegue ir pra o céu.

**Figura 16:** "Céu". Quando o usuário consegue ascender ao céu, a Compadecida pede ao filho que perdoe ao pecador; Cristo aceita, e o usuário retorna à Terra, onde é convidado a escrever sua própria história.

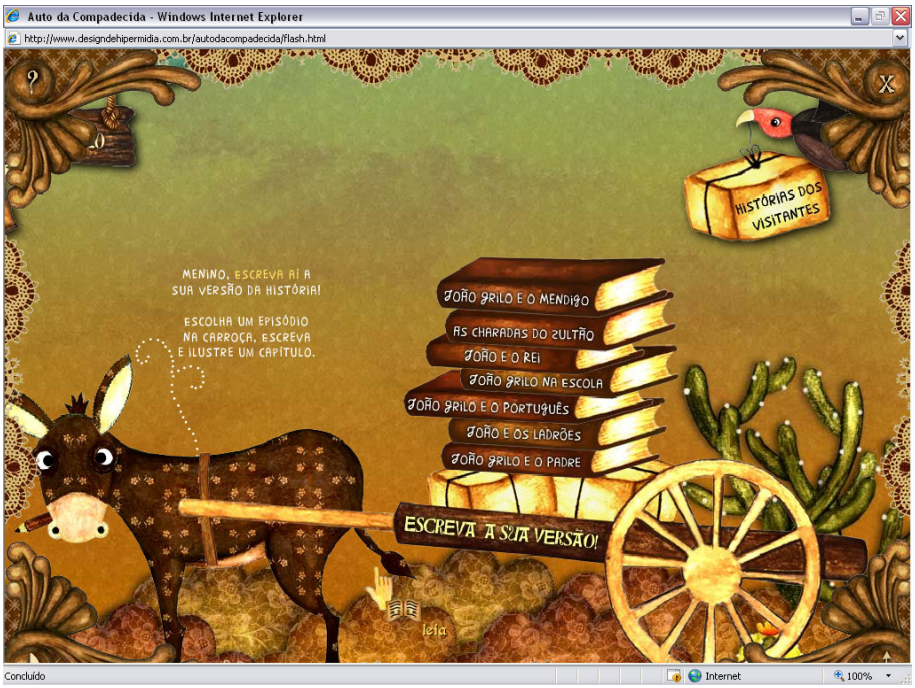



**Figura 17:** Convite para o usuário escrever a sua versão da história. Nesta tela, usuário escolhe um determinado episódio, a partir dos disponíveis na carroça, e escreve a sua própria versão da história.

## 3.4 VESTIDO DE NOIVA

*Vestido de Noiva* é uma das principais peças de teatro de Nelson Rodrigues, dirigida, originalmente, em 1943, por Ziembinski, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Marco da transformação da dramaturgia nacional, a peça inovou a concepção de teatro, ao conceber um texto em que convivem três planos distintos: realidade, memória e alucinação.

A hipermídia *Vestido de Noiva* é uma adaptação desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de alunos de graduação em Design Digital, da Universidade Anhembi Morumbi, em 2005. Está disponível na web em: <www.neo.design.nom.br/encenamidia>.

O trabalho apresenta claramente as características da linguagem hipermidiática e oferece ao usuário muitas possibilidades de interação, através da utilização de recursos como telefone, inclusive. Diferentemente do trabalho anterior, este grupo, no processo de adaptação, teve a preocupação de se manter fiel ao texto original, respeitando falas de personagens e, inclusive, as rubricas[8] do autor, importante característica das obras teatrais de Nelson Rodrigues.

As imagens abaixo mostram a forma como a hipermídia é apresentada (figuras 18 e 19), a manutenção dos três planos (realidade, alucinação e memória) do texto original, cuja diferenciação se faz pela escolha de cores (figuras 20, 21 e 22), o diário do usuário, numa referência ao diário de Mme. Clessi do texto de Nelson Rodrigues (figura 23), e duas interfaces[9] (neste caso, as telas) em que o usuário não interage através dos costumeiros *clicar* ou *arrastar* (figuras 24 e 25), mas a partir de ações como o uso de um aparelho telefônico ou do teclado de seu computador.

---

[8] Nelson Rodrigues é um dos poucos autores de teatro do século 20 que abusa das **rubricas** (indicações sobre cenário, vestuário, postura no palco, entonação de voz etc.), elementos que ajudam a compor a personagem literária em um texto dramático, favorecendo a leitura e interpretação e interferindo, de certo modo, na direção do espetáculo. (Adaptado de SUGIMOTO, Luiz. Tragédias Cariocas. In: Jornal da Unicamp. Disponível em: <www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2005/ju306pag12.html - 32k ->).

[9] O conceito de **interface** implica o espaço visual e gráfico em que ocorre a interação entre sistema e usuário.

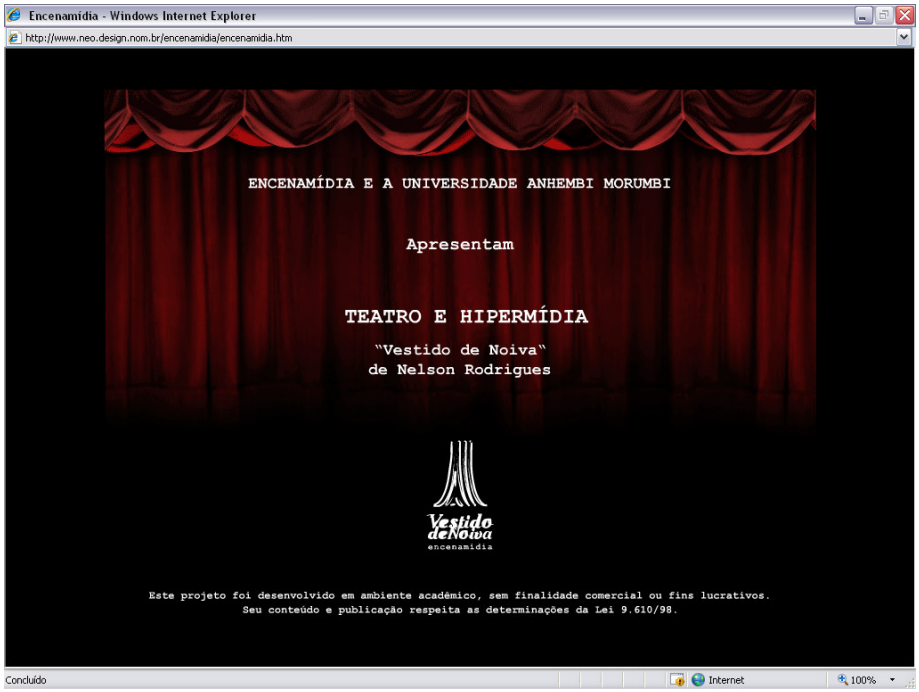



**Figura 18:** Interface de apresentação da hipermídia. Observamos o uso das cortinas teatrais e dos 3 sinais para o início da "peça", característicos do espetáculo teatral.

**Figura 19:** Interface de entrada. O usuário inicia a navegação clicando numa das três protagonistas (a partir da esquerda, Alaíde, Lúcia e Clessi).

**Figura 20:** Plano da realidade. Predomínio imagens em preto e branco.

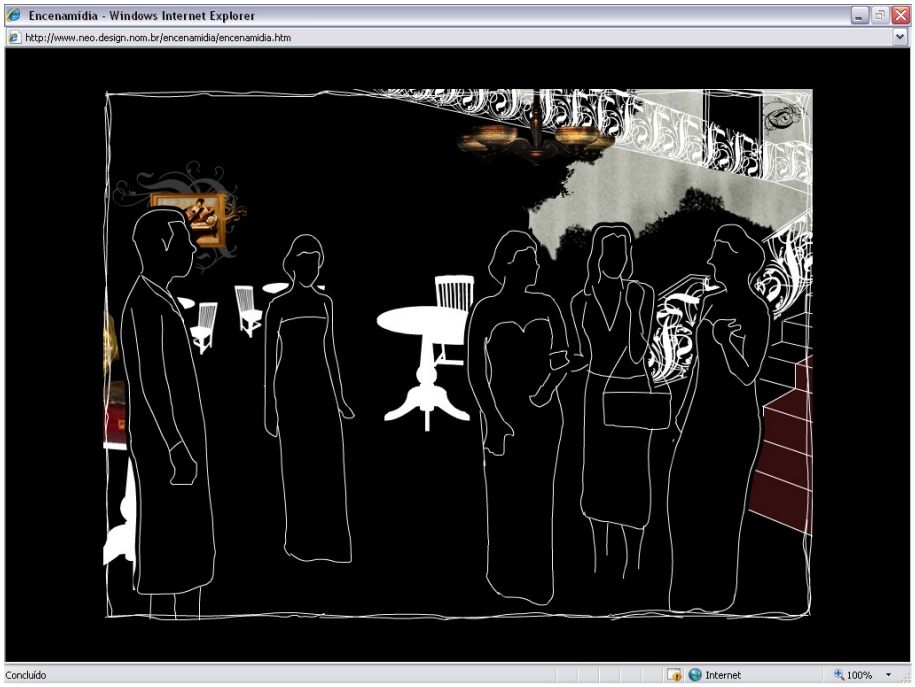



**Figura 21:** Plano da alucinação. Predomínio de plano de fundo na cor preta.

**Figura 22:** Plano da memória. Predomínio de plano de fundo na cor salmão.

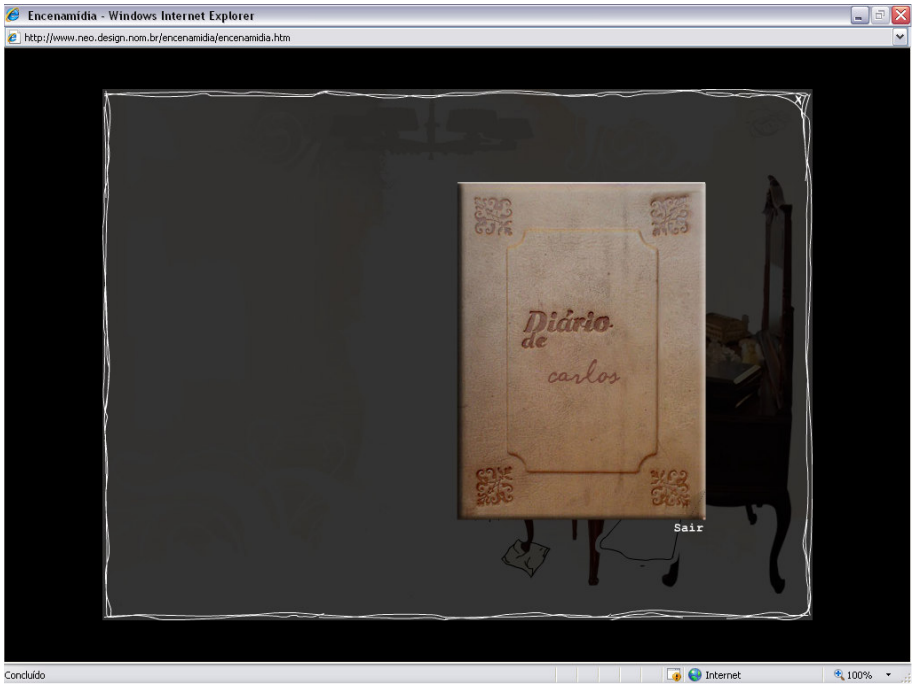



**Figura 23:** Diário de Mme. Clessi. Ao clicar na "folha de papel" existente nas interfaces (marcada em vermelho na imagem anterior) o usuário tem acesso a um diário que contém o registro de sua navegação.

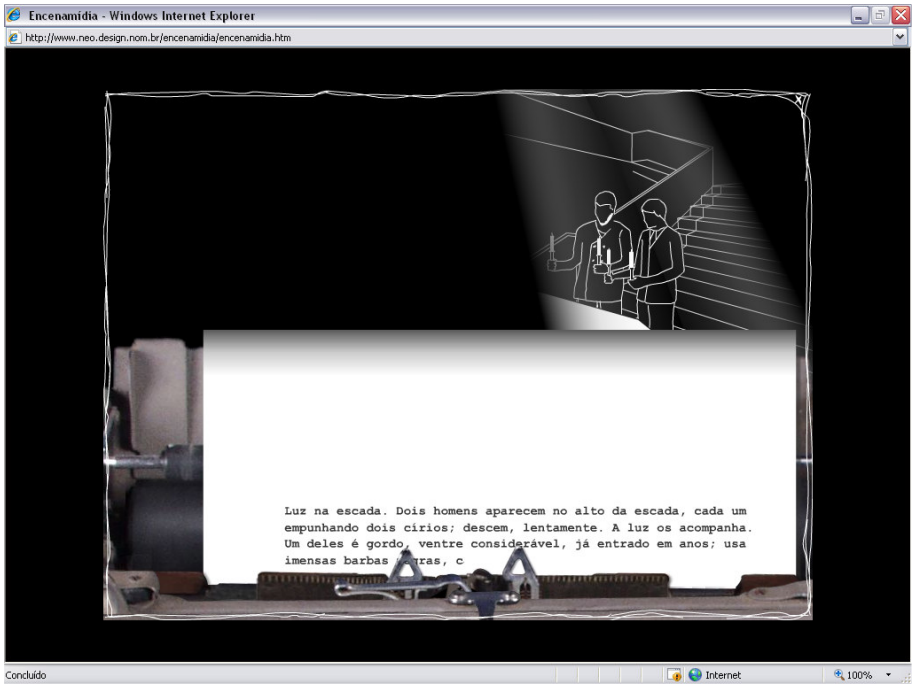



**Figura 24:** Interface máquina de escrever. Para que o texto (nesse caso, as rubricas originais do autor) surja na tela, o usuário precisa utilizar o teclado do computador. Conforme "tecla", o texto vai sendo "datilografado" na tela.

**Figura 25:** Interface "Redação de jornal". Para interagir, o usuário precisa utilizar o telefone. Antes de entrar nessa tela, é perguntado ao usuário se ele "Quer participar da cena". Caso responda "NÃO", apenas ouvirá a conversa, sem que seja necessário o uso do telefone. Caso a resposta seja afirmativa, passará a desempenhar o papel de um dos repórteres na cena.

## 3.5 A VISÃO DO ALUNO

Em virtude das características específicas dos públicos e dos dois diferentes momentos em que as adaptações para hipermídia foram navegadas, não foi possível manter unidade na forma através da qual todos os alunos tiveram contato com as obras. Tanto em 2007 quanto em 2008, contudo, foi solicitado a eles que escrevessem sobre sua experiência com a hipermídia pequenos relatos, dos quais selecionamos e transcrevemos os mais relevantes para a nossa pesquisa.

### 3.5.1 Projeto - 2007

No projeto com o Ensino Médio (EM), em 2007, além da navegação nas hipermídias, os alunos também assistiram a trechos da adaptação para o cinema da obra *Auto da Compadecida*, de Guel Arraes, e alguns deles já conheciam o texto original para teatro, bem como a adaptação de Jofre Rodrigues para *Vestido de Noiva*, conforme Quadro 1, abaixo:

**Quadro 1:** Alunos do EM que tomaram contato com cada obra em 2007.

| | |
|---|---|
| Distribuição dos 20 alunos participantes. | 1º EM - 8 alunos |
| | 2º EM - 10 alunos |
| | 3º EM - 2 alunos |
| Assistiram às adaptações para hipermídia das obras *Vestido de Noiva* e *Auto da Compadecida*. | 20 alunos |
| Assistiram a trechos da adaptação para cinema da obra *Auto da Compadecida*. | 20 alunos |
| Assistiram à adaptação para cinema da obra *Vestido de Noiva*. | 7 alunos |
| Leram o texto original para teatro de *Auto da Compadecida*. | 13 alunos |
| Leram o texto original para teatro de *Vestido de Noiva*. | 3 alunos |

Vamos nos ater, nesta dissertação, ao contato dos alunos com as adaptações para hipermídia.

Salientamos que o Projeto no qual esta atividade foi inserida não é tido como disciplina obrigatória, ainda que resulte em nota no fim do trimestre.

Num primeiro momento, os alunos foram levados à sala de informática da escola - ambiente que conta com dez computadores dispostos lado a lado e em rede, com capacidade de atender 20 alunos -, onde acessaram os sites (as hipermídias *Vestido de Noiva* e *Auto da Compadecida*), através dos endereços informados pela professora. Foi dada uma rápida explicação sobre os autores, sua obra e o contexto em que se inseriam.

Devido às características da sala de informática da escola (estrutura física, velocidade da rede, capacidade das máquinas), em 2007 muitos alunos não conseguiram navegar na adaptação de *Vestido de Noiva*, sendo solicitado que o fizessem em casa, uma vez que todos contavam com conexão de banda larga em suas residências, garantindo, desse modo, que conseguiriam acesso à Internet com boa velocidade.

O projeto, nesse ano, privilegiou, assim, a obra *Auto da Compadecida*, e acreditamos que poucos alunos tenham realmente acessado a hipermídia *Vestido de Noiva* em casa, haja vista que a grande maioria dos relatos de 2007 referiu-se à obra *Auto da Compadecida*.

O contato com a hipermídia *Auto da Compadecida* foi feito através de acessos em duplas, efetuados na sala de informática da escola, sob orientação da professora. Foram utilizadas três aulas de 1h15, uma aula por semana.

#### 3.5.1.1 Relatos de alunos do EM sobre a navegação em *Auto da Compadecida* [10]

> No site, não se nota a presença da cena do enterro do cachorro, mas ele fala sobre o padre que enterra o cachorro e é chamado para conversar com o bispo. No texto, quando o bispo começa a falar que o padre estava errado, logo é interrompido pelo padre, que diz que o cachorro havia deixado dois contos de réis para o bispo e mais dois contos para o padre. **O filme relata mais profundamente o enterro do cachorro** que, a pedido do dono, foi enterrado em latim. Ele também deixou três contos de réis para o padre e mais três contos para a diocese. **Não é possível entender a cena na hipermídia sem ler o texto ou assistir ao filme**, pois ela não foi bem clara. Há interatividade na hora em que a compadecida está atrás dos sete pecados capitais, mas **ela não ajuda o entendimento**, pelo contrário, complica. (aluno do 2º ano do EM, grifo nosso).

> Comparando a hipermídia com a obra original, pode-se ver a diferença entre as linguagens utilizadas. Pode-se ver, também, que há uma separação entre planos: céu, terra e inferno. Temos a presença de ilustrações na hipermídia,

[10] Os relatos foram transcritos respeitando-se **a expressão de cada aluno**. Alguns problemas de ortografia e concordância, no entanto, foram corrigidos.

> coisa que não acontece na obra. **As informações são menos completas que as dadas na peça. Achamos que a hipermídia foi feita pensando que o 'navegador' já tinha lido a obra de Ariano Suassuna ou não daria pra entender.** A hipermídia te leva para uma diversidade de caminhos, o que, na obra escrita, não acontece. Na hipermídia, você pode começar tanto no inferno quanto no céu. Acho que você até consegue compreender a história, mas de um outro ponto de vista. (aluno do 3º ano do EM, grifo nosso).
>
> O livro permite que você use a imaginação e dê vida aos personagens, enquanto o filme mostra tudo pronto, sem que seja necessário que quem o assiste esteja prestando muita atenção. O site traz uma interpretação mais complicada, por apresentar apenas alguns trechos da peça. **Se uma pessoa não leu o livro, nem viu o filme, é difícil compreender a história apenas a partir do site. A interatividade é uma boa saída para manter o público entretido, porém, quando somada à falta de sequência, torna o entendimento da obra mais complicado**, desinteressando o público rapidamente. (aluno do 2º ano do EM, grifo nosso).
>
> **Com a interação, no site, você pode entender melhor**, pois você clica onde quer e o entendimento fica mais fácil.(aluno do 1º ano do EM, grifo nosso).
>
> A não linearidade é capaz de entreter, porém **há tamanha não-linearidade que dificulta o entendimento de determinados assuntos**. Comparando o filme e o livro com o site, vimos que **o site não nos proporciona uma boa compreensão da obra**. (aluno do 2º ano do EM, grifo nosso).

#### 3.5.1.2 Relato de aluno do EM sobre a navegação em *Vestido de Noiva*

> A cena da máquina de escrever é muito interessante, porque eu clicava em todo lugar e não saía da mesma página. Achei que tinha dado "game over" [fim de jogo], mas quando, sem querer, bati no teclado, vi que alguma coisa acontecia na tela. Essa interatividade é diferente das outras. Há também a cena do telefone, **mas eu não sabia se era sério mesmo que tinha de telefonar**, então eu saí dessa cena. **O site é muito grande, então não naveguei nele todo e não entendi muito bem a história**. (aluno do 1º ano do EM, grifo nosso).

### 3.5.2 Projeto - 2008

Em 2008, os problemas de acesso à Internet não se repetiram e a navegação na sala de informática deu-se normalmente. Em virtude do grande número de alunos (32 do 8º

ano e 30 do 9º ano), as turmas foram divididas ao meio e cada grupo, com 15 alunos, teve apenas uma aula para navegação na sala de informática.

Contrariamente ao que ocorreu no ano anterior com o EM, em que as atividades foram inseridas num projeto extra-curricular, em 2008 fizeram parte de uma disciplina que integra a grade regular do EF.

Foi decidido que o trabalho seria realizado apenas com a hipermídia *Vestido de Noiva*, uma vez que, provavelmente, não haverá, em nenhum momento na vida escolar do aluno, contato com a obra de Nelson Rodrigues, enquanto Ariano Suassuna será lido por eles no transcorrer do EM.

Participaram do projeto sessenta e dois alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental (EF). Nenhum deles navegou na hipermídia *Auto da Compadecida*. Todos tiveram contato com a adaptação hipermidiática de *Vestido de Noiva* e apenas um leu, por sua própria iniciativa, o texto original da obra de Nelson Rodrigues.

Essa primeira navegação, em duplas, ocorreu na presença da professora, que foi várias vezes solicitada a dar explicações quanto a algumas formas de interação não compreendidas de imediato, como, por exemplo, o contato através do telefone (Fig.25) e a cena da máquina de escrever (Fig.24).

Após esse contato inicial, foi solicitado aos alunos que continuassem a navegação em suas casas, com o uso dos dados cadastrados pela dupla. Assim, dois alunos, em momentos e lugares distintos, acessaram o site usando o mesmo *login* (nome de acesso) e senha e mantendo um só registro de navegação, bem como um relato único por dupla.

#### 3.5.2.1 Relatos de alunos do EF sobre a navegação em *Vestido de Noiva*

> Existem umas partes da história em que você pode participar da cena, tudo programado, mas é você que clica para a cena começar. **Existem várias formas de ver o site, vários caminhos.** Você vai escolhendo para onde quer ir, conforme você vai avançando mais no site. Dependendo da cena existem alguns objetos que levam às outras cenas. Uma coisa legal é que em todas as cenas aparecem umas folhas espalhadas, isso é um **portal** para você entrar no seu diário, que vai marcando conforme você vai passando as cenas. E você pode saber tudo que já visitou, e o site te dá um aviso quando você acaba de ver todas as cenas. Muito legal. (aluno do 8º ano do EF, grifo nosso).

O site traz várias formas de interação em seu conteúdo de hipermídia, desde escolher em que coisa clicar na tela e assim construir uma história diferente para cada *login* que entrar, até telefonar (o que me dá um pouco de receio) para uma gravação do telefone e descobrir novas partes da história. Outro item importante é o diário, onde você anota o conteúdo de cada página e também pode construir suas próprias anotações sobre o que você encontrou naquela cena. **Seria muito bom se pudéssemos cruzar as histórias para comparar as descobertas e as diferenças entre o que as histórias têm em comum.** (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

Em certa parte da história aparecem na mesma cena: Alaíde + Madame Clessi -> M. Clessi + Alaíde + Pedro -> Pedro + Alaíde + Lúcia. Como é possível aparecer Madame Clessi e Lúcia em uma "mesma cena", se M. Clessi morreu antes de Lúcia nascer, e Lúcia não morre na história? Nesta parte da história Alaíde está viva ou morta? Ela conversa com M. Clessi pede licença, pois Pedro havia chegado, e logo após, além de falar com Pedro, fala com sua irmã também? [...] Achei a história interessante, **porém um pouco confusa, não podemos concluir a história, pois ainda restam dúvidas.** Quem matou o Pedro? E os rostos das pessoas como eram? Como era M. Clessi? Quem era o homem que aparecia às vezes nas conversas entre M. Clessi e Alaíde? Fiquei muito confusa com esse modo de contar a história. (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

É como se você fosse um detetive e estivesse tentando descobrir o que está acontecendo naquela história. [...] E **percebi que não há linearidade cronológica na peça e deixa um pouco mais difícil de entender.** (aluno do 8º ano do EF, grifo nosso).

Em algumas partes, **os "leitores" podem interagir com o programa**, como na parte em que eu escrevi em uma máquina de escrever de antigamente. (aluno do 8º ano do EF, grifo nosso).

O site é um pouco confuso, ele possui várias opções e/ou caminhos. **No começo, ele é muito difícil de ser entendido**, pois no site, acontecem coisas que podem ter sido da imaginação da protagonista Alaíde, ou podem realmente ter acontecido. **É difícil tirar conclusões, pois o site mostra a história em partes,** ou seja, quando alguma página acaba, podemos entrar em páginas que nos distanciem do assunto. (aluno do 8º ano do EF, grifo nosso).

Acho que a coisa que mais entusiasma você a visitar o Vestido de Noiva é o design hiper moderno que torna a história mais descontraída e muito mais empolgante. **O site é como se fosse um quebra-cabeças para você desvendar e montar através de sua navegação**. (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

Essa versão na Internet é muito boa, pois quem está assistindo pode participar da peça, em vários momentos. No site, você tem um diário, que marca os trechos da história que você já visitou, pois cada vez que você entra no site, clica em coisas diferentes, e vai pra cenas diferentes. **Às vezes, você clica em lugares que te levam para uma cena que você já viu, o que é meio chato, pois você tem que ver a cena novamente.** (aluno do 8º ano do EF, grifo nosso).

O site interage bem com o internauta, pois podemos clicar onde quisermos, e até mesmo telefonar para o número dado em certa hora. De acordo com a ordem que você assiste a história, **aparece uma máquina de escrever, que apertando qualquer tecla do seu teclado, começa a escrever um texto explicando a cena que está acontecendo.** Você pode avançar ou até mesmo voltar a cena de sua história, caso tenha perdido ou já visto alguma delas. As pessoas, ao aparecer uma cena, podem optar em clicar em alguns dos objetos ou personagens que nela aparecem. (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

A peça Vestido de Noiva permite várias interpretações e possui diversas portas de entrada e saída. **Uma ação ocorrida num plano produzirá uma outra versão num plano diferente, impedindo que o espectador faça uma leitura definitiva a respeito dos personagens, dos fatos e até mesmo da sequência do texto.** (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

O legal do site é isso, de ter vários links para acessar e assim, cada pessoa vê a história de um jeito diferente, pois não entra nos mesmos links e cada link leva a um caminho diferente, uma parte nova da história; bem, na maioria das vezes, porque algumas levam ao mesmo lugar. E isso é o que acontece na Internet. Você digita uma pesquisa no Google e aparecem vários links e, você clica em um, ele te leva a um caminho diferente do que aquele outro link te levaria. **E daí você pensa: o que aconteceria se eu tivesse clicado no terceiro link, e não no primeiro? Teria seguido um caminho diferente ou acabaria no mesmo lugar? Ou em outro lugar?** (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

A história é contada por meio de imagem, som e interação com o internauta. Se você clicar em um link, ele te leva a um lugar, se clicar em outro, ele te leva a outro lugar, e assim por diante. **Ele praticamente te "obriga" a buscar novos lugares e ir cada vez mais fundo pelo site.** Podemos até escrever no diário de Madame Clessi, podemos escrever o que quisermos. (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

É confuso entender qual das três visões você está assistindo, ou ter certeza de que não perdeu nada lá atrás. **Esses problemas podem atrapalhar a compreensão do texto, e, às vezes até influenciar a nossa opinião sobre a história, o que pode ser uma grande injustiça.** (aluno do 8º ano do EF, grifo nosso).

Estando na Internet é óbvio que não terá a mesma qualidade do que estando no teatro, **mas mesmo assim é muito legal,** porque depois de um tempo você percebe que existem links para clicar e você pode ir para vários lugares diferentes, mudando a sua trajetória dependendo do lugar onde você clicar. (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

Podemos assistir à peça de uma maneira muito mais interativa, através do site da peça, pois ele deixa à nossa disposição, links e modos diferentes de navegação. **Podemos explorar a história em cada detalhe, como quisermos e na ordem que quisermos. Isso é um artifício muito moderno e muito útil para todos.** Porque quando entramos no site, temos um efeito interativo e divertido. Além disso, toda a sua navegação lá dentro, escolhas de diferentes alternativas para clicar, está salva em um diário eletrônico, que também fica lá à sua disposição, para poder entrar e lembrar de tudo o que você já viu. Este é outro dos artifícios da modernidade para o nosso uso. (aluno do 9º ano do EF, grifo nosso).

## 3.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO DESENVOLVIDO NO ENSINO MÉDIO

Observando os depoimentos dos alunos do EM, percebemos forte preocupação em entender o enredo da obra original, ao navegar na hipermídia. Aparentemente, para eles, é muito difícil dissociar os textos originais das adaptações e, talvez, por isso, a autenticidade e o caráter artístico das adaptações tenham sido questionados.

Apesar de apontarem a presença de ilustrações e de reconhecerem a existência de outras linguagens nas hipermídias, os alunos, de modo geral, não se preocuparam em tentar analisá-las ou compreendê-las. A leitura das imagens deu-se, assim, de forma superficial, demonstrando que, muito provavelmente, eles ainda estavam, naquele momento, longe de efetuar uma leitura mais aprofundada de linguagens diferentes da escrita, o que nos leva a indagar o porquê dessa dificuldade, já que são usuários dessa linguagem do computador. Falta de hábito? Usam só para outras coisas e não associam a possibilidade de existir algum tipo de arte nessa linguagem? Ou será que adaptações realmente não atingem o valor do original, porque, na sua imanência, "forma e conteúdo", digamos assim, já nascem juntos? Teria uma obra que nascer na hipermídia, para ter essa natureza?

De modo geral, percebemos que os alunos não demonstraram interesse em se aprofundar na navegação da hipermídia em sala de aula. Os alunos que, em suas casas, navegando em *Vestido de Noiva*, foram solicitados a telefonar, não ousaram pegar o telefone e ligar para o número solicitado. Não podemos nos esquecer, contudo, de que há a questão *lição de casa*: assim como ocorreu com a hipermídia, há os que não se interessam em ler os livros exigidos ou sugeridos nas aulas de Literatura.

Talvez esse desinteresse seja, em parte, responsável por algumas das dificuldades de entendimento apontadas por eles. Sem navegar, sem a curiosidade do clique ou da descoberta das formas de participação e interatividade, é claro que o usuário não construirá seus próprios sentidos para a história narrada, nem tampouco entenderá qualquer coisa sobre o enredo, ainda mais quando se trata de uma obra complexa como *Vestido de Noiva*. A hipermídia, assim, poderá ser vista somente como uma espécie de jogo, cujo clique no lugar "correto" leva à próxima página ou, como disse o aluno, a ausência de clique leva ao "*game over*".

Outro fator verificado, talvez o mais crítico, foi a dificuldade de compreensão apontada em virtude da não-linearidade. Apesar de acostumados à ausência de uma estrutura linear, por exemplo, nos *games,* ao serem solicitados a navegar em um texto literário, a falta

de uma sequência cronológica dos fatos na narrativa (ou outra que, de algum modo, os ordene) foi a maior dificuldade para o entendimento do enredo.

Além disso, podemos apontar o fato de não ter sido possível navegar por mais tempo nas hipermídias na escola (em virtude de problemas de acesso ou pela falta de disponibilidade da sala de informática) como um fator que desestimulou bastante os alunos, pois deixou a impressão de que o site era muito pesado e, consequentemente, sua navegação seria muito trabalhosa.

## 3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO DESENVOLVIDO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Os alunos do EF demonstraram um interesse muito maior pela navegação. O efeito do "gosto pela novidade", verificado em vários relatos, contrapôs-se aos receios verificados em alguns depoimentos dos alunos do EM.

A navegação ocorreu, em sua maior parte, na casa dos alunos, e, de modo geral, percebemos grande interesse em descobrir a história, haja vista a grande quantidade de referências aos cliques nas imagens e links, bem como na ousadia percebida nas interações - da maioria dos alunos - com interfaces mais difíceis de entender, como a do telefone (Fig. 25) e a da máquina de escrever (Fig. 24).

A compreensão da história, apesar das críticas à não-linearidade, também é um fator de destaque, uma vez que, minimamente, todos os alunos entenderam questões básicas do enredo, como a existência de um triângulo amoroso envolvendo os personagens Lucia, Alaíde e Pedro; o romance de Mme. Clessi com o jovem estudante e a morte de Alaíde, embora alguns afirmem ter precisado navegar várias vezes na hipermídia para conseguir compreendê-la. É claro que *Vestido de Noiva*, por si só, já apresenta dificuldades de compreensão, mas será que esses mesmos alunos, na leitura impressa, leem mais de uma vez as mesmas páginas, para entenderem algo?

Por outro lado, a existência de diferentes planos (memória, alucinação e realidade) não ficou muito clara e, em alguns momentos, comprometeu completamente o entendimento do enredo, como se vê nas questões levantadas no depoimento da aluna do 9º ano que afirma ter "ficado confusa com esse modo de contar a história":

> Como é possível aparecer Madame Clessi e Lúcia em uma "mesma cena", se M. Clessi morreu antes de Lúcia nascer, e Lúcia não morre na história? Nesta parte da história Alaíde está viva ou morta? Ela conversa com M. Clessi pede licença, pois Pedro havia chegado, e logo após, além de falar com Pedro, fala com sua irmã também? [...] Quem matou o Pedro? E os rostos das pessoas como eram? Como era M. Clessi? Quem era o homem que aparecia às vezes nas conversas entre M. Clessi e Alaíde?

Outro problema apontado com alguma frequência, porém em menor escala do que no Ensino Médio, foi a não-linearidade, como vemos no depoimento do aluno do 9º ano: "É confuso entender a qual das três visões você está assistindo, ou ter certeza de que não perdeu nada lá atrás", ou no do aluno do 8º: "E percebi que não há linearidade cronológica na peça e deixa um pouco mais difícil de entender".

Existe, ainda, a possibilidade de haver problemas nos projetos de design. Apesar de não podermos avaliá-los tecnicamente, é possível apontar em *Vestido de Noiva,* por exemplo, algumas lacunas, como a falta de uma indicação quanto ao público-alvo, o fato de, em alguns momentos, o usuário ter de percorrer todas as interfaces já visitadas para poder seguir adiante (indicando, talvez, uma falha na estrutura da hipermídia), ou o longo tempo que deve ser dedicado à navegação, caso o usuário queira conhecer todo o site.

## 3.8 INTERATIVIDADE E NÃO-LINEARIDADE: MAIORES PROBLEMAS

Segundo Pierre Lévy (1999, p. 79-80), o termo **interatividade** demanda uma participação ativa "do beneficiário de uma transação de informação". Para o autor, o receptor de algum tipo de informação - seja ela proveniente de qualquer fonte - jamais será "passivo", pois precisa decodificá-la, interpretá-la e é essa capacidade de reapropriar-se dos dados provenientes de uma determinada mensagem e recombiná-los o índice através do qual o grau de interatividade de um produto deve ser avaliado. O autor utiliza o telefone para exemplificar uma mídia bastante interativa, pois "permite o diálogo, a reciprocidade, a comunicação efetiva". A televisão, em contrapartida, apresentaria baixa interatividade, por oferecer ao espectador um "espetáculo de imagens" que desfilam na tela e sobre as quais não se pode exercer nenhuma influência, além de alterná-las, mudando de canal.

Uma forma de promover a interatividade na televisão digital seria, por exemplo, possibilitar ao espectador a escolha da câmera através da qual deseja assistir a uma

programação, à ampliação ou edição de imagens, à seleção do comentarista de seu programa esportivo, entre outras.

A interatividade, vista sob esse ponto de vista, não seria, portanto, apenas uma característica, mas um problema, segundo Lévy, por demandar a necessidade de "um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação".

A **não-linearidade**, por sua vez, não é uma característica exclusiva de linguagens híbridas. Marcos Palacios[11] aponta obras como *O jogo de amarelinha* (Júlio Cortazar), *Se numa noite de inverno um viajante...* (Italo Calvino), *O dicionário Kazar* (Milorad Pavitch) e *O jardim dos caminhos que se bifurcam* (Jorge Luis Borges), como textos que, em sua estrutura, possuem elementos que transgridem a linearidade convencional das narrativas.

O leitor, ao se deparar com um texto não-linear[12], carregaria consigo **a expectativa de um fim (**decorrente das leituras lineares com as quais está mais acostumado), e, consequentemente, vê a falta de um fechamento como um grave problema.

Embora elencados como exemplos de não-linearidade pelo autor, textos como *O jogo de amarelinha* possuem uma **última página**, ainda que ela não esteja no fim do livro. Nos hipertextos, em contrapartida, não é possível localizar esse *fim* da história porque ele não existe. A possibilidade de criar caminhos diferentes para a construção dos sentidos outorga ao usuário o poder de escrever a sua própria versão da obra, muitas vezes **única**, uma vez que as possibilidades de escolha e combinação de links e nós são, como vimos no Capítulo 2, praticamente infinitas.

Um dos motivos para a dificuldade com a falta de linearidade, verificada tanto no EF quanto no EM, talvez resida no fato de o ensino escolar estar pautado, de modo geral, em estruturas e sequências lineares. Aprendemos História e Literatura através de períodos ordenados temporalmente; lemos livros que, em sua maioria, têm o tempo estruturado de forma cronológica; fazemos anotações lineares em nossos cadernos; aprendemos os conteúdos dos livros didáticos numa ordem pré-determinada; respondemos a uma lista de chamada em ordem alfabética e numérica; sentamos enfileirados uns atrás dos outros... Talvez, então, se a tarefa não estivesse vinculada a uma tarefa escolar – que costuma pedir e se nortear pela linearidade – a leitura e a navegação pudessem ter sido mais ousadas. Será mesmo?

---

[11] PALACIOS, Marcos. **Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva.** Disponível em:< http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/palacios/hipertexto.html>. Acesso em: 15 out. 2008.

[12] Palacios (2008) sugere o termo **multilinearidade** (ao invés de não-linearidade), pois traduz "mais adequadamente a multiplicidade de possibilidades de construção e leitura abertas pelo hipertexto".

Ainda há poucas adaptações de textos literários pensadas para hipermídia. As duas utilizadas em nossos projetos são frutos de trabalhos acadêmicos de alunos de Design Digital e não de material comercializado. Talvez não haja demanda suficiente para maior produção e divulgação desse tipo de trabalho, mas acreditamos que, com a implantação, muito em breve, da TV digital, outras obras sejam adaptadas para linguagens similares à hipermidiática, que também façam uso da **interatividade** e da **não-linearidade**.

Considerando, portanto, que os maiores problemas e receios enfrentados pelos alunos estão centrados nesses dois elementos, abordá-los na escola com maior frequência, através de atividades com outras linguagens não-lineares ou que promovam maior participação e interação dos alunos na construção de seus sentidos só trará benefícios.

# CAPÍTULO 4 - USO DE BLOGS EM SALA DE AULA

## 4.1 A CRIAÇÃO DE UM BLOG NO BLOGGER.COM

É muito fácil criar e manter um blog na rede. Alguns provedores oferecem, gratuitamente, os recursos necessários para tanto. É o caso do **Blogger.com**, ligado ao site de pesquisas Google, gigante da informática também detentor do Gmail, um dos mais conhecidos provedores de e-mail da atualidade. Acessando-se **www.blogger.com**, e através do uso de um e-mail do gmail (nomedoindivíduo@gmail.com)[1] como *login* (nome de acesso), é possível criar e manter, gratuitamente, tantos blogs quantos forem desejados ou necessários. As explicações são simples, claras e objetivas, e qualquer pessoa, mesmo sem possuir praticamente nenhum conhecimento de programação ou de informática, pode, facilmente, ter o seu próprio espaço na rede.

Há outros provedores que disponibilizam ferramentas para a criação de blogs na web, como o portal Terra (http://blog.terra.com.br), o Blig (http://blig.ig.com.br) ou o BOL (http://blog.uol.com.br) por exemplo (MARINHO, 2007), mas, nos projetos desenvolvidos durante este mestrado, demos preferência ao uso do Blogger.com, devido a seu alcance mais amplo (em virtude do vínculo com o gmail, já utilizado por vários dos alunos envolvidos) e pela simplicidade com que se apresentam os passos para a criação dos blogs.

Após a criação do *login* e da senha, o usuário sugerirá um nome e endereço de web para seu blog, antecedido do protocolo **http://** (obrigatório para esse tipo de página na web) e seguido da extenção **.blogspot.com**, característica dos blogs criados no Blogger (Ex.: http://frankamente.blogspot.com; http://www.pausaparaocigarro.blogspot.com; http://www.hajimemashite.blogspot.com; http://mymemine.blogspot.com [2] etc.). O sistema, então, fará uma busca na rede para verificar a existência de páginas com o mesmo endereço. Caso ainda não haja nenhuma página com o endereço desejado, o blog tem, então, o seu endereço definido, e o usuário pode passar ao próximo passo, que é escolher a aparência do seu blog, partindo de um dos vários *templates* (ou modelos) deixados à disposição pelo

---

[1] Nesse momento, é possível, também, criar o **login** e definir a **senha de acesso**, caso o usuário ainda não utilize esse serviço de e-mails.

[2] Como qualquer endereço na web, **não são usados** acentos ou pontuação gráfica, cedilhas ou letras maiúsculas.

provedor. Nesse momento, o usuário pode, simplesmente, escolher um desses *templates* disponíveis, importar um *template* disponível em outra página da web[3], criar seu próprio *template* (para usuários com experiência em linguagem HTML), ou alterar algumas das configurações do *template* oferecido pelo Blogger, como a cor e a textura do plano de fundo, a fonte, seu tamanho e cor, configurações de hora e data, inserir uma imagem, um logotipo, criar um perfil para ser exibido a seus leitores etc. Mais alguns passos e o blog estará pronto, disponível on-line (publicado na web) e o usuário poderá começar a postagem de seus textos[4].

Atualmente, é possível inserir, além de texto e links para outras páginas da web, imagens, sons e vídeos nos posts, bastando, para isso, alguns cliques nos comandos apropriados. Após a digitação, o usuário também pode alterar a fonte (tipo de letra) em que escreveu o texto, bem como sua cor e tamanho. É possível utilizar, ainda, recursos (como sublinhado, negrito, itálico ou marcador de texto), que têm o objetivo de dar algum destaque a um determinado trecho.

As postagens são assinadas com um nome (que pode - ou não - ser o nome real de quem está criando o blog) definido pelo usuário no momento da criação do blog, o que garante a manutenção do anonimato do autor, se essa for a sua vontade.

---

[3] Há vários sites que oferecem ***templates*** gratuitamente (ver, por exemplo, <http://www.sotemplates.com/>, ou <http://www.thomoeda.net/>). Para usá-los, é necessário copiar os códigos HTML do *template* escolhido e colá-los em campo específico no blog que está sendo construído, tarefa bastante difícil para usuários iniciantes.

[4] O processo de criação de um blog no **blogger.com** é totalmente auto-explicativo, desde o acesso inicial ao endereço www.blogger.com, até o primeiro post. Há, contudo, um excelente artigo do Prof. Simão Pedro Marinho, da PUC-MG (disponível em: <http://d.scribd.com/docs/2bixmj3b5fod22thgrsp.pdf>), que pode ajudar bastante a esclarecer as possíveis dúvidas dos usuários iniciantes, por apresentar o detalhamento de todos os passos desse processo, inclusive através das imagens de cada uma das telas acessadas.

01/01/2009

**Feliz zero nove!**

Beijo de elefantes na África

***Que o ano tenha muitos desses...***

PS: recebi do meu big friend Marcello Dantas e retransmito a vocês. Besos e feliz zero nove a todos!

PS2: meu primeiro sonho do ano foi com João Gilberto. Caminhávamos no meio de uma multidão a caminho de um auditório onde ele ia dar uma palestra. Ele falava sem parar comigo sem se preocupar se eu ouvia ou não, falava com si mesmo... Reclamava da vida, da internet... mas tudo com muita doçura e paciência com a malucada que o seguia pelas calçadas esburacadas. Espero que seja um bom prenúncio de zeronove: sonhar com dificuldades, desconfortos acompanhados da doçura e elegância de João, cordeiro de Nanã...

Escrito por **Marcelo Tas** às **10h12**
[ 81 comentários ] [ regras ] [ envie esta mensagem ] [ link ]

**Figura 26:** Post assinado pelo jornalista Marcelo Tas - utilização do próprio nome.

Quando prontos, os posts podem ser publicados imediatamente, ou salvos como rascunho para serem publicados posteriormente, de modo que ainda possam ser modificados antes de sua publicação. Mesmo depois de publicados, eles poderão sofrer qualquer tipo de alteração (como a inserção de uma imagem, a supressão de um trecho do texto, por exemplo) ou mesmo sua exclusão.

Após a publicação, os posts poderão ser lidos por qualquer usuário da Internet que acessar o endereço do blog em que foram publicados, bastando, para isso, digitá-lo na barra de endereços de seu navegador, ou clicar num link - geralmente disponível num outro blog - que o leve até lá, já que é uma prática muito comum entre os blogueiros (autores de blogs) fazerem uma lista com links para os blogs de sua preferência.

**Figura 27:** Blog *Um divã na Cozinha* - links para outros blogs (em *Além da Cozinha*).

A grande maioria dos blogs que visitamos possui um campo destinado aos comentários dos leitores. É possível retirar ou desabilitar esse campo, caso o autor não queira dar esse acesso a seus leitores, mas, para isso, será preciso alterar algumas configurações do blog, tarefa que exige maior conhecimento do mecanismo de construção ou, no mínimo, certa curiosidade para procurar a página que possui o comando capaz de efetuar essa ação.

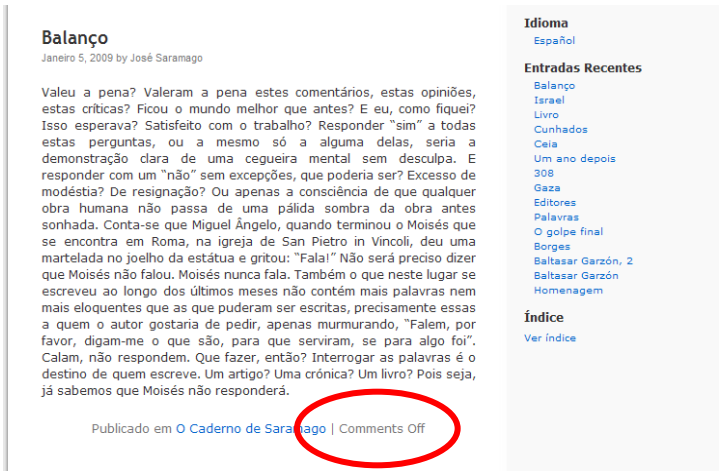



**Figura 28:** Campo para comentários desativado (*Comments off*) - blog do escritor José Saramago.

Alguns blogs possuem uma ferramenta de verificação do conteúdo do comentário, o que faz com que este só seja visível aos demais leitores após a sua aprovação por parte do

dono do blog. Esse mecanismo evita a exibição de brincadeiras de mau gosto, *spams*[5], bem como comentários indevidos, inapropriados ou indesejados, funcionando como uma espécie de censura prévia aos comentários publicados.

Os posts possuem espaço para título e apresentam a data de sua publicação, sendo possível, inclusive, acrescentar a hora em que foram postados. São dispostos em ordem cronológica inversa, ou seja, o mais recente vem sempre acima do anterior, ficando visíveis para os leitores tantos posts quantos o autor desejar[6]; esse número, no entanto, pode ser alterado a qualquer momento. Assim, para ter acesso a um post anterior, o leitor deverá descer a barra de rolagem vertical de seu navegador. É possível, também, ver postagens ainda mais antigas, que superem o limite máximo estabelecido pelo autor, clicando-se no link correspondente ao período desejado (normalmente, os posts são arquivados de acordo com o mês da postagem).

A autoria dos blogs pode ser compartilhada. Para tanto, é necessário que o criador do blog autorize o acesso a outros usuários-autores. Após a emissão dessa autorização, os usuários autorizados receberão, por e-mail, um link para uma página de cadastro; feito isso, estarão aptos a publicar e alterar posts ou, até mesmo, a mudar as configurações do blog, de acordo com o tipo de acesso que lhes foi conferido (restrito ou irrestrito).

O Blogger possui um sistema de marcadores (conhecidos como *tags*) no qual o autor de um post pode associar algumas palavras a seu texto. Num blog de culinária, por exemplo, ao publicar uma receita, o blogueiro poderá indexar seu post a esse sistema a partir de palavras-chave, como "culinária, receitas, cozinha, pratos, carne, peixe, *fondue*" etc., possibilitando que os usuários, com um clique sobre a palavra desejada, encontrem todos os posts em que ela tenha sido inserida.

É possível ir parar em um blog através de uma rápida busca no Google, bastando, para isso, que as palavras escolhidas para a pesquisa façam referência a seu nome ou a outras palavras presentes nos temas por ele tratados, o que também acaba proporcionando o acesso de novos visitantes. Há, também, um sistema - ainda em versão beta (experimental) - no

---

[5] ***Spam*** é o "termo pelo qual é comumente conhecido o envio, a uma grande quantidade de pessoas de uma vez, de mensagens eletrônicas, geralmente com cunho publicitário. [...] uma das principais perturbações para internautas, administradores de redes e provedores, de tal forma que o abuso desta prática já se tornou um problema de segurança de sistemas. Além disso, é também um problema financeiro, pois vem trazendo perdas econômicas para uma boa parte dos internautas". (**O que é Spam**. Disponível em: <http://informatica.terra.com.br/virusecia/spam/interna/0,,OI195623-EI2403,00.html>). Acesso em 03/01/2009.

[6] A **quantidade máxima** de posts apresentados na tela depende das configurações do provedor.

Google[7] que busca exclusivamente blogs e, a partir da digitação de uma ou mais palavras, é capaz de localizar aqueles que respondam aos critérios inseridos pelo usuário.

## 4.2 O USO DE BLOGS EM PROJETOS ESCOLARES

Como vimos, por inúmeras razões os blogs podem ser de grande utilidade para os professores em sua prática docente, mas como introduzi-los em nosso dia-a-dia escolar? Através de projetos interdisciplinares? Como meio de apresentação de trabalhos pelos alunos? Como complemento às aulas?

Acreditamos que há diversos modos de trazer o blog para a escola, basta, para isso, que o professor se disponha a tentar utilizar esse recurso e se proponha a testar, junto com seus alunos, qual o uso mais adequado a cada situação.

Brownstein e Klein[8] (apud BARRO; FERREIRA; QUEIROZ, 2008) sugerem oito passos que podem auxiliar na construção e implantação dos blogs. Apesar de estarem focados no ensino de Ciências na universidade, acreditamos que as sugestões podem também ser válidas para o trabalho com o Ensino Fundamental e Médio. São elas:

1) Decidir qual será o propósito do blog - voltado ao aprendizado ou à interação;
2) Decidir a autoria do blog - o professor, o aluno, ou a(s) classe(s);
3) Decidir a frequência dos posts e os critérios de avaliação;
4) Verificar as políticas da instituição sobre o uso de blogs;
5) Decidir quem poderá ler o blog e comentar nele (público ou privado);
6) Definir regras de etiqueta para os alunos;
7) Adequar os blogs às necessidades do ensino;
8) Transformar o blog numa extensão agradável do ambiente escolar.

Os dois primeiros passos, definir o propósito e o autor, estão diretamente relacionados, uma vez que, dependendo do objetivo com o qual o blog estiver sendo criado, uma ou outra autoria pode ser mais adequada.

Baltazar e Aguaded identificam alguns tipos de blogs usados em Educação e se propõem a separá-los em três categorias que, segundo os autores, apesar de suas limitações,

[7] Disponível em:<http://www.google.com.br/blogsearch>.

[8] Brownstein, E. e Klein, R. **Blogs: applications in science education**. Journal of College Science Teaching, v. 35, n. 6, p. 18-22, 2006.

contemplariam grande parte dos blogs por eles pesquisados: os **blogs de professores**, os **de alunos** e os **de disciplinas**.

Os **blogs de professores** são usados, de modo geral, para registrar conteúdos, informações sobre as aulas, o programa, bem como para dar sugestões de bibliografia. Servem, sobretudo, para que o professor se organize e o aluno possa efetuar consultas quando necessário. Os autores ressaltam, contudo, a falta de dinamismo deste tipo de blog, uma vez que não promovem discussões, funcionando, apenas, como uma página comum da web.

Os **blogs de alunos** subdividem-se em vários tipos, dentre os quais destacam-se:

- Aqueles que foram criados como parte do trabalho de uma determinada disciplina, servindo, assim, como forma de avaliação.
- Os que funcionam como "apontadores", guardando e organizando links de interesse do autor e que podem, também, ser visitados por outros colegas.
- Os blogs de outros colegas da mesma turma ou escola, criados para realização, comunicação e organização de projetos ou trabalhos em grupo, ou para promover o estudo conjunto de determinadas disciplinas.
- Blogs individuais ou coletivos cuja função é divulgar os trabalhos de seus autores.

Há, ainda, os **blogs de disciplinas**, que são mantidos tanto pelo professor quanto pelos alunos, com o objetivo de ampliar, coletivamente, o tempo e o espaço das aulas, através de discussões em posts e comentários, da proposta de questões, da publicação de trabalhos etc. Baltazar e Aguaded acreditam que os blogs de disciplinas, mais dinâmicos do que os anteriores, por apresentarem maior amplitude de possibilidades de uso no ensino, são os que terão maior desenvolvimento nos próximos anos.

Além de decidir e estruturar o tipo mais conveniente de blog a ser usado em cada atividade, alguns outros fatores importantes merecem atenção.

Mais do que em qualquer outra página on-line - uma vez que retrata (ou apresenta) o trabalho desenvolvido pela escola, pelo professor e pelos alunos - é preciso estar atento à **veracidade das informações divulgadas nos blogs** construídos com finalidades escolares. Sendo assim, é importante que haja uma discussão prévia das regras de conduta a serem adotadas por todos os participantes. Esse é um bom momento para se discutir a questão da ética nos meios digitais, levantando, questionando e colocando em pauta os valores e as atitudes de todos os envolvidos, para que a classe chegue a uma postura adequada, que deverá ser usada tanto na publicação dos posts quanto dos comentários.

Do mesmo modo, **a preocupação com a segurança dos usuários** é fundamental e, por essa razão, sugere-se não divulgar informações pessoais (como telefones, endereços, o nome completo, nome dos pais, local onde trabalham, trajetos etc.) nos blogs ou em outras páginas da web comumente frequentadas pelos adolescentes (como Orkut, Youtube etc.).

Outro fator frequentemente discutido ao se criar uma página na web com finalidades escolares é o **uso adequado da língua**, já que os adolescentes criaram - e utilizam frequentemente - uma grafia muito simplificada para as palavras, quando estão escrevendo na Internet[9]. É importante que se tome o cuidado de discutir os motivos para o uso de uma linguagem mais adequada nos blogs escolares, para que os jovens não vejam essa exigência como um cerceamento de seu direito de expressão e isso acabe desestimulando sua participação[10].

Finalmente, é necessário lembrar que, apesar da facilidade existente nos dias atuais para se criar um blog, os professores e alunos que se propõem a fazer uso dessa tecnologia precisarão **dispor de tempo para sua atualização**, quer seja para postar um novo texto, pesquisar links, ilustrações, sons e filmes relacionados ao tema abordado, quer seja para, simplesmente, comentar um post feito por um colega, iniciando ou estimulando, assim, uma discussão coletiva. Estar motivado, querer tirar proveito dos recursos oferecidos e ter uma postura de interesse frente às tecnologias digitais são posturas fundamentais para que isso ocorra.

## 4.3 ESTUDOS ÁFRICOS - UM BLOG DE DISCIPLINA

O blog *Estudos Áfricos* surgiu a partir da necessidade de ampliar o espaço das aulas da disciplina de mesmo nome, oferecer aos alunos material complementar ao que estava sendo abordado em sala de aula, além de divulgar alguns bons trabalhos de alunos.

---

[9] Principalmente quando conversam através de comunicadores, como Messenger (MSN), Googletalk (Gmail) ou Skype, os jovens costumam **abreviar consideravelmente as palavras**. Um dos motivos apontados para isso seria o fato de a abreviação facilitar a comunicação, diminuindo o tempo de digitação, uma vez que uma só pessoa conversa com várias outras ao mesmo tempo. Assim, o vocábulo *você* torna-se *vc*; *cadê* escreve-se *kd*; *não* se transforma em *naum* (excluindo-se, assim, a necessidade de se clicar na tecla "shift" para inserir o til ~); *também* é *tb*; *porque* é igual a *pq*; *beleza* é *blz* etc.

[10] A esse respeito, o linguista **Marcos Bagno** (apud GENTILE, 2004) afirma: "Não é nesse meio que eles vão aprender ortografia e gramática. O espaço deve ser reservado para os adolescentes expressarem-se livremente".

Criada com o objetivo de ampliar a visão dos alunos (de 6º e 7º anos do EF) acerca dos costumes dos países africanos, da influência dos negros em nossa cultura e dos países falantes de língua portuguesa na África, a disciplina (ministrada em uma aula de 55 minutos por semana para cada turma) tem maior foco em fatores históricos, no 6º ano, sendo responsabilidade de uma professora de História, e literários/linguísticos, no 7º, quando é dada por uma professora de Português.

O blog teve início em abril de 2008 e era destinado ao 7º ano (uma classe com trinta alunos). O primeiro post foi dedicado a orientações quanto às pesquisas feitas na Internet. A figura abaixo mostra onde estão dispostas algumas informações no blog.

**Figura 29:** Postagem "Posso pesquisar na Internet?" - blog *Estudos Áfricos*

Comentários

Comentário de outra professora da mesma escola

8 FALE COM A LINA:

M.A.Camargo disse...
É bom saber: há escolas como a GV(a mais tradicional escola de Administração de São Paulo)onde a cópia de trabalhos é punida com severidade exemplar.

Na primeira vez, uma suspensão de 30 dias. Na segunda vez, expulsão sumária.

É bom saber.
1 DE ABRIL DE 2008 17:30

CBPP disse...
*Esta postagem foi removida pelo autor.*
11 DE ABRIL DE 2008 16:07

CBPP disse...
E uma coisa que faz parte do "não copiar e colar" é entender as palavras e escrever ela do seu modo.

Clara
11 DE ABRIL DE 2008 16:08

Lina disse...
é isso aí, Clara!
11 DE ABRIL DE 2008 17:38

Lola (Beatriz) ♥ disse...
Oi, Lina seu blog está bem legal!

Beatriz M.P.
23 DE MAIO DE 2008 04:38

Lola (Beatriz) ♥ disse...
Vamos ver se o comentário sobre o GV serve de lição para quem lê-lo.

Bia..
23 DE MAIO DE 2008 04:41

Lina disse...
é isso aí, Bia! bjks
25 DE MAIO DE 2008 16:44

Sandro Abayomi disse...
Olá. Muito legal seu blog. Procuro maiores detalhes sobre um mito africano que revela a chuva como sendo o choro de uma personagem mitológica denominada Ara. Li este mito há muitos anos atrás e perdi a referência. Hoje procuro-o e não encontro. Você poderia me ajudar? Obrigado.
23 DE SETEMBRO DE 2008 14:20

Postar um comentário

"LIVROS LEGAIS"
Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo
Ogum, o rei de muitas faces
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

Dicas de livros relacionados ao tema do Blog

"FILMES LEGAIS"
Hotel Ruanda
O Jardineiro Fiel

Dicas de filmes relacionados ao tema do Blog

ARQUIVO DO BLOG
▼ 2008 (19)
▼ Setembro (1)
Para pensar e escrever
▶ Junho (4)
▶ Maio (3)
▶ Abril (11)

Dados do arquivamento dos posts

Comentários de alunos e respostas da professora

Comentário de um usuário que não é ligado à escola e que teve acesso ao blog através de pesquisa em um site de buscas.

**Figura 30:** Comentários do post anterior.

Transcrevemos e comentamos, a seguir, os comentários deste post*:*

> **M.A.Camargo disse...** É bom saber: há escolas como a GV (a mais tradicional escola de Administração de São Paulo) onde a cópia de trabalhos é punida com severidade exemplar. Na primeira vez, uma suspensão de 30 dias. Na segunda vez, expulsão sumária. É bom saber!
> Postado em: 1 de Abril de 2008 17:30

> **CBPP disse...** E uma coisa que faz parte do "não copiar e colar" é entender as palavras e escrever elas do seu modo.
> Clara
> Postado em: 11 de Abril de 2008 16:08

O primeiro comentário foi efetuado por uma professora de outra disciplina, mas da mesma escola. Apesar do leve tom de ameaça ("suspensão", "expulsão sumária"), iniciou a discussão que levou a aluna CBPP a participar depois. Observamos que a aluna coloca as iniciais no campo destinado à assinatura, mas assina no final do comentário como "Clara".

> **Lina disse...** é isso aí, Clara!
> Postado em: 11 de abril de 2008 17:38

Este e outros comentários similares, postados pela professora que dava manutenção ao blog, têm o objetivo de estimular a participação dos alunos. Observamos a linguagem informal utilizada cujo objetivo era uma maior aproximação da oralidade e, consequentemente, do universo dos alunos.

> **Lola (Beatriz) ♥ disse...** Oi, Lina seu blog está bem legal!
> Beatriz M.P.
> Postado em: 23 de Maio de 2008 04:38
> **Lola (Beatriz) ♥ disse...** Vamos ver se o comentário sobre o GV serve de lição para quem lê-lo.
> Bia..
> Postado em:23 de Maio de 2008 04:41
> **Lina disse...** é isso aí, Bia! bjks
> Postado em: 25 de Maio de 2008 16:44

A aluna faz um comentário de incentivo e, logo depois, talvez incentivada pelo comentário da colega Clara, comenta a questão proposta pela outra professora, sobre a cópia de textos. Observamos que a aluna, no campo destinado ao nome, coloca seu *nickname* (apelido com que se comunica com seus amigos no MSN) que, inclusive, possui um símbolo agregado (um coração). Ao final do comentário, assina como Beatriz M.P. e, no outro comentário, assina apenas Bia, demonstrando, já, certa intimidade com o blog e com a professora. Observamos que, para este blog, não foi feito nenhum tipo de acordo quanto à linguagem a ser utilizada por alunos e professores. Assim, o uso, pela professora, da abreviação *bjks,* para a palavra *beijocas*, pode demonstrar maior proximidade com a linguagem usada pelos alunos.

> **Sandro Abayomi disse...** Olá. Muito legal seu blog. Procuro maiores detalhes sobre um mito africano que revela a chuva como sendo o choro de uma personagem mitológica denominada Ara. Li este mito há muitos anos atrás e perdi a referência. Hoje procuro-o e não encontro. Você poderia me ajudar?
> Obrigado.
> Postado em: 23 de setembro de 2008 14:20

O comentário, feito por um usuário da web que não possui nenhuma ligação com a escola ou os alunos, tem o objetivo de buscar auxílio para sua pesquisa. Através de contato via e-mail, o pesquisador nos informou que teve acesso a nosso blog a partir de uma busca no site de pesquisas Google com a palavra "africo" (ele já havia efetuado pesquisas com as palavras "africa"; "afro"; "africano"). Observamos que o comentário foi efetuado em data (23/09/2008) muito posterior à da publicação do post (21/04/2008) e, por essa razão, a resposta a seu questionamento foi enviada diretamente, via e-mail.

Vejamos um outro post, publicado em 01/04/2008:

**Figura 31:** Postagem "Salif Keita e Cesárea Évora - Yamore" - blog *Estudos Áfricos*.

Neste post, a professora propõe um desafio, pedindo que os alunos assistam ao vídeo - cuja imagem faz um link com o site de videos Youtube - e tentem identificar a língua falada pela cantora Cesárea Évora, nascida em Cabo Verde. Ela insere uma observação, explicando o que o aluno deve fazer se o video "travar". Vejamos os comentários dos alunos:

8 FALE COM A LINA:

Pedro disse...
Lina, ADOREI o ritmo da musica!!! e amulher fala em portugues néh??
11 DE ABRIL DE 2008 06:51

Anônimo disse...
Prado:
Nossa Lina, a voz do Salif Keita é muito boa!
e é português oque ela canta não é?
Percução ótima!
16 DE ABRIL DE 2008 16:16

Lina disse...
É isso aí, meninos, apesar do sotaque carregado e diferente, Cesária Évora fala português. E o som do Salif Keita é demais, não? bjks
16 DE ABRIL DE 2008 18:20

Lala e Jujú disse...
Ooi Lina !
Gostamos bastante da múisca !
Achamos bem legal a mistura do português e da lingua africana !

Beijos, Júlia V e Laís !
21 DE ABRIL DE 2008 11:59

tereza disse...
oi lina é a tereza.
gostei da musica, é bem legal!

coloque mais desse tipo, vamos gostar.

beijos, te
22 DE ABRIL DE 2008 13:08

Lina disse...
Oi, Júlia, Laís e Tereza, vou colocar mais destes, sim! bjks
22 DE ABRIL DE 2008 13:16

Juliana disse...
Lina, é bem legal você criar esse blog!
Eu achei mais fácil estudar!
Obrigada,
Juliana
22 DE ABRIL DE 2008 15:25

Juliana disse...
A música é bem legal, e é impressionante ver como o Português é diferente.
24 DE ABRIL DE 2008 14:07

Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo
Ogum, o rei de muitas faces
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

"FILMES LEGAIS"
Hotel Ruanda
O Jardineiro Fiel

ARQUIVO DO BLOG
▼ 2008 (19)
▼ Setembro (1)
Para pensar e escrever
► Junho (4)
► Maio (3)
► Abril (11)

**Figura 32:** Comentários da postagem "Salif Keita e Cesárea Évora - Yamore" - blog *Estudos Áfricos*.

Transcrevemos e comentamos, a seguir, os comentários deste post*:*

> **Pedro disse...** Lina, ADOREI o ritmo da música!!! e amulher fala em portugues néh??
> Postado em: 11 de abril de 2008 06:51

> **Anônimo disse...**
> Prado: Nossa Lina, a voz do Salif Keita é muito boa! e é português o que ela canta não é? Percução ótima!
> Postado em: 16 de abril de 2008 16:16
> **Lina disse...** É isso aí, meninos, apesar do sotaque carregado e diferente, Cesária Évora fala português. E o som do Salif Keita é demais, não? bjks
> Postado em: 16 de abril de 2008 18:20

Já no primeiro comentário, percebemos a preocupação do aluno Pedro em responder ao desafio proposto de descobrir a língua falada pela cantora. O outro aluno que se identifica com o sobrenome Prado, por não escrever nada no campo destinado ao nome, teve o comentário publicado como "anônimo". Observamos, em ambos os comentários a falta de preocupação com a escrita, observada em várias palavras (como "percução" com "ç", "portugues" e "musica" sem acento, por exemplo) e a linguagem mais próxima da oralidade, característica da escrita jovem na Internet, observada em "néh??" e em "bjks", em substituição a "beijocas" no comentário da professora.

> **Lala e Jujú disse...** Ooi Lina ! Gostamos bastante da múisca !
> Achamos bem legal a mistura do português e da lingua africana !
> Beijos, Júlia V e Laís !
> Postado em: 21 de abril de 2008 11:59
> **tereza disse...** oi lina é a tereza.
> gostei da musica, é bem legal!
> coloque mais desse tipo, vamos gostar.
> beijos, te
> Postado em: 22 de abril de 2008 13:08
> **Lina disse...** Oi, Júlia, Laís e Tereza, vou colocar mais destes, sim! bjks
> Postado em: 22 de abril de 2008 13:16

O primeiro comentário foi assinado por duas alunas que informaram, posteriormente, estarem juntas na casa de uma delas. Observamos o uso de apelido nos campos destinados ao nome do comentarista e a preocupação em identificar-se corretamente na assinatura. Aqui também aparece a influência da oralidade (em "Ooi") e falta de preocupação com a grafia das palavras (em "lingua" sem acento), mas destacamos a observação de que a língua falada pela cantora é uma "mistura do português e da língua africana", demonstrando sua reflexão sobre a proposta.

No comentário da aluna Tereza, ao contrário, a preocupação com a identificação já se apresenta no início do texto quando, além de identificar-se corretamente no campo destinado ao nome, ela repete seu nome logo após a saudação. Destacamos o pedido para que sejam colocados mais posts como esse, o que demonstra que a proposta causou interesse.

> **Juliana disse...** Lina, é bem legal você criar esse blog!
> Eu achei mais fácil estudar!
> Obrigada, Juliana.
> Postado em: 22 de abril de 2008 15:25

> **Juliana disse...** A música é bem legal, e é impressionante ver como o Português é diferente.

Do mesmo modo que a aluna Tereza, Juliana demonstra ter gostado da proposta do blog, afirmando que ele a ajudará em seus estudos. A aluna volta ao blog dois dias depois de postar o primeiro comentário, provavelmente para verificar se havia outro post, e dá sua opinião sobre a língua falada pela cantora.

Gostaríamos de ressaltar o fato de que, aparentemente, os alunos interessaram-se tanto pela proposta de "descobrir" o idioma da cantora quanto pelo fato de o blog trazer esse tipo de desafio.

O próximo post traz um resumo feito por um aluno. Após a leitura coletiva do livro *As aventuras de Ngunga*, do autor angolano Pepetela, foi solicitado que os alunos fizessem, individualmente, um resumo do texto. Posteriormente, a classe escolheu seis deles para serem publicados no blog. Observamos que, embora todos os escolhidos quisessem ver seu texto publicado, somente um deles cumpriu a tarefa de digitá-lo no prazo combinado, razão pela qual apenas o seu texto foi publicado.

DOMINGO, 8 DE JUNHO DE 2008

As Aventuras de Ngunga

*"Ngunga era um garoto pequeno em relação a alguns, mas corajoso. Ele, com apenas 13 anos, enfrentou vários desafios; ele é um órfão, pois seus pais foram surpreendidos nas lavras e mortos.*
*Apesar disso, ele ainda é feliz, ele nunca mente, só fala a verdade e sofre muito ao longo da história.*
*Ngunga perde seus melhores amigos: União (era seu professor) foi morto pelo inimigo. Chivuala fugiu após ser expulso da escola pelo professor. Ngunga pensava que todos os homens eram maus, até seu amigo Mavinga que também foi morto na guerra.*
*Após machucar o pé, Ngunga foi ao kimbo do presidente Kafuxi. Lá, ele ficou bastante tempo, mas depois ele foi para outro kimbo, onde conheceu União. Depois de um ataque à escola, eles foram levados para a base dos tugas (portugueses). Levaram União. Ngunga fugiu da base levando duas armas para o kimbo mais próximo. Lá, conheceu Uassamba, a menina de seus sonhos. Uniu-se aos guerrilheiros que foram para o posto, mas depois retornaram ao kimbo onde Ngunga tinha se apaixonado. Ele conversa com Uassamba, mas ela era casada com o presidente do kimbo. Ngunga lhe pediu uma sugestão para mudar de nome e ela falou. Com raiva da injustiça de ver uma menina tão nova casada com um homem tão velho, Ngunga fugiu à noite.Ninguém nunca mais soube dele. Procuraram , mas a guerrilha dificultava a busca. Ngunga é que nem uma flor que, se regar, a flor vai crescer e começar a ter mais folhas e flores até chegar ao máximo da planta. É só regar o Ngunga que existe dentro de cada um de nós e acreditar que se pode mudar o mundo".*

"As Aventuras de Ngunga", Pepetela. Resumo do aluno Leonardo Lima, 7EF)

POSTADO POR LM ÀS 17:27

0 FALE COM A LINA:

Postar um comentário

Postagem mais recente Início Postagem mais antiga

Assinar: Postar comentários (Atom)

Iemanjá, que na tradição Iorubá é nossa mãe, nossa senhora. (Arte de J. Borges)

ESTUDOS O QUÊ???

Á-FRI-COS!! Veja aqui: dicas de sites, livros e filmes relacionados à cultura africana e afro-brasileira. Informações atualizadas do nosso curso, trabalhos, textos de alunos etc.

Seja bem-vindo e aproveite!
Profª Lina

"LINKS LEGAIS"

Museu Afro Brasil
Pé na África (Blog)
Africa - National Geographic

"LIVROS LEGAIS"

Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo
Ogum, o rei de muitas faces
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

"FILMES LEGAIS"

Hotel Ruanda
O Jardineiro Fiel

ARQUIVO DO BLOG

**Figura 33:** "As Aventuras de Ngunga" - resumo do aluno - blog *Estudos Áfricos*.

Transcrição do texto do aluno:

> Ngunga era um garoto pequeno em relação a alguns, mas corajoso. Ele, com apenas 13 anos, enfrentou vários desafios; ele é um órfão, pois seus pais foram surpreendidos nas lavras e mortos.
> Apesar disso, ele ainda é feliz, ele nunca mente, só fala a verdade e sofre muito ao longo da história.
> Ngunga perde seus melhores amigos: União (era seu professor) foi morto pelo inimigo. Chivuala fugiu após ser expulso da escola pelo professor.
> Ngunga pensava que todos os homens eram maus, até seu amigo Mavinga que também foi morto na guerra.
> Após machucar o pé, Ngunga foi ao kimbo do presidente Kafuxi. Lá, ele ficou bastante tempo, mas depois ele foi para outro kimbo, onde conheceu União. Depois de um ataque à escola, eles foram levados para a base dos tugas (portugueses). Levaram União. Ngunga fugiu da base levando duas armas para o kimbo mais próximo. Lá, conheceu Uassamba, a menina de seus sonhos. Uniu-se aos guerrilheiros que foram para o posto, mas depois retornaram ao kimbo onde Ngunga tinha se apaixonado. Ele conversa com Uassamba, mas ela era casada com o presidente do kimbo. Ngunga lhe pediu uma sugestão para mudar de nome e ela falou. Com raiva da injustiça de ver uma menina tão nova casada com um homem tão velho, Ngunga fugiu à noite. Ninguém nunca mais soube dele. Procuraram, mas a guerrilha dificultava a busca.
> Ngunga é que nem uma flor que, se regar, a flor vai crescer e começar a ter mais folhas e flores até chegar ao máximo da planta. É só regar o Ngunga que existe dentro de cada um de nós e acreditar que se pode mudar o mundo. (Transcrição do resumo do aluno Leonardo).

Apesar de percebermos forte envolvimento da classe durante as primeiras etapas do trabalho (leitura, escrita e escolha dos textos), os alunos não se preocuparam em cumprir o prazo estipulado para digitação dos resumos, sendo, então, informados de que apenas aquele que cumpriu essa tarefa teria seu texto publicado. Acreditamos que tal fato tenha desestimulado suas visitas ao blog, pois não houve nenhum comentário a esse post.

Não acreditamos, contudo, que os alunos tenham se desinteressado pelo blog. O último post do primeiro semestre de 2008 foi publicado em 15 de junho. Durante as férias de julho e nos primeiros dois meses do segundo semestre, não houve nenhuma publicação, fato que foi bastante questionado nas aulas e através de comentários no blog, como o do aluno Guilherme, em 31/08/2008.

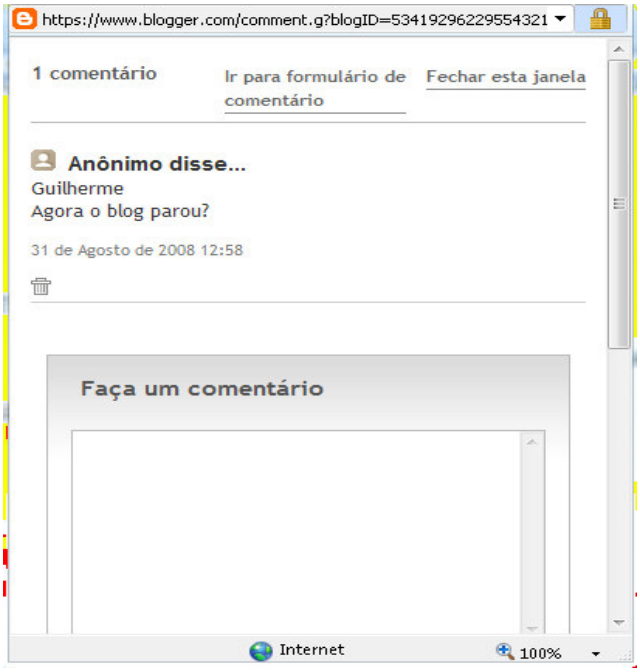



**Figura 34:** Comentário do aluno Guilherme - 31/08/2008 - blog *Estudos Áfricos*.

O último post do ano propunha aos alunos a escrita de uma pequena reflexão acerca de duas imagens discutidas na sala de aula.

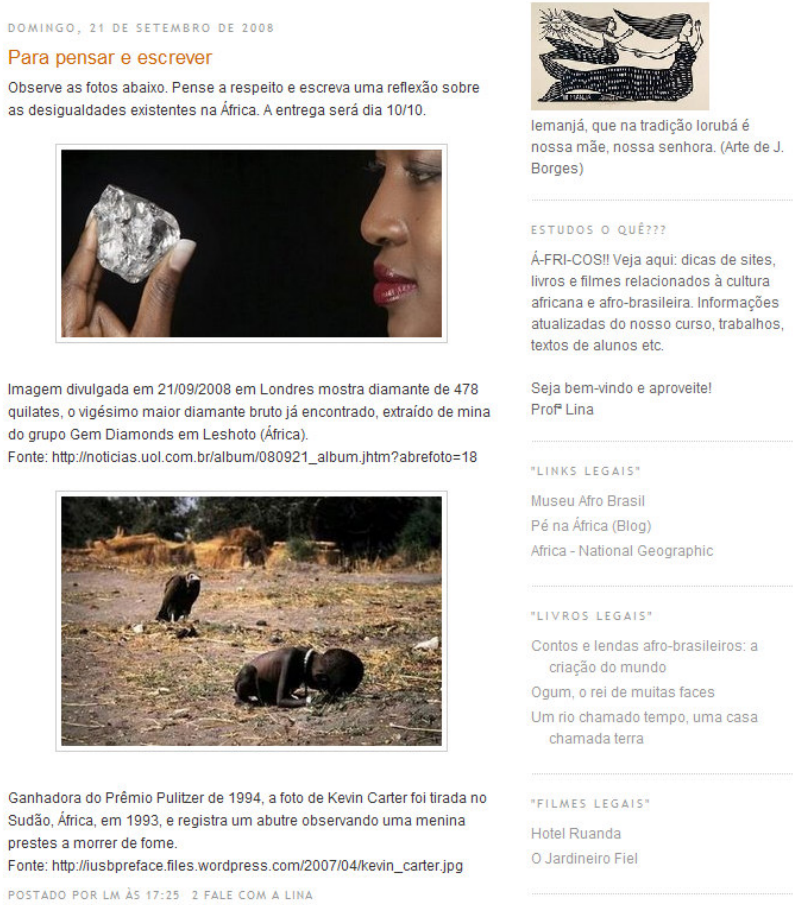



**Figura 35:** "Para pensar e escrever" - 21/09/2008 - blog *Estudos Áfricos*.

A primeira imagem mostra um diamante de 478 quilates encontrado numa mina em Leshoto, na África, e a segunda, ganhadora do Prêmio Pulitzer de 1994, retrata a fome e a miséria no mesmo continente.

Desta vez, foi a professora quem escolheu dois textos para publicação e solicitou que os autores os digitassem. Novamente não houve o cumprimento desta tarefa, e as razões apresentadas foram "esqueci" e "meu computador quebrou", o que, mais uma vez, demosntra a falta de compromisso dos alunos com a manutenção do blog. Isso nos leva a inferir que, apesar de este ser um blog de disciplina, e esperar-se uma participação de alunos e professores, os alunos preferem manter-se apenas como leitores, numa atitude mais passiva do que ativa, esperando que o blog esteja sempre atualizado, e que essa atualização seja feita, preferencialmente, pelo professor.

No final do ano letivo, foi feita uma rápida e despretensiosa pesquisa para verificar a satisfação dos alunos com o uso do blog[11]. Propusemos a eles quatro afirmações:

1) Eu achei importante a utilização do blog nesta disciplina;
2) Gostaria que outras disciplinas também tivessem um blog;
3) Eu acho fácil comentar no blog;
4) As instruções contidas no blog ajudaram a realização dos trabalhos.

Para cada uma delas, os alunos deveriam dar uma das seguintes respostas:

1) Concordo totalmente;
2) Concordo;
3) Estou indeciso;
4) Discordo;
5) Discordo totalmente.

De um total de trinta alunos, 26 responderam à pesquisa, apresentando as seguintes respostas às afirmações propostas:

[11] A aplicação e a análise da pesquisa foram baseadas em método utilizado em pesquisa descrita no artigo **Blogs: Aplicação na educação em Química** (BARRO, M.R.; FERREIRA, J.Q.; QUEIROZ, S.L. Disponível em:<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc30/03-EQM-5108.pdf>. Acesso em 10/11/2008) e as afirmações utilizadas foram adaptadas (para alunos do 7ºEF) das propostas no mesmo artigo.

**Quadro 2:** Pesquisa de satisfação com o uso do blog - alunos do 7º ano.

| | | **Concordo totalmente** | **Concordo** | **Estou indeciso** | **Discordo** | **Discordo totalmente** |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Eu achei importante a utilização do blog nesta disciplina. | 8 | 12 | 4 | 2 | 0 |
| 2 | Gostaria que outras disciplinas também tivessem um blog. | 16 | 5 | 3 | 0 | 2 |
| 3 | Eu acho fácil comentar no blog. | 7 | 10 | 3 | 4 | 2 |
| 4 | As instruções contidas no blog ajudaram a realização dos trabalhos. | 3 | 20 | 2 | 1 | 0 |

Na maioria das respostas, houve uma sinalização positiva quanto ao uso do blog: vinte alunos (77%) concordam com a importância do recurso para a disciplina, enquanto apenas dois (8%) discordam; vinte e um alunos gostariam que outras disciplinas também fizessem uso de blogs. Em contrapartida, apenas dois alunos não veem relevância no uso de blogs na escola ou não gostariam que outros professores aderissem a seu uso.

No que diz respeito à postagem de comentários, sete alunos (27%) apontam dificuldades para comentar no blog, enquanto dezessete (65%) acham fácil. Já, quanto à possível ajuda na realização de trabalhos, vinte e três alunos (88%) veem como positivas as instruções postadas no blog pela professora.

Em todas as respostas houve alunos (entre 7% e 15%) que se abstiveram de expressar uma opinião, registrando-se como indecisos. Levando em consideração a pouca idade dos entrevistados (entre 11 e 13 anos) e as condições em que a pesquisa foi aplicada (logo após a semana de provas, momento em que os alunos já estavam pensando nas férias e, desse modo, mostravam-se mais desinteressados do que no restante do ano), consideramos esse índice bastante irrisório.

Acreditamos, portanto, que o trabalho realizado com o blog *Estudos Áfricos* tenha sido fundamental para o atingimento, ao longo do ano, de um melhor resultado na disciplina, pois, sob o ponto de vista do professor, ampliou o contato entre ele e os alunos, favoreceu o debate de temas extra-classe, ajudou a organizar e propor tarefas, além de ter proporcionado um aumento considerável no tempo das aulas. A visão do aluno não é diferente, uma vez que a grande maioria dos entrevistados concorda que seu uso foi positivo.

## 4.4 PROJETO TÚNEL DO TEMPO - BLOG DE ALUNOS

O projeto *Túnel do Tempo* existe há três anos, e, há dois, suas etapas são publicadas em blogs sob responsabilidade dos alunos. É um projeto interdisciplinar, envolve todos os professores do Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos), bem como os alunos dessas turmas, e sua proposta é, além de ampliar o repertório cultural dos alunos com temas geralmente não abordados na escola, promover a integração entre séries e idades distintas.

Assim, é proposto um tema ou um período sobre o qual os alunos deverão pesquisar, discutir e montar uma apresentação, que pode envolver teatro, artes plásticas, cinema ou qualquer outra forma de representação por eles escolhida.

É montado um calendário de reuniões de discussão e de encontros (ANEXO 1) e, após cada uma dessas reuniões, um dos alunos deve postar no blog o que foi discutido e definido, bem como os próximos passos a seguir.

Em 2008, o projeto teve, como tema geral, *Ética*. Os alunos foram distribuídos em grupos que mesclavam as séries. Para cada grupo, foi atribuído um tema como Propaganda, Educação, Profissões, Internet, entre outros, num total de dez temas, e os grupos deveriam, então, focar sua pesquisa sobre a Ética, naquele assunto específico.

Foram construídos, portanto, dez blogs[12], um para cada tema, e atribuídos *logins* e senhas de acesso para o responsável de cada grupo e seu suplente. O *template* utilizado foi o mesmo para todos os grupos e o primeiro post era padrão para todos os blogs.

---

[12] Disponíveis em:
<http://tuneldotempo08-**imprensa**.blogspot.com/> ; <http://tuneldotempo08-**profissoes**.blogspot.com/>.
<http://tuneldotempo08-**Internet**.blogspot.com/> ; <http://tuneldotempo08-**escola**.blogspot.com/>.
<http://tuneldotempo08-**esportes**.blogspot.com/> ; <http://tuneldotempo08-**meioambiente**.blogspot.com/>.
<http://tuneldotempo08-**propaganda**.blogspot.com/ >; <http://tuneldotempo08-**televisao**.blogspot.com/>.
<http://tuneldotempo08-**ciencias**.blogspot.com/>; <http://tuneldotempo08-**politica**.blogspot.com/>.

**Figura 36:** Blog *Túnel do Tempo - Propaganda* - primeiro post e *template* escolhido para todos.

Transcrevemos, abaixo, o texto do primeiro post, comum a todos os blogs:

> **BEM-VINDO AO TÚNEL DO TEMPO!**
> Caro aluno:
> Este espaço foi feito para você trocar idéias com seus colegas de grupo, entrar em contato com seu orientador e postar seus relatórios de reunião, pesquisas etc.
> Lembre-se sempre de assinar os posts. Você pode usar todos os recursos do blog, como inserir links e imagens, alterar a cor do texto, a fonte ou o próprio lay-out da página. Se tiver alguma dúvida quanto à publicação, procure pelas professoras Barbara ou Lina.
> Fique atento ao calendário de reuniões e às datas de entrega dos relatórios e atividades. Mantenha sempre seus orientadores (nome1) e (nome2) informados do andamento de seu trabalho.
> Bem-vindo ao túnel do tempo e boa viagem!

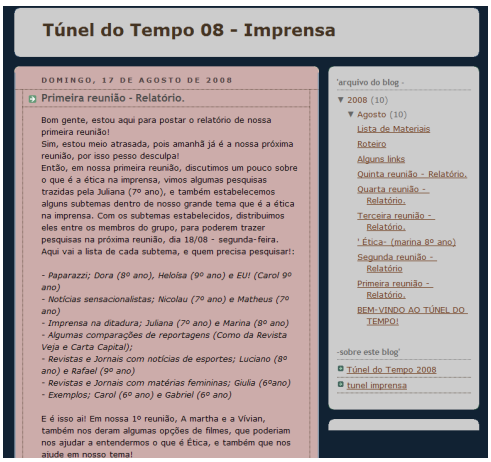
O objetivo dessa postagem era dar as boas-vindas aos alunos de cada grupo, informá-los do nome de sua dupla de professores orientadores, chamar-lhes a atenção para a possibilidade de edição das configurações do blog, além de dar-lhes algumas orientações iniciais e incentivar sua participação.

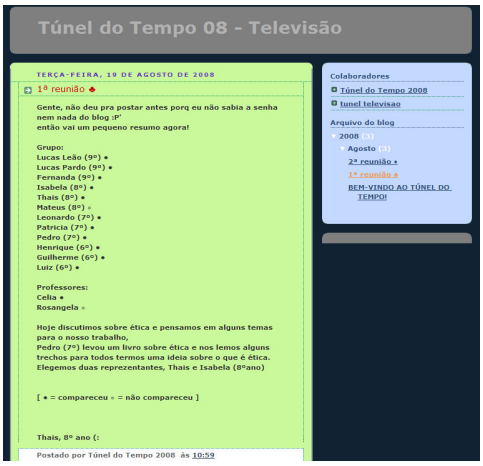
Dois professores orientadores também postaram suas saudações, mostrando-se, assim, bastante envolvidos com o projeto:

> **Grupo Esportes - Post do Professor orientador**
> Caros esportistas viajantes do tempo
> Nos agrupamos e nos reunimos.
> Teremos um mês pela frente para debatermos o assunto ÉTICA NOS ESPORTES.

> Vai dar trabalho pesquisar, discutir, conversar, escrever, estudar, anotar, debater...
> Mas vai ser divertido preparar este trabalho junto com vocês e com o Pedro.
> De repente a gente pode convencer o Pedro a ser o mestre de cerimônias da nossa apresentação.
> O que vocês acham?
> Além disso, preciso lembrar que este espaço tem que ser utilizado por todos nós.
> Quando não estamos reunidos (e serão poucos encontros), este é o espaço que temos para "estarmos juntos".
> Por isso, todos lembrando de acessar o blog e de postar suas idéias, imagens, textos, frases...
> Boa viagem!
> Flávio
>
> **Grupo Internet - Post da Professora orientadora**
> Bem-vindos
> Olá, caros(as) colegas
> Estamos com um tema bem atual, com muito para ser pensado e discutido. Acredito que será um trabalho bem interessante, mas bem trabalhoso também!
> Até breve,
> Barbara

Após a primeira reunião, os alunos escolhidos para serem os responsáveis pela comunicação do grupo deveriam postar um relatório com as decisões tomadas e os próximos passos a serem seguidos. A manutenção dos blogs passou a ser, então, responsabilidade desses alunos, que, a partir desse momento, conforme orientação no post de boas-vindas, poderiam alterar o *template* original, bem como outras configurações. Apesar da liberdade de escolha, nenhum grupo demonstrou interesse em modificar o modelo originalmente criado para seus blogs e apenas dois mudaram suas cores, que passaram a ser assim:






**Figuras 37 e 38:** blogs que tiveram as cores do *template* alteradas após o primeiro post.

Transcrevemos, abaixo, o texto da primeira postagem de cada blog e os respectivos comentários dos grupos:

> **Grupo Propaganda**
> Primeira reunião
> Elegemos Bia (8°) como representante e Pedro Henrique (9°) como suplente.
> Discutimos sobre ética, especialmente nas propagandas.
> Combinamos que todos deveriam pesquisar sobre o tema e sobre as personalidades sorteadas para a reunião do dia 18/08.
>
> **1 Comentário - Lina disse...**
> Aí, Bia!!! É isso mesmo, assim que terminar a reunião, a gente já tem de postar as decisões para não nos atrasarmos! Bjks

O comentário da professora orientadora do grupo *Propaganda* estimula a aluna responsável pela comunicação a continuar desempenhando sua função de divulgar - rapidamente - o que foi discutido nas reuniões.

> **Grupo Profissões**
> Na nossa primeira reunião, dia 13/08/08...
> Logo depois de sabermos quem é cada um no grupo, elegemos 2 (dois) representantes: Henrique e Marco; não foi necessário votação pois houve apenas esses dois canditatos. Para anotar tudo que acontece em reunião escolhemos: Lorenzo.
> A professora presente foi Pamela.
> Nós converamos sobre o que é ética no geral, conversamos sobre a ética nas profissões, Pamela explicou os nomes recebidos para sorteio, quem eram e porque têm a ver com ética.
> Pesquisa sobre código de ética em profissões diversas:
> - Medicina: Tereza; Luiza e Pamela
> - Empresas: Tadeu e Henrique
> - Direito: Marcelo; Murilo e Felipe
> - Educação: Arthur e Rodrigo
> - Segurança pública: Henrique; Lorenzo; Marco e Danilo
>
> Resumindo: elegemos os cargos e discutimos sobre ética fora e dentro do tema profissões e organizamos pesquisas para aprofundar sobre a ética profissonal.
>
> **Não houve comentários.**

O post do grupo *Profissões* explica rapidamente, mas com riqueza de detalhes, as tarefas de cada aluno, bem como o que foi discutido na reunião. Ao finalizar a redação, o aluno faz, ainda, um resumo do que postou, mostrando que uma possível função dos blogs escolares seria a de **fazer um registro capaz de propiciar o acompanhamento das atividades por um aluno que tenha faltado àquela reunião, por exemplo**.

> **Grupo Internet**
> 1º Reunião
> Olá
> Nesse blog iremos escrever um diário nem tão diário das reuniões feitas na escola (ou fora dela) sobre o nosso trabalho.
> Essa reunião foi essencial para o andamento do trabalho, pois fizemos uma discussão sobre o que é ética. Mas essa reunião teve um motivo especial pelo

> qual ela foi tão importante: Decidimos quem vai ser representante! Depois de uma votação a Bruna foi eleita.
> Bem, voltando ao assunto, percebemos que o grupo estava bem preparado para essa reunião: Todos leram as fichas sobre ética.
> No final, todo mundo já havia entendido o que é ética, então começamos a discutir sobre "ética na Internet", as discussões variaram bastante, desde privacidade até correntes no Orkut.
> Bem... é isso, ninguém faltou e as duas professoras vieram... Espere pelas próximas postagens.
> ATENÇÃO:
> A Lição de casa é a seguinte: Trazer escrito uma pesquisa sobre ética na Internet e quais são os planos, leis e banimentos contra a anti-ética na Internet. Trazer na próxima reunião: Dia 18 de Agosto, as 9:20 AM.
> Ivan
>
> **Não houve comentários.**

Observamos que esse é o segundo post do grupo *Internet* sobre a primeira reunião. O primeiro foi excluído pela professora, por conter observações que poderiam parecer ofensivas a outros elementos do grupo. A professora conversou com o representante, que se comprometeu a reescrever o post. Na reunião seguinte, em continuidade à discussão do tema do grupo - Ética na Internet - a professora propôs algumas regras de etiqueta para postagens na rede. Observamos a **importância do papel de mediador e orientador desempenhado pelo professor, em atividades que promovam a publicação de textos na Internet ou em outros meios de acesso público**.

> **Grupo Escola**
> Primeira e Segunda reuniões
> Hoje vou postar sobre o que conversamos na 1° e 2°.
> na primeira reunião (creio eu, que foi uma quarta-feira. não lembro) nós discutimos O QUÊ ERA ÉTICA. (Acho que não preciso postar oq é aqui; todos vocês já devem saber). Discutimos principalmente a ética na escola e etc e tal. Não decidimos o representante nessa reunião.
> Já na 2ª reunião, que foi uma segunda-feira, começamos a reunião inicialmente com isso: decidindo o representante. Foi uma maneira justa, eleição. (Dudu queria que fosse na sorte mesmo, não daria muito certo) Os candidatos (André e Maria, UASHUAS) se elegeram, quem ganhou obviamente foi André - 8° ano, e Maria - 8° ano também, é Sub-Representante.
> Então, Representante: André, Sub-representante: Maria.
> Como cheguei tarde na reunião por causa da prova de português, só pude pegar da metade do assunto; estavam comentando sobre o texto que Lara, 6° ano, trouxe sobre a tia dela, falando sobre ética na escola. (André irá postar o texto mais tarde, aqui no blog).
> Durante a reunião, comparamos a ética dos estudantes de escola pública e os de escola particular (em que Sônia M deu um exemplo engraçado de como se chamavam as escolas particulares antigamente, a “PPP, 'PAPAI PAGOU, PASSOU").
> Ainda não decidimos oque iremos fazer do trabalho; temos de decidir logo isso, porque só temos mais 6 reuniões pela frente para a apresentação.
> Faltas das reuniões: Jasmim e Helena (2ª reunião)

Um beijo,
Maria Isabel. Lol

**1 Comentário**
André, vê se posta o texto da Lara.
Maria :D

O post do grupo *Escola* contempla informações sobre as duas primeras reuniões. Provavelmente, não houve postagem após a primeira, porque o representante só foi escolhido na segunda reunião. Observamos a linguagem descompromissada usada pela suplente do representante - "creio eu, que foi uma quarta-feira. não lembro" -, bem como o uso de palavras abreviadas - " **oq** " ao invés de "o que" -, expressões - **UASHUAS** (indicativo de risada) - e símbolos característicos das conversas em programas como MSN - " **:D** ", no qual o sinal de dois pontos ( : ) e a letra "d" maiúscula ( D ) representam os olhos e a boca, respectivamente, simbolizando um amplo sorriso. Ressaltamos, ainda, o fato de a aluna registrar o comentário "engraçado", da professora, acerca do modo como as pessoas referiam-se às escolas particulares no passado ("PPP, PAPAI PAGOU PASSOU"), demonstrando que o blog teve, de fato, **a função de registrar não apenas os assuntos discutidos, como também os momentos engraçados da reunião**.

O campo para comentários foi usado pela suplente para enviar um recado ao representante do grupo em que reforçava a necessidade de publicação do texto da aluna Lara, tarefa que ficou sob responsabilidade do representante ("André, vê se posta o texto da Lara"). O recado demonstra, assim, que outra possível função para o blog seria a de **cobrar e acompanhar a realização de uma tarefa importante, garantindo assim o andamento do trabalho do grupo**.

**Grupo Esportes**
Na primeira reunião discutimos alguns esportes interessantes para trazer pesquisas para a proxima reunião.
Os esportes são :
-Tennis
-Hipismo
-Natação
-Vela
-Maratona
-Formula 1
-Salto
-Basquete
-Judô
-Futebol
-Ginastica
-Volei de Praia
Postado por : Beatriz , Tarik e Luiza

**Não houve comentários.**

O post do grupo *Esportes* fez um registro de todos os esportes apontados na reunião, para que os participantes efetuassem pesquisas sobre eles. Não foi divulgado, no entanto, o que já havia sido discutido sobre cada um desses esportes, mostrando certa despreocupação com a sequência dos trabalhos - o que lhes rendeu uma chamada de atenção por parte de seu professor orientador, como veremos adiante.

**Grupo Política**
Primeira Reunião
Caros Alunos e Professores..
Estou aqui para informar como foi a nossa primeira reunião!
Primeiramente gostaria de agradecer o aluno Ivan do 9 ° ano, pois sem ele nosso grupo
não saberia como postar no blog!
Mas continuando..
Os alunos que compõem o grupo são:
Ana Carolina; Carlos Henrique e Lucas Netto - 9° ano.
Lucas Tadeu; Fábio e Lucas Miller - 8 ° ano.
Felipe ; Júlia e Thor - 7° ano.
Bruna; João Pedro ; Guilherme Elias - 6° ano.
Enfim.. Um ótimo grupo!
Nossas professoras são a Marta e a Sonia (de história).
Embora as reuniões aconteçam (na maioria das vezes) em dias que as duas professoras não
dão aula, a Marta tentará comparecer, e as duas estarão abertas a duvidas e a sugestões
então qualquer coisa é só procurá-las no recreio !
Nessa primeira reunião o Fábio do Oitavo ano não compareceu, e a Sonia também não.
Elegemos o representante (Lucas Netto), e a suplente (Ana Carolina), os dois do 9° ano.
Tivemos várias idéias de como faríamos a apresentação e qual acontecimento iríamos apresentar e elegemos as melhores idéias - as quais são segredo, esperem até a apresentação.
Também pegamos os e-mails dos integrantes do grupo para eventual comunicação.. espero que todos tenham anotado.
Para o dia 18 temos uma pequena lição de casa que é:
Pesquisar o que é política (trazer num papel e SABER do que se trata.)
Pesquisar a evolução da política através dos tempos (ou seja como era a política antigamente e como se transformou até chegar aos dias de hoje).
SE conseguirem (não é obrigatório) assistir o filme 'Forrest Gum', é um filme muito bom mas apenas fala da política nos EUA.
Até segunda;
Ana Carolina- 9 ° ano.

**Não houve comentários**

Em seu post, o grupo *Política* lista o nome dos alunos e professores participantes, anuncia os representantes eleitos, divulga as tarefas para a próxima reunião, além de apresentar uma sugestão de filme e criar um certo suspense quanto às idéias surgidas para a

realização do trabalho ("as quais são segredo - esperem até a apresentação"), dirigindo-se, claramente, a um possível leitor externo, e não apenas aos participantes do grupo, o que indica ser o blog um possível **caminho para a divulgação de trabalhos dos alunos**. Em contrapartida, o fato de não haver restrições de acesso gerou a preocupação com a "espionagem", uma vez que os grupos deveriam causar impacto com suas apresentações e não poderiam, portanto, correr o risco de terem suas ideias copiadas por outros grupos.

A representante faz, logo no início, um agradecimento ao aluno Ivan, que pertence a outro grupo (*Internet*), mas a ajudou a entender os mecanismos de publicação no blog, corroborando assim o caráter público - e colaborativo - desse tipo de trabalho, uma vez que, para ler seu agradecimento, ele precisaria visitar seu blog.

> **Grupo Televisão**
> 1ª reunião ♣
> Gente, não deu pra postar antes porq eu não sabia a senha nem nada do blog :P'
> então vai um pequeno resumo agora!
> Grupo:
> Lucas Leão (9º) •
> Lucas Pardo (9º) •
> Fernanda (9º) •
> Isabela (8º) •
> Thais (8º) •
> Mateus (8º) ○
> Leonardo (7º) •
> Patricia (7º) •
> Pedro (7º) •
> Henrique (6º) •
> Guilherme (6º) •
> Luiz (6º) •
> Professores:
> Celia •
> Rosangela ○
> Hoje discutimos sobre ética e pensamos em alguns temas para o nosso trabalho,
> Pedro (7º) levou um livro sobre ética e nos lemos alguns trechos para todos termos uma ideia sobre o que é ética.
> Elegemos duas representantes, Thais e Isabela (8ºano)
> (Legendas: • = compareceu e ○ = não compareceu)
> Thais, 8º ano :)
>
> **Não houve comentários**

A representante do grupo *Televisão* preocupou-se em listar os participantes do grupo e apontar as faltas e presenças de alunos e professores à reunião. Para isso, utilizou elementos distintos das letras ( " • " / " ○ " ) que se destacavam do texto escrito. Percebe-se, também, o uso de símbolos característicos da escrita comumente usada pelos jovens na Internet, como em " **:P'** " simbolizando uma "cara de bobo", na qual o sinal gráfico de dois

pontos ( : ) indica dois olhos e a letra “p” maiúscula ( P ) remete a uma boca com a língua para fora; ou em “ **: )** ”, que simboliza um sorriso, cujo uso do sinal de fechamento dos parênteses indica uma boca sorridente.

O fato de a representante do grupo ter focado sua preocupação em controlar os presentes e ausentes da reunião (que ela expressa, inclusive, com a criação de uma legenda para explicar os sinais utilizados), demonstra que outro possível uso para o blog seria o de **registro e controle das faltas dos participantes, bem como a cobrança de uma maior participação, inclusive dos professores, já que ela os inclui em seu controle.** É importante observar que o blog é público e, por essa razão, qualquer pessoa pode ter acesso a estas informações.

> **Grupo Meio Ambiente**
> Primeira reunião - 13/8/08
> Olá grupo .
> Eu não sou a representante nem sub-representante , mas já que ninguem apareceu aqui , eu mesma vim .
> Bom , tivemos uma votação para saber quem vai ser representante e quem vai ser sub-representante . Para representante ninguem votou em outra pessoa além da Julia - 9º ano , e para sub-representante ninguem votou para outra pessoa além da Letícia - 9º ano .
> Discutimos sobre ética e começamos a pensar em idéias para o trabalho .
> Nem a Cecília nem a Adriana compareceram na reunião , pois não era dia que elas davam aulas , por isso , o Flávio nos ajudou por um pequeno período da reunião , mas não podia ficar muito tempo , ele tinha o grupo dele.
> FALTAS : Cecília [ professora ] , Adriana [ professora ] , Thiago [ 9º ano ] , Rafael [ 7º ou 8ºano ] .
> LIÇÃO DE CASA : Pesquisar sobre seu personagem . Exemplo : WWF , Greenpeace .. e pensar em idéias para o trabalho .
> PROXIMA REUNIÃO : 2ª FEIRA , DIA 18/8/08 [ dia legal : D ] , TERCEIRA AULA , 9:20 AM .
> Bia - 6º ano.
>
> **Não houve comentários**

O post do grupo *Meio Ambiente* não foi feito por um dos representantes, mas por uma das alunas participantes que, provavelmente, ficou insatisfeita com o atraso na publicação dos relatos. Mais abrangente do que os anteriores, ele apresenta os resultados da votação para representante e suplente, relata o que foi discutido na reunião, controla as ausências e presenças, informa os próximos passos a serem desenvolvidos no trabalho (“lição de casa”) e traz a agenda com a próxima reunião, demonstrando que as possibilidades de uso de um blog são, realmente, inúmeras.

**Grupo Imprensa**
Ética- (marina 8º ano)

**Figura 39:** imagem construída pela aluna.

A ética é domínio de si, autodomínio de si diante das poderosas forças dos instintos, de um lado, e da moral, dos costumes, da sociedade de outro. coisa que a imprensa não tem muito, porque na verdade, a ética envolve uma discussão filosófica dos valores, da escolha e da auto escolha, sendo assim, cada um tem seu ponto de vista sobre cada assunto envolvendo a ética, mas oque seria a ética para vocês?
oque também esta rolando é: existe tanta ética quanto nós pensamos na imprensa?
o tema que queriamos retratar seria os paparazzi, mas, ética alí não tem, certo? oque deveriamos mostrar, era que a imprensa confundiu ética com dinheiro e fama, porque as pessoas que escrevem sobre famosos não tem nada de mais, a não ser curiosidade sobre a vida de alguém que fez fama com filmes (por exemplo), mas até então, médicos estão salvando vidas e ninguém os fica persiguindo para pegar a melhor fachada na capa da revista mais popular sobre homens e mulheres famosos, (boa parte) reconhecidos mundialmente.
mas pera aí, não podemos confundir, estamos falando de ética, não podemos misturar a importância das profissões.
realmente, misturei assuntos.
bem, a imprensa acaba se tornando invasiva, intrometida e irritante, pois invadem a vida dessas pessoas por algumas fofocas, que podem ser até inventadas, ou com falsas informações. Neste ponto, é exagero, pois quem disse que precisamos saber da vida deles? são gente como a gente, só que são famosos, não tem graça ficar fazendo falsa fofoca, não tem graça de ler, nem de nada!
é até intediante, no tipo: 'puts, hoje em dia não tem mais assunto para escrever mesmo né?'
palavras para a imprensa: invasão, curiosidade e afobamento. aah é, falsidade.
aah, sim, aí em cima foi a montagem que a dona marina fez :BB
ficou boa? achei uma gracinha (: '(metiiida né?)
-beijo, beijo a todos, espero que alguém tenha lido, comente para eu saber oks?

> **2 Comentários**
> Juliana - 7º ano disse...
> Sua montagem ficou ótima! E o texto também! Achei que o blog está muito bom até agora, porque tem todas as informações das reuniões que a gente fez até agora!!
> bjs
> Juliana - 7º ano
>
> Carol disse...
> Marina, é a Carol 9º ano (de novo! haha) e eu li seu texto! No começo achei que fosse uma pesquisa, e depois percebi que foi você quem escreveu não? Ficou muito bom, e eu gostei muito! acho que se tivesse como você levar na sexta, pra reunião, seria ótimo! espero que mais membros do grupo, visitem o blog, e leiam tudo! Beijo Ma, gostei muito! a foto também está óóótima!

O grupo *Imprensa*, em seu primeiro post, apresenta várias inovações em relação aos demais grupos:

- A representante preocupou-se em divulgar o conteúdo de algumas das discussões da reunião (como a definição de ética por exemplo) e não apenas listá-las;

- Expressou sua opinião pessoal sobre o tema em seu texto;

- Pela primeira vez, um grupo usou uma imagem num post, nesse caso feita pela própria aluna, que a chama de "montagem";

- Há um pedido para que os colegas comentem o texto.

A aluna dá sinais de que o pedido para que os colegas deixassem comentários tinha a intenção de coletar elogios ("aah, sim, aí em cima foi a montagem que a dona marina fez **:BB** ficou boa? achei uma gracinha (: '(metiida né?)"). No entanto, a importância desse chamado pode ser medida pelos elogios feitos ao post, inéditos até aqui: "Achei que o blog está muito bom até agora, porque tem todas as informações das reuniões que a gente fez até agora!!", postado pela aluna Juliana, e também: "Ficou muito bom, e eu gostei muito!", comentário da aluna Carol.

Outro fator que nos chama a atenção é o aval que a aluna Carol dá ao trabalho da representante, ao pedir que ela leve o texto que escreveu na próxima reunião para mostrá-lo aos colegas ("acho que se tivesse como você levar na sexta, pra reunião, seria ótimo!"). As palavras finais de seu comentário reforçam essa aprovação, além de servirem como incentivo para que a representante continue desempenhando seu trabalho com dedicação ("espero que mais membros do grupo, visitem o blog, e leiam tudo! [...] a foto também está óóótima!").

Neste grupo também observamos a presença de características da linguagem usada pelos jovens na Internet, tais como a despreocupação com a grafia correta das palavras ("oque" para "o que"); com a pontuação ou o uso de letras maiúsculas após o ponto final

("[...] de **outro. coisa** que a imprensa não tem muito."); a aproximação da oralidade ("persiguindo" ao invés de "perseguindo", "intediante" em lugar de "entediante"); o uso de abreviações ("bjs", "oks"); onomatopéias ("haha" para riso); símbolos representativos de emoções ("**:BB**" simbolizando uma risada que mostra os dentes); exagero no uso de algumas letras para enfatizar o que se quer dizer ("metiiida", "óóótima") entre outros.

Acreditamos que tais fatores, embora inicialmente possam ser vistos como negativos, apenas demonstram a intimidade das alunas com o uso da web, uma vez que as publicações feitas por adolescentes nesse meio não costumam primar pelo cuidado com a expressão. De todo modo, cabe à escola acompanhar e orientar o aluno quanto ao uso desse tipo de escrita, pois ainda não se sabe o quanto ela pode ser prejudicial e que tipo de influência pode causar. O convívio com a produção textual dessas três alunas em outras disciplinas, ou a observação de outros trabalhos feitos por elas, contudo, permitem-nos afirmar que essa linguagem não influenciou negativamente sua escrita em meios diversos do computador.

> **Grupo Ciências**
> Primeira Reunião [postado pela professora]
> Olá gente! Quero fazer um relatinho rápido aqui das minhas impressões sobre a reunião da quarta feira. Formam o bravo grupo de Ciências:
> Débora, Giovana, e Julia, do 6º ano
> Beatriz, Carlos Eduardo, Guilherme e João Gabriel, do 7º ano
> Daniel e Pedro, do 8º ano
> Fábio, Maíra e Pedro Vidal, do 9º ano
> As professoras são a Cida e eu, Maria Ângela.
> Nossa reunião começou com cada um contando o nome de seu personagem e o que faz, ou fez. A Cida fez uma reflexão sobre a ética, como está presente nas nossas vidas (ou não está, e aí é muito ruim), houve comentários sobre as atividades dos cientistas escolhidos, e pronto, já estava quase no fim da reunião!
> Ficou combinado que vamos dar mais uma olhada nas atividades dos cientistas, na maneira como fizeram suas escolhas, crises, e logo passamos a pensar na forma que terá a nossa apresentação. A Maíra sugeriu uma linha do tempo. Eu pensei em uma coisa, mas conto pra vocês na próxima reunião.
> Por enquanto, eu queria deixar escrito aqui os nomes dos cientistas escolhidos, para termos uma idéia do rumo do nosso trabalho. É claro que não é necessário citar nehum dos cientistas escolhidos, mas seria bom usá-los nessa fase inicial como orientação.
> Os nomes que eu me lembro são:
> Hipócrates
> Galileu
> Isaac Newton
> Maria Curie
> Robert Oppenheimer
> Albert Einstein
> Mayanna Zatz
> Que tal vocês postarem os nomes que estão faltando?
> Bem, o Pedro Vidal lembrou bem, faltou elegermos os representantes.

Um abraço, vou procurar uma coisa e já volto.

**4 Comentários**
Bia disse... (16h11)
Bem, do que a M. Angela falou, faltou o Sigmund Freud e, bem, o representante é o Pedro Vidal e a suplente (?) é a Maíra.
Sigmund Freud foi um grande homem, aos poucos as pessoas começaram á perceber que cada um agia de uma forma diferente, cada um tinha seu temperamente.
Freud decidiu falar com as pessoas, estudar suas mentes, sempre 'puxando' conversa, querendo que a pessoa falasse mais sobre ela, sobre seus problemas, para saber como ajudá-la, ajudá-la psicologicamente. Hoje o Freud é também reconheceido por pai da psicoanálise.
Psicoanálise :
Psico= cabeça, estudando a pessoa se descobre como ela age, como são seus problemas.
Análise= Analisar a mente do passiente.

Bia disse... (16h32)
A próxima reunião é sexta-feira dia 22 terceira aula.
A próxima dia 01/09
A próxima dia 04/09
A próxima dai 12/09 (acho que será a apresentação)
A proxima dia 16/09 (algo em especial que não me lembro)
A proxima será 18/09 (acho que será a avaliação dos trabalhos)

Bia disse... (16h39)
Tirei o texto de Freud da cabeça do meu pai.. Isso é: Fonte: EMeu pai !

Bia disse... (16h56)
Estou com dificuldade para achar os temas, por enquanto só achei da Radioatividade, e com a Marie Curie, sobre a radioatividade 'dela'.

O post da primeira reunião do grupo *Ciências* foi feito pela professora, talvez pelo fato de o representante ainda não haver sido eleito. Observamos sua preocupação em fazer um registro de todos os participantes do grupo (incluindo as professoras e a indicação das turmas de cada aluno), narrar as principais discussões ocorridas no primeiro encontro, retomar as propostas de abordagem do tema e listar os cientistas escolhidos, sobre os quais os alunos deveriam pesquisar. Vale ressaltar o "convite" feito aos alunos para que postassem os nomes que ela, porventura, houvesse esquecido. A frase final do post ("Um abraço, vou procurar uma coisa e já volto") demonstra como é fácil publicar textos num blog. Diferentemente da informação disponibilizada no site da escola, por exemplo, que depende da disponibilidade e do trabalho de alguém contratado para isso, o blog permite que a professora publique seu texto, saia do computador, procure algum outro dado que deseja publicar, volte e, poucos minutos depois, o aluno já consiga visualizar todas as informações disponibilizadas por ela.

Mais uma vez, podemos perceber a importância do convite para que o aluno participe ativamente do blog ("Que tal vocês postarem os nomes que estão faltando?"). Uma mesma aluna fez quatro comentários seguidos (às 16h11, 16h32, 16h39 e às 16h56), dois deles com a intenção de acrescentar informações à postagem. No primeiro, além de responder ao chamado do autor do post (incluindo o nome de Freud esquecido pela professora), apresenta informações já pesquisadas sobre o "psicoanalista".

Durante o período de realização dos trabalhos, percebemos uma participação mais ativa de alguns professores - tanto nas postagens quanto nos comentários aos textos dos blogs - do que de outros, talvez por estarem mais acostumados ao uso da Internet. Podemos afirmar que os grupos sob sua orientação apresentaram - senão os melhores - ótimos resultados no que diz respeito ao uso do recurso, demonstrando, ao final do trabalho, excelente desempenho.

Como exemplo, faremos alguns apontamentos acerca do trabalho do grupo de *Esportes*, cujo blog contou com mais três posts do professor orientador, sempre com o objetivo de chamar os alunos a uma maior responsabilidade com suas tarefas e com o desempenho do grupo:

> **Desorganização (29/08/2008)**
> Caros viajantes esportistas
> [...] A reunião desta tarde foi muito desorganizada; uma parte do grupo acha que o trabalho está "praticamente" pronto... Faltariam alguns textos e depois, ensaios.
> O meu sentimento é que esta não é a opinião de todo o grupo e começo a me preocupar com os resultados do nosso trabalho. Faltam 20 dias para a apresentação: é pouco tempo mas, ao mesmo tempo, se soubermos nos organizar, é tempo suficiente para fazermos uma grande apresentação.
> Nosso próximo encontro será na segunda-feira.
> Vamos ver se conseguimos ter mais produtividade.
> Pensem!
> Flávio
>
> **Reconversando sobre o trabalho (01.09.2008)**
> Esportistas da Viagem
> Continuo pensando muito sobre o nosso trabalho.
> Durmo pouco e sonho muito.
> Pensei em um caminho um pouco diferente.
> Estamos em um país de apaixonados pelo futebol.
> Somos a pátria de chuteiras.
> Nossos melhores jornalistas esportivos falam e escrevem sobre futebol.
> Somos milhões de técnicos de futebol.
> Ao invés de tratarmos de várias modalidades, acho que deveríamos nos ligar somente ao futebol.
> Deveríamos falar de ética e falta de ética no futebol.
> Textos, imagens são abundantes mesmo ítem.
> Dá pra gente reconversar?
> Flávio

> **Reunião do dia 04/setembro (03.09.2008)**
> Colegas de viagem
> Amanhã, quinta-feira, teremos mais um encontro.
> Não poderei estar presente na reunião.
> Lembrem-se: só faltam mais 4 encontros.
> Por esse motivo ORGANIZAR-SE é o mais importante.
> Tenham calma, paciência e uma boa reunião.
> Flávio

Ao post do dia 01.09.08, em que propunha uma mudança de rumo no trabalho, um aluno respondeu (através de um comentário):

> **Martin disse...**
> Então... Eu achei a idéia legal, mas acho que temos pouco tempo para "recomeçar" o trabalho entende?

É importante observar que, apesar da sugestão do orientador, e a exemplo do aluno Martin, o grupo preferiu manter a idéia original, reforçando, de certo modo, **a ideia de horizontalidade das relações estabelecidas.** O trabalho final sobre ética nos esportes mostrou, então, um programa de jornalismo esportivo que tratava da ética em várias atividades esportivas, incluindo hipismo ("Cavalo dopado dá ouro a Rodrigo Pessoa"), basquete ("Caso de apostas na NBA gera polêmica"), tiro ("O tiro tem caso de dopping confirmado"), luta greco-romana ("Sueco joga medalha de bronze no chão"), tênis ("Descoberto escândalo no tênis") e, obviamente, futebol ("Caso de racismo no futebol preocupa a CBF").

Outro fator importante verificado nas postagens deste blog, refere-se à **otimização do uso de material.** A aluna Bia, representante do grupo, publicou uma versão integral do roteiro do programa para que todos pudessem imprimi-lo antes do ensaio (o que minimizou, consideravelmente, os custos com xerox ou impressão, uma vez que cada integrante imprimiu sua cópia em sua própria casa).

O último post do grupo aponta mais uma possibilidade de uso do blog. A representante chama a atenção de três alunos que faltaram à reunião, demonstrando, assim, a insatisfação do grupo com os colegas:

> **Quarta-feira, 10 de Setembro de 2008**
> Bom Luca, Theo e Paulo **vocês que não ficaram na escola terça-feira**, vou falar o que nós fizemos **só para vocês não ficarem por fora**!
> [...]
> Postado por : Bia

As palavras da representante ,"[...] vou falar o que nós fizemos **só para vocês não ficarem por fora!**" (grifo dela), mais do que contundentes, tornam-se agressivas, na medida em que qualquer pessoa, incluindo os pais dos três alunos ausentes, poderia ter visto o "pito". Mais uma vez, ressaltamos a importância do uso de algumas regras de etiqueta em trabalhos publicados na Internet.

## 4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO COM BLOGS

Destacamos, neste trabalho, duas formas de uso de blogs em ambiente escolar. Na primeira delas, o **blog de disciplina** é mantido tanto pelos alunos quanto pelos professores e sua função é a de ampliar o espaço e o tempo das aulas, favorecendo, assim, a existência de um trabalho extra-escolar. Na segunda, os **blogs de alunos** foram usados para acompanhar o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar em grupo.

Vários problemas foram verificados durante o período em que acompanhamos esses trabalhos, tais como: demora ou falta de manutenção dos blogs (implicando atraso nas postagens); falta de compromisso dos alunos com relação à sua efetiva participação na manutenção dos blogs (em postagens e comentários); uso de termos ou linguagem inapropriada e de baixo calão (no caso em questão, houve a interferência da professora); esquecimentos (o aluno passa horas em programas como MSN e Orkut, mas esquece de entrar no blog para ler as novas postagens); "pau" no computador (a melhor desculpa quando não se faz a tarefa pedida); "espionagem", entre outras. Todas essas situações podem desmotivar o trabalho de um ou mais alunos do grupo, como pode ser verificado no grupo *Internet*, segundo a professora orientadora, Barbara H.:

> O uso do blog esse ano no meu grupo não foi muito bom porque foi o detonador das mudanças que ocorreram; foi o meu grupo que colocou o texto um pouco agressivo e cheio de deboche no ar. Depois desse fato, o grupo "esfriou" um pouco com relação ao blog. A experiência do ano passado, por outro lado, foi muito boa, com os alunos atualizando [o blog] após cada reunião. Acho que é uma forma de os meninos se envolverem um pouco mais com o trabalho, pois acham mais interessante colocar a informação no ar do que escrever em um pedaço de papel.

A"espionagem" foi outro problema relatado por vários grupos, pois entrar no blog do colega para ver o que ele tem postado é uma prática bastante comum. No projeto *Túnel do Tempo*, embora, na maioria das vezes, os alunos não tenham escrito comentários nos blogs de

outros alunos, durante as reuniões era possível perceber que eles estavam sempre muito bem informados quanto às possíveis formas de apresentação escolhidas pelos outros grupos (teatro, show de rock, telejornal, comercial etc.), o que demontra que, pelo menos, visitavam com frequência esses blogs. Houve momentos em que esse fato causou muita insatisfação, e alguns grupos passaram a se recusar a publicar as deliberações de suas reuniões nos blogs, temendo a "espionagem". Nesse caso, a solução foi mudar o endereço de todos os blogs na web (e o Blogger oferece este recurso) e não divulgá-los para os outros grupos. Embora não consideremos essa a solução mais adequada, uma vez que a proposta era compartilhar a informação e o procedimento rompe o caráter público dos blogs, naquele momento serviu para evitar o abandono do uso do recurso.

Em ambas as situações, percebemos muito mais vantagens do que problemas nos trabalhos com blogs. A cada post ou comentário, surgiam novas possibilidades, novos possíveis objetivos para os blogs na educação. Entre eles, destacamos:

- **incentivar** a participação de todos os envolvidos;
- **discutir** a proposta de trabalho;
- **convocar** os participantes para as reuniões;
- **controlar** tarefas;
- **publicar** textos para estudos;
- **divulgar** trabalhos de alunos;
- **combinar** encontros extra-classe;
- **sugerir** textos, filmes etc. para complementação de atividades;
- **promover** a interdisciplinaridade;
- **cobrar** participaçao mais efetiva de membros do grupo;
- **minimizar** desentendimentos;
- **agilizar** a publicação de orientações;
- **propor** tarefas;
- **aumentar** o repertório do aluno;
- **divulgar** links relacionados ao assunto tratado;
- **desenvolver** habilidades referentes ao uso dos recursos digitais;
- **registrar** e **controlar** a presença de alunos e professores nas atividades;
- **propiciar** o acompanhamento das atividades pelos alunos faltantes;
- **mediar** e **orientar** discussões;
- **acompanhar** a realização de tarefas;
- **ampliar** a noção de ética na Internet.

Arriscamo-nos, assim, a afirmar que, no projeto *Túnel do Tempo*, o uso de blogs colaborou consideravelmente para a otimização do pouco tempo disponível para a realização dessa tarefa (11 reuniões distribuídas em 33 dias de duração do projeto, conforme Anexo 1 - Cronograma), uma vez que agilizou todo o processo (que deixou de ser exclusivamente desenvolvido na escola), podendo o aluno, assim, consultar (em qualquer lugar com acesso à Internet e a qualquer momento) as novas orientações e diretrizes.

Na disciplina *Estudos Áfricos*, do mesmo modo, o uso do blog ampliou a pequena carga horária, que contava apenas com uma aula por semana, e possibilitou contato mais abrangente do aluno com a realidade, a cultura e os costumes dos povos falantes da língua portuguesa na África.

Acreditamos, assim, que os blogs podem, realmente, despertar o interesse dos alunos e ampliar sua participação nos temas desenvolvidos em sala de aula ou em contexto exclusivamente digital (para o caso de trabalhos solicitados e avaliados através do blog, sem discussão em sala de aula) desde que sejam estimulados com posts frequentes, desafios constantes e propostas diferentes daquelas a que estão acostumados no seu dia-a-dia escolar.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Conhece alguém as fronteiras à sua alma, para que possa dizer - eu sou eu?*
(Bernardo Soares).

Minha relação com a tecnologia começou no final da década de 1980, quando eu ainda trabalhava na área bancária. Era uma época de muitas inovações, o telex havia sido substituído pelo fax e as empresas começavam a se informatizar. Quando os computadores, por fim, chegaram com seus inúmeros cabos, monitores, CPUs (que chamávamos de "torres"), manuais em inglês e caixas e mais caixas de disquetes gigantescos, todas as agências e departamentos do banco precisaram enviar alguém para aprender a usar essas novas máquinas. A maioria dos funcionários, entretanto, não demonstrou o menor interesse naquilo tudo: as máquinas de escrever e calculadoras estavam à disposição sobre as mesas, havia trabalho suficiente, o tempo era exíguo... O comentário geral era: "para que perder tempo com isso"?

Como eu sempre gostei de aprender coisas diferentes das que eu faço no dia-a-dia, candidatei-me à vaga e fui fazer o curso de informática. Com ele, recebi a incumbência de "multiplicar" (era essa a palavra usada quando se queria dizer "ensinar") os conhecimentos adquiridos para os colegas do trabalho. Esse foi o primeiro de inúmeros cursos que fiz e "multipliquei" naquele banco.

Na primeira aula, o professor levou um longo tempo ensinando-nos a ligar e desligar o equipamento, pois acreditávamos que, ao apertar um botão qualquer, poderíamos apagar tudo o que havia no computador. Depois de vários minutos ligando, desligando e adquirindo segurança e confiança no que fazíamos, tudo o que surgiu à nossa frente foi uma tela escura com sinais desconhecidos ( **C:\>** ) a partir dos quais escreveríamos outros comandos tão estranhos como aquele para tarefas simples, como copiar, listar ou salvar, hoje realizadas com um ou dois cliques apenas.

Terminado o aprendizado, era hora de aplicar o treinamento para os colegas do banco. A resistência foi grande: muitos não compareceram no dia combinado, outros tinham compromissos mais importantes e os que foram diziam que não precisavam de computador, que as máquinas de escrever eram suficientes, que aquilo era mais trabalho sem aumento de salário, entre outras justificativas. É claro que, com o tempo, a resistência de alguns diminuiu,

enquanto o computador tomava os espaços da calculadora, da máquina de escrever e do fax, que acabaram por desaparecer completamente de nossas mesas.

Quando, anos depois, iniciei meu trabalho em Educação, os computadores já "dominavam o mundo"; estavam por todos os lados, inclusive dentro das nossas casas e das casas de muitos dos nossos alunos. Graças à minha trajetória anterior, não tive problemas em incorporá-lo à minha prática docente. No entanto, percebi que, para grande parte dos professores com os quais convivia, não era bem assim. Amigos e colegas, muitos deles mais novos do que eu, não possuíam sequer um e-mail, o que dizer, então, das habilidades necessárias para montar uma aula em um aplicativo de apresentações como o *Power Point*, ou fazer uma tabela de acompanhamento da frequência dos alunos, num programa de planilhas eletrônicas como o *Excel*? Inicialmente, não sabia se era resistência ou indiferença, mas esse distanciamento parecia ocorrer, indistintamente, com professores que viviam realidades completamente diferentes: os da Rede Pública e os da Rede Privada; mais velhos ou mais jovens; licenciados, especialistas, mestres, doutores... Lembrei-me, então, do momento em que, há mais de 20 anos, o primeiro computador chegou ao banco em que trabalhava. A recusa e o distanciamento desses professores poderiam, pois, estar relacionados ao costume, já arraigado, de usar a lousa, o giz e o retroprojetor, do mesmo modo que os colegas bancários preferiram continuar a usar a máquina de escrever, a calculadora e o fax aos quais já estavam plenamente habituados.

Comecei, então, a tentar incorporar a tecnologia às minhas aulas. Não havia, contudo, um direcionamento específico para este ou aquele recurso, mas, como atuava em uma escola cuja linha de trabalho permitia que os professores planejassem sua prática de modo bastante independente, propus algumas experiências, como a construção de sites e blogs, ou a gravação de vídeos de debates para publicação na web.

Ao entrar no mestrado, cursei a disciplina *Linguagem, Comunicação e Educação*, com o Prof. Adilson Citelli, na ECA, e tive contato com diversos trabalhos que utilizaram outras linguagens em sala de aula, o que me levou a dirigir minha pesquisa para essa área.

A escolha de adaptações literárias para hipermídia relacionou-se a um interesse pessoal por adaptações, nascido durante a graduação em Letras, quando desenvolvi uma pesquisa de iniciação científica, sob orientação da Profa. Dra. Débora de Angelo, na qual analisamos o trajeto percorrido pelo elemento *crueldade,* na transição da voz do narrador do conto *O Corpo*, de Clarice Lispector, para sua adaptação cinematográfica.

O mestrado seria, assim, ótima oportunidade para tentar responder a algumas perguntas que me incomodavam com relação à linguagem hipermidiática, além das surgidas durante os projetos:

- Ler o texto na tela é a mesma coisa que ler no papel?
- Como se dá a construção de sentido quando partimos de um texto expresso numa linguagem fragmentada, híbrida e não-linear?
- A interatividade favorece o entendimento do texto?
- O aluno será capaz de entender o enredo de uma história "lida" através de uma adaptação para hipermídia, sem conhecer o texto escrito que a originou?
- O texto hipermidiático pode despertar a vontade de ler outros textos do autor (ou do mesmo gênero textual)?
- O texto literário adaptado para hipermídia perde sua autenticidade ou seu *status* de arte?
- Ao usar uma adaptação, estou desprestigiando o texto original?
- Por que usar adaptações, quando posso usar o texto original?

Apesar de a leitura na tela sofrer a influência da luz emitida pelo computador, vimos que, além de possível, ler o texto no écran é uma tendência nos dias atuais e o desenvolvimento de equipamentos como o Kindle, que busca aliar o formato digital à portabilidade do livro impresso, é prova disso.

Por sua vez, a convivência de leitores **contemplativos** (adeptos do livro impresso e da imagem fixa), **moventes** (influenciados pela fotografia, TV e cinema) e **virtuais** (fortemente marcados pela multimídia), na atualidade, demonstra, como afirma Lúcia Santaella, que não buscamos um caminho único, mas caminhamos para um acúmulo de conquistas que necessita, contudo, do desenvolvimento de habilidades distintas e específicas.

A experiência com os alunos do EM e a leitura das hipermídias, por outro lado, mostraram-nos que ainda estamos distantes de compreender minimamente os labirintos percorridos pelo texto nessa linguagem. A construção dos sentidos do texto numa linguagem caracterizada pela fragmentação, ausência de linearidade e hibridismo parece ter sido dificultada pela visão linear com que ainda vemos o mundo. Apesar de conviverem com textos imagéticos e híbridos praticamente desde o nascimento, muitos alunos apresentaram dificuldades para compreender os significados da junção de imagens, sons e demais linguagens que caracterizam a hipermídia. Essa dificuldade reforça a necessidade de um

trabalho mais frequente com linguagens diferentes da escrita na escola, para que possamos buscar o desenvolvimento de uma visão mais crítica dos alunos quanto aos textos híbridos ou imagéticos que consomem a todo momento e de forma quase alienada.

Com relação à interatividade, muito embora alguns alunos que participaram do projeto com as hipermídias, no EM, tenham relatado dificuldades de entendimento do enredo, decorrentes da quebra de unicidade promovida por essa característica da hipermídia, depoimentos dos alunos mais novos contrariaram essa teoria, levando-nos a acreditar que pode ter faltado àqueles um pouco mais de curiosidade na investigação.

Não podemos esquecer, no entanto, que Nelson Rodrigues não possuía uma escrita simples, nem tampouco que *Vestido de Noiva* é uma peça de linguagem e estrutura muito fáceis de entender. Além disso, apesar de não possuirmos a competência técnica necessária para avaliar os trabalhos dos designers que construíram as hipermídias visitadas, é possível que haja em seus projetos equívocos que tenham dificultado a navegação ou deixado de estimular a participação de determinados usuários.

É sabido que as adaptações, quando atingem algum sucesso, estimulam as vendas e a leitura das obras originais. Exemplos recentes, como as adaptações para o cinema de *Cidade de Deus*, *Ensaio sobre a cegueira* e *O caçador de pipas*[1], que alavancaram fortemente as vendas das obras de Paulo Lins, José Saramago e Khaled Housseni, respectivamente, demonstram que assistir ao filme pode levar à leitura do livro. Com uma adaptação de literatura para hipermídia, certamente, poderá ocorrer a mesma coisa, haja vista o fato de um aluno do 8º ano do EF ter lido, por sua própria iniciativa, uma obra densa como *Vestido de Noiva*, após navegar na obra digital. É claro que outros fatores, como o gosto pessoal e a disposição para leitura, precisam ser considerados, não sendo possível, portanto, fazer qualquer afirmação quanto à possibilidade de a navegação estimular a leitura dessa obra ou de outros textos do autor.

Não encontramos elementos que demonstrem que o uso de adaptações desprestigia a obra original. Ao contrário, ao *ler* um texto adaptado, devemos assumir o distanciamento entre a adaptação e o original, uma vez que a transposição entre linguagens implica a necessidade de criar e eliminar elementos, de acordo com os caminhos escolhidos, não mais pelo autor do original, mas pelos adaptadores (diretores, roteiristas, designers, etc.), e com a tecnologia à disposição da produção da obra adaptada (movimentos de câmera, imagens, sons, recursos gráficos etc.).

---

[1] As duas primeiras dirigidas por Fernando Meirelles e *O caçador de pipas*, por Marc Forster.

Do mesmo modo, partindo de Benjamim, arriscamo-nos a afirmar que o *status* artístico de uma obra adaptada (ou reproduzida) não se relaciona à aura ou ao valor cultual vinculados à autenticidade de seu roteiro. Quando ela passa a ser o efeito de uma reprodução, o *status* da arte estaria associado aos processos técnicos garantidores da qualidade da adaptação. Obras fílmicas premiadas, como *Lavoura arcaica* e *A hora da estrela*, ambas originadas de textos literários, comprovam que, na definição do caráter artístico de uma obra, a "realidade da arte" pode ser tão incisiva quanto a "experiência da arte".

A inclusão dos projetos com blogs deveu-se, sobretudo, aos resultados positivos obtidos com o uso desse recurso em apoio às aulas e nos projetos interdisciplinares dos quais participamos. O fato de manter um blog pessoal há algum tempo corroborou a vontade de usar as possibilidades oferecidas pelo recurso em favor do trabalho desenvolvido em sala de aula. Algumas dúvidas, contudo, preocupavam-me:

- Se eu construir um blog para expor parte de minhas aulas, o aluno o acessará?
- É possível construir coletivamente um blog para apresentar um trabalho?
- Que benefícios advêm do trabalho com blogs em sala de aula?

Vimos que o estímulo à visitação do blog através da proposta de desafios constantes é fundamental para a obtenção de resultados. Ainda que a atividade valha nota - o que, por si só, já estimularia os alunos a comentarem - , é importante incentivar a frequência do aluno ao blog com **atividades motivadoras,** como desafios, gincanas e, até mesmo, premiações.

Além de possível, a construção coletiva de blogs, apontada no projeto *Túnel do Tempo*, demonstrou inúmeros benefícios ao desenvolvimento de tarefas em grupo, como explicitado no Capítulo 4. Para o professor, por outro lado, estruturar um blog como forma de apoio e continuidade das aulas também pode ser extremamente positivo. Em ambos os casos, contudo, como apontado por Brownstein e Klein, alguns passos (a decisão do propósito e da autoria do blog, entre outros) devem ser seguidos, para garantir implantação segura do projeto.

Dificilmente, com a aplicação de um ou dois projetos, conseguiremos responder a todos os nossos questionamentos. Cada proposta de trabalho, quando vista como desafiadora para alunos e professores, pode levar ao surgimento de novas dúvidas, à resposta a antigas perguntas, ou ao desejo de tentar novamente, como vimos ocorrer com alguns alunos e professores dessa escola, após a implantação do uso de blogs no *Projeto Túnel do Tempo*, há

dois anos. Ainda que de modo iniciante, os blogs já foram incorporados às suas atividades, como podemos ver nos dois casos descritos a seguir.

A professora Barbara, de Ciências, decidiu que o blog seria o melhor caminho para a apresentação dos relatórios da viagem de estudo do meio do 6º ano e, em parceria com a professora de Português, Vivian, montou um projeto interdisciplinar:

> No 6º ano fizemos o relatório de estudo do meio por meio de blog. Os alunos estavam vendo diferentes formas de contar suas aventuras e desventuras em língua portuguesa. Aprenderam que, ao se escrever um diário, pode-se colocar assuntos secretos, sentimentos, impressões, uma vez que só o próprio autor deverá ter acesso. Ao fazer um blog, tem que estar claro que o material é público, que só se deve colocar o que qualquer um pode saber. Fofocas, sentimentos, segredos, jamais!!!! Dividimos a classe em duplas e cada dupla fez o seu blog. **Se envolveram bastante no trabalho, muitos alunos fizeram questão de colocar os eventos na sequência em que ocorreram, adicionaram fotos tiradas na viagem, se esforçaram para lembrar de todos os detalhes. Para a maioria, blog não era novidade, mas poucos já tinham montado um seu. Mantiveram-se motivados até o fim do trabalho.**

Barbara aponta, também, alguns problemas enfrentados pelos grupos:

> Dois ou três grupos sempre esqueciam o endereço de e-mail e a senha que tinham usado!!! Sempre que eu falava para eles anotarem na agenda, juravam que não esqueceriam!!
> O endereço do blog tb precisou ser modificado por dois grupos, um deles porque as meninas viviam discutindo sobre cada palavra que era escrita, e outro porque **o Google suspendeu o blog por achar que o conteúdo poderia ser não muito adequado,** acho que por causa do nome que as meninas escolheram.

Infelizmente, o nome escolhido pelas alunas não foi informado, mas sabe-se que, realmente, os provedores retiram do ar sites que contenham algumas palavras-chave consideradas inadequadas, ou que tenham sido denunciados por outro usuário[2].

Outra experiência de destaque ocorreu com a apresentação de um trabalho trimestral do 8º ano sobre a história do cinema. Cada dupla de alunos deveria escolher dois clássicos do cinema (a partir de uma lista publicada no blog da professora) e divulgar o filme. Enquanto a grande maioria montou uma apresentação em *Power Point* ou criou cartazes, uma

---

[2] O Blogger não apresenta nenhuma informação quanto à sua **política de segurança**, mas o site de relacionamento Orkut, pertencente ao mesmo grupo, afirma que, após avaliação cuidadosa, poderá "remover conteúdos considerados ofensivos, prejudiciais ou perigosos, como: linguagem de ódio, promoção de atividade ilegal e perigosa, vítimas de *phishing* (fraude eletrônica) ou invasão de conta, conteúdo que facilite *phishing* ou invasão de contas, identidade questionável do usuário".

dupla decidiu construir um blog para apresentar seu trabalho[3], incluindo imagens, links para a página de cada filme (também construídas por elas) e links para vídeos com trechos dos filmes hospedados no site Youtube.

**Figura 40:** Blog construído pelas alunas Dora e Marina - 8º EF.

Assim, do mesmo modo que os cartazes, textos e apresentações em *Power Point*, esse recurso também pode ser usado para a apresentação de trabalhos escolares. Além disso, é importante ressaltar o fato de a dupla de alunas ter incorporado - espontanemente - os blogs à sua vida escolar, demonstrando sua proximidade com a linguagem digital.

Usuária de recursos digitais há mais tempo do que a maioria dos professores da escola, a professora de Química (EF) e Matemática (EM), Maria Ângela, mantém alguns blogs através dos quais propõe e orienta atividades de alunos do 9º ano do EF e do EM. Ela afirma que ainda não "acertou a mão" com o uso do recurso e enfrenta problemas com a frequência dos alunos ao blog:

[3] Disponível em: < http://www.flogvip.net/panorama_dora_marina>.

> [...] Basicamente era assim: eu colocava um conteúdo lá, enviava por e-mail a notificação de que havia material atualizado e ficava de olho esperando comentários. Escolhi, para mim, a variável 'número de comentários' como parâmetro se o blog 'colou' ou não. Para minha surpresa, esse ano foi pior que o ano passado: não consegui mais do que 3 comentários, e todos pedindo coisas ao invés de comentar ou (suprema glória!) complementar a informação. [...]
> Tentei uma enquete (sobre os sistemas de medidas), mas foi respondida por apenas 6 pessoas.

No que diz respeito à variável "número de comentários" usada por Maria Ângela para verificar a frequência dos alunos ao blog, é preciso ressaltar que, como vimos, nem todos os que visitam os blogs tecem comentários sobre seus posts.

A professora aponta outros fatores que também considera negativos, embora discordemos de sua opinião pelo fato de alguns alunos terem visitado o blog às vésperas das provas:

> [...] Pode ser que eles tenham visto e aproveitado alguma coisa, em vésperas de prova, quando eu colocava um grande número de dicas, provas corrigidas, sugestões de leitura etc. Por exemplo: às vezes havia discussão do conteúdo na classe, os que liam faziam questão de falar, mas eu acredito que era uma coisa meio maniqueísta, ganhar pontinhos e credibilidade, essas coisas. Mas para eles [o blog] continua sendo ainda uma outra coisa além do livro, da apostila, da aula... deve parecer repetição.

Apesar de todas as dificuldades, contudo, ela afirma que pretende continuar a usar o recurso:

> [...] Mas não vou desistir, esse ano vou usar o blog de novo. Acredito que os meninos ainda precisem se acostumar, também. Há colégios que trabalham com conteúdo disponibilizado dessa maneira pelo Teleduc: os professores de Física e Química colocam quase tudo lá, desde listas e apresentações em *Power Point* até as recuperações. Mesmo assim, há uma grande dificuldade em conseguir adesão dos alunos.
> Eu desconfio que quando conseguirmos integrar a ferramenta às aulas haverá melhor retorno. Mas integrar de verdade, como parte obrigatória do processo. Por exemplo: "vá lá no blog, leia isso aqui, responda a umas perguntinhas, execute estes aplicativos e depois, aqui na classe, nós vamos dar continuidade à atividade...."

## NA FRONTEIRA

*Eu não possuo o meu corpo - como posso eu possuir com ele? Eu não possuo a minha alma - como posso possuir com ela? Não compreendo o meu espírito - como através dele compreender?*

*Não possuímos nem o corpo nem uma verdade - nem sequer uma ilusão. Somos fantasmas de mentiras, sombras de ilusões, e a nossa vida é oca por fora e por dentro.*

*Conhece alguém as fronteiras à sua alma, para que possa dizer - eu sou eu?*

*Mas sei que o que eu sinto, sinto-o eu.*

*Quando outrem possui esse corpo, possui nele o mesmo que eu? Não. Possui outra sensação.*

*Possuímos nós alguma coisa? Se nós não sabemos o que somos, como sabemos nós o que possuímos?*
(Bernardo Soares)[4].

Os trabalhos aqui apresentados são considerados por nós como experiências de fronteira. Oscilam entre o ambiente ideal em que foram desenvolvidos e as condições reais em que trabalham os professores em nosso país. Sua aplicação na Rede Pública certamente encontrará condições muito mais adversas do que as que vivenciamos numa escola da Rede Privada, pequena e parceira.

Como fronteira, esses projetos não se encerram em si mesmos, nem se pretendem a resolução dos problemas enfrentados pelo professor que, além das dúvidas e inseguranças geradas pela insistência com que a tecnologia adentra nossa prática, depara-se com a falta de equipamentos, treinamento e outras condições mínimas para que possa desenvolver adequadamente seu trabalho. Ao contrário, acreditamos que nossa contribuição, ao descrever essas experiências de fronteira e seus resultados, seja incentivar a quebra da resistência que impede o professor de transpor algumas de suas inseguranças, bem como hábitos e costumes arraigados.

Estar na fronteira, neste momento, é fazer perguntas, ansiar por respostas e desejar mudanças. Por outro lado, é também saber que não há garantias, que o resultado é incerto e que poderá não haver respostas.

A sensação de pisar na fronteira, contudo, nos oferece o olhar visionário com que nos arriscamos a buscar parcerias, delinear projetos, acreditar e seguir adiante.

---

[4] Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.
PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

# REFERÊNCIAS


ALVES, Aline da Rosa; LOPES, Juliana; **O auto da compadecida**, 2006. Disponível em: <http://www.designdehipermidia.com.br/autodacompadecida>. Acesso em: 10 jun. 2007.

ATTIE, João Paulo. **A rede mundial de computadores e a escola.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BALTAZAR, Neuza; AGUADED, Ignacio. **Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baltazar-neusa-aguaded-ignacio-**weblogs**-educacao.pdf ->. Acesso em: 15 dez. 2008.

BARRETO, Sônia Régis. Modos de ler, modos de pensar: leitura e memória. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil, objetos e práticas.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

BARRO, M.R.; FERREIRA, J.Q.; QUEIROZ, S.L. **Blogs: aplicação na educação em Química.** Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc30/03-EQM-5108.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.

BARTHES, Roland. Leitura. In: BARTHES, Roland. COMPAGNON, Antoine. **Enciclopédia Einaudi.** v. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

BELLEI, Sérgio. Autores, leitores e a nova textualidade. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil, objetos e práticas.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

BELTRÃO, Kaizô I.; ALVES, José E.D. 2004. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. In: **XIV Encontro Nacional de estudos populacionais, Caxambu, MG, 1994.** Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_111.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2006.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. (org.). **Teoria da cultura de massa.** 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

BLOGS como ferramenta pedagógica. In: **Revista eletrônica de Educação a Distância**, SEED/MEC. Disponível em: <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos>. Acesso em: 01 nov. 2008.

BONTUSCHKA, Nídia Nacib. **O uso de computadores em sala de aula.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRAGA, E. C. A interatividade e a construção do sentido no ciberespaço. In: LEÃO, Lúcia. (org). **O chip e o caleidoscópio.** São Paulo: SENAC, 2003.

BRAGANÇA, Aníbal. O pretérito futuro do livro. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil, objetos e práticas.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

BRIGATTO, Gustavo. Acorde, Bill Gates: tudo vai ser on-line. In: **Revista Super Interessante**, edição especial "Tecnologias". Ed. Abril, nº 257-A, 2008.

BROWNSTEIN, E.; KLEIN, R. **Blogs**: applications in science education. Journal of College Science Teaching, v. 35, n. 6, p. 18-22, 2006.

BURGARDT, Lilian. **Razões para criar um blog e usá-lo como aliado em sala de aula.** Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=14193>. Acesso em: 02 jan. 2009.

CAMPOS, Claudia Arrura; SOUZA, Maria Lúcia Zoega. Adolescentes e livros: a mediação da escola. In: DIETZSCH, Mary Julia Martins. (org.). **Espaços da linguagem na Educação.** 2. ed., São Paulo: Humanitas, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CAVALCANTE. Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CITELLI, Adilson. Educação e mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson; CHIAPPINI, Lígia. (orgs.). **Outras linguagens na escola.** 4. ed. São Paulo, Cortez, 2004.

_____. Escola e meios de massa. In: CITELLI, Adilson; CHIAPPINI, Lígia. (orgs.). **Aprender e ensinar com textos não escolares.** 4. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COTES, Paloma. Quer aprender? Crie um blog. 2007. In: **Revista Época**, edição 456, 12/02/2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG76347-6014-456,00.html>. Acesso em: 10 out. 2008.

CUNHA, Maria Zilda. A escritura e os novos meios de produção de linguagem. In: **Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, XV Bienal Internacional do Livro de São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 1998.** Anais. Disponível em: <http://www.caracol.imaginario.com>. Acesso em: 15 jun. 2006.

DARNTON, R. Primeiros passos para uma história da leitura. In: **O beijo de Lamourette, mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DIETZSCH, Mary Julia M. Cartilhas: a negação do leitor. In: _____. (org.). **Questões de linguagem:** muito além do Português. São Paulo: Contexto, 1991.

DUTRA, Ítalo et al. **Blog, wiki e mapas conceituais digitais no desenvolvimento de projetos de aprendizagem com alunos do ensino fundamental.** Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25064.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2009.

FERNANDES, Noélia da Mata. **A autoria e o hipertexto**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2003.

FERREIRA, Margarida E. E. **A utilização do blog na educação.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/2017/1/a-utilizaccedilatildeo-do-blog-na-educaccedilatildeo/pagina1.html>. Acesso em: 13 out. 2008.

FIORENTIN, Marli D. Blogs, interatividade a serviço da educação. In: **Revista Eletrônica de Educação a Distância**, SEED/MEC. Disponível em: <http://www.seednet.mec.gov.br/artigo>. Acesso em: 01 nov. 2008.

FURTADO, José Afonso. **Livro e leitura no novo ambiente digital.** 2002. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado/index.htm>. Acesso em: 24 abr. 2006.

GENTILE, Paloma. Blog: diário (de aprendizagem) na rede. In: **Revista Nova Escola**, edição 173, junho 2004. Disponível em: <http://revistanovaescola.abril.com.br/edicoes/0173/aberto/mt_76586.shtml>. Acesso em: 03 nov. 2008.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese.** São Paulo: Avercamp, 2004.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias:** do game à TV interativa. São Paulo, SENAC, 2003.

GUIRALDELLI Jr, Paulo. **História da educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GULLAR, Ferreira. **A morte do livro.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 19 mar. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JOBIM, José Luis. Autoria, leitura e bibliotecas no mundo digital. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil, objetos e práticas.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LANDOW, G. P. Hipertext 2.0: the Convergence of Contemporany Critical Theory and Technology. 1997, apud BRAGA, E. C. A interatividade e a construção do sentido no ciberespaço. In: LEÃO, Lúcia. (org). **O chip e o caleidoscópio.** São Paulo: SENAC, 2003.

LEÃO, Lucia. (org.). **O chip e o caleidoscópio.** São Paulo: SENAC, 2003.

LEBRUN, G. A mutação da obra de arte. In: LEÃO, Emmanuel Carneiro et al. **Arte e filosofia.** Rio de Janeiro, FUNARTE/INAP, 1983.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYONS, Martin. A história da leitura de Gutenberg a Bill Gates. In: LYONS, M; LEAHY, C. **A palavra impressa, histórias da leitura no século XIX.** Casa da Palavra, 1999.

_____. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental** V.2. São Paulo: Ática, 1999.

LYRA, Marcelo. O adaptador. Entrevista com Fernando Meirelles. In: **Revista Língua Portuguesa.** São Paulo: Editora Segmento, ano 3, nº 38, novembro de 2008.

MACHADO, Irene A. Texto & Gêneros: fronterias. In: DIETZSCH, Mary Julia Martins. **Espaços da linguagem na Educação.** 2. ed., São Paulo: Humanitas, 2005.

MAGALDI, Sylvia. É possível educar para e com a TV? In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel. (orgs.). **Integração das tecnologias na educação.** Brasília: Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/>. Acesso em: 15 abr. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARINHO, Simão Pedro. **Blog na educação. Manual básico do blogger**. 2007. Disponível em: <http://d.scribd.com/docs/2bixmj3b5fod22thgrsp.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.

McLUHAN, Marshall. Visão, som e fúria. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEIRELLES, Junia et al. **Vestido de noiva**, 2005. Disponível em: <http://www.neo.design.nom.br/encenamidia>. Acesso em: 03 fev. 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC - **Recursos da Internet para educação.** Disponível em: <http://www.webeduc.mec.gov.br/webquest/index.php>. Acesso em: 15 dez. 2008.

MOURA, Monica. **O design de hipermídia.** Tese de doutorado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

NAGAMINI, Eliana. Televisão, publicidade e escola. In: CITELLI, Adilson; CHIAPPINI, Lígia. (orgs.). **Aprender e ensinar com textos não escolares.** 4. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. O discurso da publicidade no contexto escolar: a construção dos pequenos enredos. In: CITELLI, Adilson; CHIAPPINI, Lígia. (orgs.). **Outras Linguagens na escola.** 4. ed. São Paulo, Cortez, 2004a.

_____. **Literatura, televisão, escola:** estratégias para leitura de adaptações**.** São Paulo: Cortez, 2004b.

_____. Literatura infantil e cinema: estratégias de leitura em sala de aula. In: SPARANO, Magali et al. **A formação do professor de línguas:** interação entre o saber e o fazer. São Paulo: Andross, 2006.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Imagem também se lê.** São Paulo: Rosari, 2006.

OLIVEIRA, Rita de Cassia Alves. Cibercultura, cultura audiovisual e sensorium juvenil. In: LEÃO, Lucia. **O chip e o caleidoscópio.**São Paulo: SENAC, 2005.

PALACIOS, Marcos. **Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva.** 2008. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/palacios/hipertexto.html>. Acesso em: 15 out. 2008.

REHDER, Maria. **Professores usam blogs para educar.** Jornal O Estado de S. Paulo, 20 out. 2008.

RIBEIRO, Gabriela Cuzzuol. A opinião dos roteiristas. In: **Revista Língua Portuguesa.** São Paulo: Editora Segmento, ano 3, nº 38, novembro de 2008.

RICHARDSON, W. **Blogs, wikis, podcasts and other powerful web tools for classroom.** USA: Corwin Press, 2006.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Entre a oralidade e a escrita: reflexões esparsas. In: DIETZSCH, Mary Julia Martins. **Espaços da linguagem na educação.** 2. ed., São Paulo: Humanitas, 2005.

SAN PAYO, Patrícia. **A máquina-literatura.** Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/psanpayo/index.htm>. Acesso em: 24 abr. 2006.

SANTAELLA, Lucia. Panorama da arte tecnológica. In: LEÃO, Lúcia. (org.). **O chip e o caleidoscópio.** São Paulo: SENAC, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Raquel do Carmo. **Pesquisa demonstra que blogs melhoram desempenho escolar.** Disponível em: <http://e-educador.com/index.php/mundo-high-tech-mainmenu-99/3641>. Acesso em: 02 jan. 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A Leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil, objetos e práticas.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

SOUZA, Eneida Maria. **Os Bastidores da criação**. Disponível em: <http://www.ufmg.br/aem/inicial/publicacoes/artigos/souza_bastidores.htm>. Acesso em: 12 dez. 2008.

TEIXEIRA, Ana Maria. **Utilizando o blog no contexto educativo.** Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/8/moddata/forum/31/143/semoc-artigo-blog.pdf>. Acesso em: 10 out. 2008.

USO dos blogs na perspectiva construtivista. In: **Revista Telos**, nº65, out-dez 2005, p. 86-93. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/Educadores/artigos/pdf/blogs_educacao_pdfrv.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2008.

VON STAA, Betina. Sete motivos para um professor criar um blog. 2006. In: **Revista Eletrônica de Educação a Distância**, SEED/MEC. Disponível em: <http://www.educacionalpositivo.com.br/articulistas/betina_bd.asp>. Acesso em: 01 nov. 2008.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

## ANEXO 1 - CRONOGRAMA

# Projeto Túnel do Tempo - 2008
# Cronograma/Objetivos

**O representante (ou suplente) de cada grupo deve postar um relatório em seu blog logo após cada uma das reuniões.**

| DIA | DT | AULA | ATIVIDADE | OK |
|---|---|---|---|---|
| 3ªf. | 12/08 | 5ª | Divisão dos Grupos. Explicação do projeto. | |
| 4ªf. | 13/08 | 3ª | Discutir o assunto. | |
| | | | Eleger representante do grupo e suplente.<br>Definir possíveis sub-temas. | |
| | | | **P/ a próxima reunião:** pesquisar sobre os sub-temas. | |
| 2ªf. | 18/08 | 3ª | Discutir os sub-temas com base nas pesquisas efetuadas.<br>Definir o tema do projeto do grupo. | |
| | | | **P/ a próxima reunião:** pesquisar sobre o tema. | |
| 6ªf. | 22/08 | 3ª | Discutir o tema com base nas pesquisas efetuadas.<br>**P/ a próxima reunião:** aprofundar a pesquisa do tema e trazer texto escrito. | |
| 4ªf. | 27/08 | 2ª | Discutir o tema. | |
| | | | Discutir a forma de apresentação do trabalho.<br>Definir a forma. | |
| 5ªf. | 28/08 | 5ª | Estruturar a apresentação do grupo. | |
| 2ªf. | 01/09 | 5ª | Distribuição de tarefas.<br>Desenvolvimento do trabalho.<br>Ensaio Geral. | |
| 5ªf. | 04/09 | 4ª | Desenvolvimento do trabalho. | |
| 6ªf. | 12/09 | 1ª | Ensaio final/ acabamentos. | |
| **3ªf.** | **16/09** | **todas** | **APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS.** | |
| 5ªF. | 18/09 | 3ª | AVALIAÇÃO DOS GRUPOS. | |